

BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 6 novembro/dezembro 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

| | | | | | |
|---------------|----------|-------|------|----------|----------------|
| Blumenau cad. | Blumenau | t. 52 | n. 6 | p. 1-128 | nov./dez. 2011 |
|---------------|----------|-------|------|----------|----------------|

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein

Diretora Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | **Órgão de fomento** | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy Elaine de Souza | **Imagem**: Capa - Mausoléu Dr. Blumenau na década de 70. Contracapa - traslado dos restos mortais do Dr. Blumenau em 1974.

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry | **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry, 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

I. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Documentos originais Lembranças de imigrante A Colonização do Município de Blumenau nos últimos trinta anos <i>Die Kolonisation des Munizips Blumenau in den letzten dreissig Jahren</i> Otto Wille Tradução: Annemarie Fouquet Schünke | 7 |
| Artigo O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974 Vanessa Nicoceli Cristina Ferreira | 22 |
| A Arma do Negócio: Reflexos da Guerra na Publicidade Roberto Marcelo Caresia | 50 |
| Musas, deusas, colecionismo e educação: as práticas museológicas e o Museu da Família Colonial Mariana Girardi Barbosa Silva | 75 |
| Memórias Olhos azuis! Nem pensar! Carlos Braga Mueller | 94 |
| Burocracia & Governo | 101 |
| Autores catarinenses Quem conhece Calmon? Enéas Athanázio | 119 |
| Índice Índice da Revista Blumenau em Cadernos 2011 | 122 |

APRESENTAÇÃO

Finalizamos o bimestre de 2011, apresentando uma diversidade de temáticas que entendemos ser do interesse de leitores e pesquisadores, pois trata de questões que estão relacionados à história regional e à historiografia catarinense.

Na coluna **Documentos Originais** selecionou-se o artigo “A Colonização do Município de Blumenau nos últimos trinta anos”. O texto assinado pelo autor Otto Wille, proprietário e editor do Wille Kalenders, faz uma retrospectiva das três primeiras décadas do século XX sobre Blumenau e suas adjacências. A tradução é um trabalho da colaboradora Annemarie Fouquet Schünke.

A sessão **Artigos** abre com “O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974”. O trabalho deriva-se da monografia de conclusão de curso intitulada “O retorno do colonizador: representações da memória no traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau”, apresentada em 2009 pela licenciada e bacharel em História, Vanessa Nicoceli, sob a orientação da Prof.^a Cristina Ferreira da Universidade Regional de Blumenau (Furb). Segundo a autora, “o traslado dos restos mortais e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau constituem-se num “evento cultural” proporcionado pela municipalidade, que possui “um papel importante na vida social” da cidade, pois age como propulsor de aspectos da memória, difundidos por intermédio dos discursos, imagens e monumentos que, por sua vez, representam um sentido do real construído historicamente”.

Num segundo momento, o mestre em História Cultural pela Universidade Federal de SC. e professor do Curso de Licenciatura em História da Uninove de São Paulo, Roberto Marcelo Caresia, através do artigo “A Arma do Negócio: Reflexos da Guerra na publicidade”, faz um estudo contextualizado do uso das propagandas inseridas nos jornais locais da época. Mostra o comportamento da sociedade blumenauense e catarinense como um todo, analisando em que medida os produtos anunciados eram consumidos.

Ainda nesta sessão, Mariana Girardi Barbosa Silva, historiadora, mestre em educação e especialista em metodologia do ensino de História e Geografia pelo ICPG – FURB -, re-elaborou um capítulo da sua dissertação para publicar na revista sob a forma de artigo intitulado “Musas, Deusas, Coleccionismo e Educação: as práticas museológicas e o Museu da Família Colonial”.

O jornalista e escritor, Carlos Braga Müller, lembrou, através do texto “Olhos azuis! Nem pensar!”, o polêmico artigo da escritora Raquel de Queiroz publicado na revista O Cruzeiro, após sua passagem pelo Vale do Itajaí. Investigou os comentários da imprensa e as autoridades locais sobre o assunto.

A sessão **Burocracia & Governo** abre espaço para a publicação das atas da Câmara Municipal de Blumenau. Esta documentação faz parte da administração pública. Os originais encontram-se chamuscados, quebradiços e frágeis, portanto, inacessíveis para o pesquisador. Este reduzido acervo é sobrevivente do incêndio ocorrido em 1958, no antigo prédio da Prefeitura Municipal, onde funcionavam também o Fórum e o Arquivo Municipal. Neste sinistro a história regional e catarinense perdeu uma inestimável fonte documental.

O advogado e escritor, Enéas Athanázio, traz para o leitor, em **Autores Catarinenses**, comentários referentes à cidade catarinense de Calmon, cujo artigo intitulou “Quem conhece Calmon?”.

Como ocorre em cada final de ano, Blumenau em Cadernos, com a finalidade de orientar os leitores e pesquisadores, publica o seu Índice geral anual.

Abrimos espaço aos memorialistas, historiadores e pesquisadores para que enviem seus textos às sessões: Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Blumenau em Cadernos, através da sua diretoria e conselho editorial, aproveita o momento para agradecer e desejar aos colaboradores, assinantes, leitores e apoiadores um Próspero Ano de 2012.

Sueli M. V. Petry
Diretora da revista Blumenau em Cadernos



A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU NOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS

DIE KOLONISATION DES MUNIZIPS BLUMENAU IN DEN LETZTEN DREISSIG JAHREN

Von O. W. – Blumenau

Um die Zeit der letzten Jahrhundertwende war das Munizip Blumenau noch sehr wenig bevölkert. Am rechten Ufer des Rio Itajahy-assu' gab es bis Morro Pellado herauf geschlossene Kolonien in Gaspar, Bahu', Garcia, Velha, Weissbach, Cannabach, Indayal, Sandweg, Warnow, Ilse, Ziegenbach, Bode, Bugarbach (Aquadaban); am linken Ufer desselben Flusses Belchior, Itoupava, Massaranduba, Badenfurth, Testo, Pommerode, Pommerstrasse, Tyrolerstrasse, das Beneditto-Tal, Rodeio, Ascurra und Guaricanas. Auf der Subida bis zur Lontra hatten sich schon italienische Kolonisten angesiedelt, die aber wegen der grossen Indianer- und Fiebergefahr wieder abzogen, und sich in den italienischen Kolonien Ascurra, Guaricanas und Rodeio, teilweise in Bugarbach ansiedelten.

In den Koloniezonen wurde ausschliesslich Landwirtschaft und Viehzucht getrieben, und trug der gute Boden sehr viel zum Wohlstand des Munizips bei.

Durch die stete Bevölkerungszunahme der Kolonie entwickelte sich der Stadtplatz Blumenau schnell und herrschte hier schon ein reges Leben. Gut sortierte Geschäftshäuser belieferten die Kolonien und kauften den Kolonisten ihre Produkte ab.

Das Handwerk war gut entwickelt und redet man heute noch mit wehmütiger Erinnerung von dem "guten Schnitt", und der Güte der damaligen Handwerkszeuge, wie Aexte, Foïçen, Facões u. Hakken, die in den Schmieden hergestellt wurden. Wagenbau und Hufbeschlag ernährte so manchen Meister. Die Schmieden von Ernst Kielwagen, Gustav Grahl, Emil Marx und Richter waren in der ganzen Kolonie bekannt, ebenso die Sattlerei von Morauer, die Schuhmacherei von Künzer und die Fassbinderei von Hermann Jark und Wilhelm

A COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU NOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS

O.W - Blumenau*

O município de Blumenau ainda era pouco habitado na passagem do séc. dezenove. Na margem direita do rio Itajaí-açu até Morro Pelado havia colônias fechadas em Gaspar, Baú, Garcia, Velha, Weissbach, Cannabach, Indaial, Estrada das Areias, Warnow, Ilse, Ribeirão das Cabras, Bode, Aquidaban; na margem esquerda, Belchior, Itoupava, Massaranduba, Badenfuhr, Texto, Pomerode, Estrada dos Pomeranos, Estrada dos Tiroleses, o vale do Benedito, Rodeio, Ascurra e Guaricanas. Colônias italianas já haviam se instalado na Subida até Lontras, mas foram abandonadas por causa da incidência de febre e do perigo indígena. Alguns se estabeleceram nas colônias italianas de Ascurra, Guaricanas e Rodeio, outros em Bugarbach (Ribeirão dos Bugres).

Nas regiões colonizadas trabalhava-se exclusivamente na agricultura e na criação de gado; o solo fértil contribuía para a prosperidade do município.

Com o aumento contínuo da população do município havia muita atividade, desse modo, o Stadtplatz de Blumenau se desenvolveu rapidamente. As casas comerciais tinham um bom sortimento de mercadorias e abasteciam as colônias e compravam a produção dos colonos.

O ofício estava bem desenvolvido e ainda hoje é lembrado o corte preciso e a qualidade das ferramentas de trabalho como machados, foices, facões e enxadas que eram confeccionados nas ferrarias. A construção de carroças e a colocação de ferraduras eram o sustento de muitos artífices.

* WILLE, Otto. **Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens**. Ano 20. Blumenau. 1935.p.107-118.

Probst am Salto-Weissbach, nicht zu vergessen die Polsterei von Richard Siebert.

An Industrien gab es als grösstes Unternehmen die Wirkerei der Gebrüder Hering, die, von Hermann Hering im Jahre 1879 gegründet nun schon vielen hunderten von Arbeitern und Arbeiterinnen Verdienstmöglichkeiten gab. Dann folgte die Weberei von Friedrich Karsten am Testo, die Giessereien von Luiz Altenburg und die von Julius Probst in der Garcia. Mit der Zigarrenfabrikation befasste sich die Firma Gustav Salinger & Cia; Seilerwaren bester Qualität fertigte in Salto Weissbach Weise an, während Scheeffler am Stadtplatz eine sehr gute Hausseife herstellte.

Einen bedeutenden Aufschwung brachte die Zuwanderung aus Deutschland, die 1898, nach den Kolonien der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft, des sogenannten Hammonia-Hansa-Distriktes, einsetzte. Mit jedem deutschen Dampfer kamen grössere Einwanderertransporte, die sich in dem Cocho, Hammonia, Rio Taquaras, Rio Sellin und Rio Raphael ansiedelten. Es bildete sich der Stadtplatz Hammonia, mit Sitz der Direktion der oben genannten Gesellschaft.

Anfang 1903 wurde der Karapattenberg, genannt nach den hier am häufigsten aufgetretenen Carapatos (Zecken) besiedelt, der Stadtplatz Neubremen angelegt und verteilten sich nun die Einwanderer über die am rechten und linken Ufer des Rio Hercilio bei Neubremen gelegenen Landlose bis zum Rio Scharlach hinauf. 1904 wurde schon der Rio Krauel besiedelt bis zur Mündung des Rio dos Indios, wo die Schweizerfamilien Grage, Gut, Eberhardt und Müller den Stadtplatz Neu-Zürich anlegten.

Die Einwanderer brachten teilweise Geld, doch immer viele Sachwerte von Deutschland mit, wovon die ganze Kolonie Vorteile hatte. In Blumenau wurden die fehlenden Handwerkszeuge und Gebrauchsartikel eingekauft; in der alten Kolonie wurde das Vieh gekauft, und hat wohl so mancher Kolonist geschmunzelt, wenn ein solcher "Neudeutscher" zu ihm kam. In Gedanken überlegte er, welche Kuh, oder welches Pferd er entbehren könnte und mit der

As ferrarias de Ernst Kielwagen, Gustav Grahl, Emil Marx e Richter eram conhecidas em toda Colônia. Da mesma forma a selaria de Morauer, a sapataria de Künzer e a tanoaria de Hermann Jark e Wilhelm Probst, não esquecendo a estofaria de Richard Siebert.

A maior indústria era a malharia dos Irmãos Hering, fundada em 1879, que empregava algumas centenas de trabalhadores. Na sequência, a tecelagem de Friedrich Karsten, no Testo, a fundição de Luiz Altenburg e Julius Probst no Garcia. A confecção de cigarros ficava a cargo da Firma Salinger & Cia; Weise fabricava corda da melhor qualidade em Salto Weissbach, e no Stadtplatz Scheeffler fabricava um ótimo sabão.

A imigração alemã de 1898 propiciou um desenvolvimento expressivo das colônias da Companhia Hanseática no Distrito Hammonia–Hansa. Com cada navio alemão chegavam mais e mais imigrantes que se estabeleceram em Cocho, rio Taquaras, rio Sellin e rio Raphael. Assim se formou o Stadtplatz Hammonia, com a direção da acima mencionada Sociedade.

No início de 1903 foi povoado o Morro dos Carrapatos, assim denominado pela quantidade de carrapatos lá existentes, fundando o Stadtplatz Neu-Bremen e, desse modo, os imigrantes se espalharam nos lotes sorteados na margem direita e esquerda do rio Hercílio até acima do rio Scharlach. Em 1904 foi povoado a região do rio Krauel até a desembocadura do rio dos Índios, onde se estabeleceram as famílias suíças Grage, Gut, Eberhardt e Müller, fundando o Stadtplatz Neu-Zürich (Nova Zurique).

Uma parcela dos imigrantes trazia dinheiro e muitos objetos valiosos dos quais toda a colônia se beneficiava. Em Blumenau compravam as ferramentas e os artigos necessários que faltavam; o gado era adquirido na velha colônia e muitos colonos sorriam quando um novato alemão os procurava. Ele refletia sobre qual vaca podia dispor e discutia com sua mulher do que precisava em roupa de cama ou vestimenta, para receber

Frau besprach er, was an Bettwäsche oder Kleidungsstücke gebraucht werden kann, um solche, wenn der Käufer kein Geld hatte, in Zahlung zu nehmen. Sehr oft kam es auch vor, dass der Käufer, sofern er Junggeselle war, nicht nur mit einer Kuh oder einem Pferd, sondern auch mit einer Frau den Heimweg antrat, denn in den neuen Siedlungen, war grosser Mangel an heiratsfähigen Mädchen. Auf diese Weise kam der Kolonist zu einer Frau, die er auf der Kolonie so sehr notwendig brauchte, ausserdem bekam er als Hochzeitsgabe eine Kuh und konnte er somit das dadurch ersparte Geld für die Trauungskosten verwenden.

Die schnelle Besiedlung der Kolonie Hansa zwang die Gesellschaft, überall Wege zu bauen. Da nun der neu eingewanderte Ansiedler mit dem Waldschlagen und der Einrichtung seiner Kolonie vollauf beschäftigt war, konnte er sich nicht an diese Verdienstmöglichkeiten beteiligen und wurden die Kolonisten und deren Söhne aus den älteren Bezirken zur Arbeit herangezogen. Da sich aber selten einer von diesen hier festsetzte, griff die Gesellschaft zu folgendem Mittel: Es wurden dem Arbeiter $\frac{2}{3}$ seines Verdienstes ausbezahlt; der Rest wurde ihm auf Landkauf gutgeschrieben. Bei Nichtankauf verlor er diesen Betrag, der auch nicht auf einen anderen übertragbar war. Trotzdem verzichteten sehr viele auf diesen Teil und gingen in die alten Kolonien zurück. Es ist aber doch gelungen, viele tüchtige Kolonistensöhne durch dieses Vorgehen ansässig zu machen, und konnte nun der "Neue" viel von diesen lernen und somit die so ganz anderen Verhältnisse, als die in der alten Heimat, leichter erfassen.

Zum besseren Verständnis des Lesers muss gesagt werden, dass das Hansagebiet sich links und rechts des Rio Hercilio (Rio Itajahy do Norte) hinzieht und sich weiter über dessen Nebenflüsse und deren Quellgebiete erstreckt. Die Nebenflüsse des Rio Hercilio, genannt Nordarm, sind am linken Ufer Rio Taquaras, Rio Sellin, Rio Raphael, Rio Scharlach, Rio Laisz, Rio Plato und am rechten Ufer Rio Krauel und Rio Dollmann.

Der Rio Hercilio vereinigt sich an der Eisenbahnstation Hansa mit dem Westarm und bildet von hier aus den Rio Itajahy-assu'. Dicht bei

estes artigos como pagamento caso o comprador não ter dinheiro. Muitas vezes o comprador solteiro não voltava para casa somente com uma vaca e cavalo, mas também acompanhado de uma mulher, porque nas novas colônias havia falta de moças em idade para casar. Desse modo, o colono conseguia uma mulher da qual necessitava em sua colônia. Além disso, ganhava uma vaca como presente e com o dinheiro economizado podia arcar com as despesas do casamento.

Com a rápida colonização da Colônia Hansa, a Sociedade viu-se obrigada a abrir caminhos em todo lugar. Como o recém imigrado estava excessivamente ocupado com o desmatamento e com a instalação de sua colônia, não podia participar desta oportunidade de ganho. Assim sendo, foram convocados os filhos e os colonos das colônias mais antigas para este trabalho. Como raramente um desses se instalava aqui, a Sociedade tomou a seguinte decisão: o trabalhador recebia apenas 2/3 do seu ganho, o restante era lhe creditado para compra de terras. Caso não houvesse compra, ele perdia o direito sobre este valor, e também não podia transferi-lo para outra pessoa. Mesmo assim, muitos desistiram desta cota e voltavam para as antigas colônias. Apesar disso, muitos destes competentes filhos resolveram se estabelecer e, assim, o novo colono pode aprender muito com estes, bem como compreender com mais facilidade as condições aqui existentes, sendo elas totalmente diferentes de sua pátria.

Para melhor compreensão do leitor é preciso frisar que a Colônia Hansa, localizada à margem esquerda e direita do rio Hercílio (rio Itajaí do Norte), se estende acima de seus afluentes até as nascentes. Os afluentes na margem esquerda do rio Hercílio são: Braço do Norte, rio Taquaras, rio Sellin, rio Rafael, rio Scharlach, rio Laíz e rio Plato; na margem direita, os rios Krauel, e Dollmann.

O rio Hercílio se une com o Rio do Oeste na Estação Hansa, formando o rio Itajaí-açu. As terras da Companhia de Colonização,

Hammonia, stossen die Ländereien der Hans. Kol. Ges. an Regierungsländer und den Ländereien von Dr.Lauro Müller, ebenso an die Schulersche Konzession an. Die erst aufgeführten gehen bis an den Westarm heran und sind es die heutigen Siedlungen Sandbach, Steinbach, Salto-Bach, während das Schulersche Land, an der Serra do Mirador gelegen, das heutige Neustettin ist.

In gänzlicher Stille und ohne Zuzug von Deutschland setzte um das Jahr 1906 die Besiedlung des Südarmsgebietes ein, und waren es hier unter anderen die Blumenauer Rudolf Odebrecht, Conrad Wagner und Walter Baumgarten, welche den Stadtplatz Südar (Rio do Sul) gründeten. Dieser liegt an der Mündung des Südarmlusses in den Westarmfluss. Hier führt die Hochlandstrasse, von Blumenau nach Lages und Curitybanos vorbei, auf welcher das Schlachtvieh von dort nach Blumenau und weiter getrieben wird. Beladene Tropas (Eseltruppen) bringen auf derselben die Hochlandserzeugnisse, wie Maté, Trockenfleisch und Trockenhäute nach den Küstenstädten, um dafür wieder Lebensmittel und Gebrauchsartikel einzutauschen. Die Strasse steigt von Morro Pellado aus stetig bis auf die Höhe der Subida, um wieder nach Lontras zu abzufallen. Diese Strecke war seinerzeit sehr gefürchtet wegen des Fiebers und wegen der Indianergefahr, sodass man auf weiten Strecken keine Bewohner fand. Gern brachen die Wilden am Morro da dafona (Mühlenberg) und an der Volta Fina (enge Biegung) aus, um den Reisenden zu überfallen. Deshalb war man froh, wenn man in Sicht des gastlichen Hauses von Heinrich Schröder, Lontra, kam, der sehr bekannt und geschätzt war. Hier war man in sicheren Händen und konnte man immer auf ein gutes Unterkommen rechnen. Weiter herauf, am Matador, wurde man bei Willi Hering und Leopoldo Kriek gut aufgenommen. Hier kam man wieder durch deutschsprachige Kolonien, was man von Bugarbach aus sehr vermisste. Einige Kilometer weiter kam dann der Stadtplatz Südar, wie oben erwähnt. Am Pouso Redondo, schon auf dem Hochlande, hatte sich Leopoldo Knoblauch niedergelassen, und noch viel, viel weiter nach Curitybanos zu, hauste auf seiner Fazenda in Campo dos Ilheos Graf Victor von Westarp.

próximas a Hammonia, fazem divisa com as terras do Governo e as do Dr. Lauro Müller, bem como a concessão de Schuler. As primeiras mencionadas chegam até Rio do Oeste nas localidades Sandbach, Steinbach, Saltobach, enquanto as terras de Schuler junto à Serra do Mirador, hoje se denomina Neu-Stettin.

O povoamento de Rio do Sul iniciou por volta de 1906, sem afluência de novos imigrantes. Os blumenauenses Rudolf Odebrecht, Conrad Wagner e Walter Baumgarten foram os fundadores do Stadtplatz de Rio do Sul. Este se localiza na desembocadura do Braço do Sul no Braço do Oeste. Aqui passa a estrada do planalto que liga Blumenau a Lages e Curitiba, por onde o gado de corte é guiado até Blumenau e até mais adiante. Tropas de mulas levam, pela mesma estrada, os produtos do planalto até as cidades do litoral para trocar por mercadorias necessárias. A estrada sobe continuamente de Morro Pelado até a Subida para então declinar até Lontras. Esta estrada já foi muito temida devido à febre reinante e também pelo perigo indígena, tanto que não havia moradores em trajetos extensos. Os índios vinham do Morro da Atafona e da Volta Fina para atacar os viajantes. Por isso o grande alívio ao avistar a hospedaria de Heinrich Schröder em Lontras, o qual era muito conhecido e respeitado. Aqui, estava-se em boas mãos e podia-se contar com boa hospedagem. Mais acima, em Matador, era-se recebido por Willi Hering e Leopoldo Kriek.

Então, passava-se novamente através de colônias alemãs. Disso sentia-se muita falta desde o Ribeirão dos Bugres. Leopoldo Knoblauch havia-se instalado em Pouso Redondo no planalto e, muito mais além em direção a Curitiba, Victor Conde de Westarp vivia em sua fazenda Campo dos Ilhéus.

Muito dinheiro entrou em Blumenau nos anos 1907-1910, com a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina Blumenau-Hansa. Isso se deve ao simpático e conhecido empresário Peter Christian Feddersen, que

Durch den Bau der Santa Catharina Eisenbahn Blumenau-Hansa, in den Jahren 1907-1910, kam wiederum viel Geld nach Blumenau. Dieses ist dem rührigen und allgemein bekannten Geschäftsmann Peter Christian Feddersen zu verdanken, der diese Gesellschaft in Deutschland zustande brachte. Die Kolonisten und Kaufleute hatten flotten Absatz für ihre Produkte und Waren; der Handwerker hatte reichlich zu tun. Die Kolonie wurde kaufkräftig; der Kolonist konnte jetzt leicht seine Landschulden bezahlen, auch weiteres Land zu kaufen.

Leider trat zur Zeit des Bahnbaues eine starke Fieber-Epidemie in den oberen Kolonien auf. Das lähmte die Arbeitskraft im Süd- und Nordarmgebiet. In der Kolonisation trat ein Stillstand ein; vom Rio Scharlach und Rio Krauel in der Hansa wanderten die Kolonisten teilweise nach Canada, teilweise nach Rio Grande do Sul ab. Der Stadtplatz Neu-Zürich verschwand gänzlich. Wer aber seine, durch sauren Schweiß erworbene Kolonie lieb gewonnen hatte, sodass ihm auch nicht die tückisch'ste Krankheit abschreckte, ist geblieben. Es waren dieses am Rio Krauel Heinz Baars, Ferdinand Wille, Karl Kipfer, Rudolf Müller, Eberhardt, Johann Niess, Johann Schweizer, Andreas Leitis, Wilhelm Göbel und Mühlhausen. Am Rio Scharlach sind nur die Deutschbrasilianer geblieben; in Neubremen Arthur Vanselow, Prachthäuser, Strauch, Haas, Ziege, Arthur Weissenbruch, Fritz Lämmle und einige andere.

Aber auch diese Epidemie trat wieder mehr und mehr zurück, sodass sich die Besiedlung nicht mehr aufhalten liess. Aus Neu-Zürich erstand Neu-Breslau, von Wilhelm Goebel gegründet. Der Rio dos Indios, der Nebenfluss des Rio Krauel, bevölkerte sich. Weiter Revolverbach, Eisenbach, dann der obere Krauel, Uru',Markuk, Dona Emma.

Neu-Stettin bei Hammonia wurde von Hermann Müller, genannt Karapattenmüller, erschlossen, Steinbach, Sandbach und Saltobach durch Dr.Aldinger. Ein Weg wurde durch diese Ländereien von Hammonia aus nach Lontras gebaut, und somit eine schnelle Verbindung mit Südarms hergestellt; über Neustettin ein neuer Weg nach Neubremen.

conseguiu organizar esta sociedade na Alemanha. Os colonos e comerciantes vendiam bem seus produtos e mercadorias, o trabalhador tinha muito que fazer. O poder aquisitivo da Colônia era grande; o colono podia pagar sua dívida sobre a terra, além de comprar outras.

Infelizmente houve uma epidemia de febre nas colônias situadas mais acima durante a construção da estrada de ferro. Isso paralisou a mão de obra na região do Rio do Sul e do Braço do Norte. O processo de colonização parou; uma parcela dos colonos de rio Scharlach e rio Krauel emigraram para o Canadá, outra para o Rio Grande do Sul. O Stadtplatz de Neu-Zürich sumiu totalmente. Porém aqueles, que com o suor de seu rosto aprenderam a amar a sua colônia não teriam desistido mesmo com a mais traiçoeira doença. Heinz Baars, Ferdinand Wille, Karl Kipfer, Rudolf Müller, Eberhardt, Johann Niess, Johann Schweizer, Andreas Leitis, Wilhelm Goebel e Mühlhausen permaneceram no rio Krauel. No rio Scharlach ficaram somente os teuto-brasileiros; em Neu Bremen ficaram Arthur Vanselow, Prachthäuser, Strauch, Haas, Ziege, Arthur Weissenbruch e Fritz Lämmle.

Mas também esta epidemia retrocedeu aos poucos, tanto que nada mais impediu seu povoamento. Fundado por Wilhelm Goebel, Neu-Zürich transformou-se em Neu-Breslau.¹ O Rio dos Índios, afluente do rio Krauel foi povoado, como também o Revolverbach, e acima do rio Krauel o Uru, Makuk, e Donna Emma.

Neu-Stettin, perto de Hammonia, foi desbravado por Hermann Müller, conhecido por Karapattenmüller; Steinbach, Sandbach e Saltobach, por Dr. Aldinger. Uma estrada foi construída através destas terras de Hammonia até Lontras. Assim se estabeleceu uma ligação com Rio do Sul. Um novo caminho foi aberto entre Neu-Stettin e Neu-Bremen.

¹ Atualmente município de Presidente Getúlio

Der Südarml entwickelte sich nun auch sehr rasch. Durch den Weltkrieg, der seit 1914 tobte, konnten keine ausländischen Lebensmittel in den bras. Grosstädten mehr eingeführt werden, ebenso keine anderen Importartikeln. Allmählich hat man sich auch an diese Zeit gewöhnt und sich auf sie eingestellt. Die Industrie bekommt aus den brasilianischen Grosstädten grosse Lieferungsaufträge; die bestehenden vergrössern ihre Betriebe; neue entwickeln sich. Es werden Arbeiter eingestellt; Verdienstmöglichkeiten sind überall. Die Kolonienprodukte steigen im Preise und haben glatten Absatz. Banken errichten Filialen; Kredite werden gegeben. In Indayal und weiter in Encano werden grosse Fabriken zur Verarbeitung von Knollen gebaut, sodass der Kolonist Mandiok, Aipim und Arrut aus der Erde heraus verkaufen kann; Butter und Fett erzielen hohe Preise; Käse ist gesucht.

Die Bevölkerungszahl ist inzwischen in den alten Kolonien angewachsen. Auf einem Stück Land sitzen schon mehrere Familien. In den neueren Bezirken wachsen die Söhne der ersten Einwanderer auch heran und brauchen Land. Die italienischen, alten Kolonien sind auch übervölkert. Da aus Deutschland kein Zuzug mehr kam, sah sich die Direktion der Hans. Kol. Ges. in Hammonia gezwungen, die Besiedlung auch für anders sprachige freizugeben. So verteilte sich die Besiedlung auf Südarml und Hansa.

Mit der Regierungübernahme des Staatspräsidenten Dr.Hercilio da Luz im Jahre 1918, begann für die Kolonisation des Munizips ein neuer Abschnitt. Weitblickend, erkannte er, dass ein Staat nur dann vorwärts kommen kann, wenn er durch Verkehrswege erschlossen wird. Nun schloss er Strassenbauverträge mit verschiedenen Unternehmern ab, die sich verpflichteten, als Bezahlung teilweise oder auch ganz Land in Zahlung zu nehmen.

Nun began im ganzen Munizip eine rege Strassenbautätigkeit. Folgende Ländereien wurden dadurch erschlossen: Das grosse Gebiet in Encruzilhada der Companhia Bona, die Ländereien der Lontra durch Willy Hering, Lauterbach durch Gottlieb Reif, der Westarm durch Luiz Bertoli, der Tayó

Rio do Sul progrediu rapidamente. Como consequência da Guerra Mundial a partir de 1914, as cidades grandes não puderam mais importar mantimentos, bem como qualquer outro artigo. Aos poucos, as pessoas se acostumaram e se adaptaram a este período. As indústrias receberam muitos pedidos das cidades grandes; as existentes aumentaram o empreendimento e outras surgiram. Operários são admitidos, existem possibilidades de ganho em toda parte. O preço dos produtos coloniais sobe e as vendas são muito boas. Os Bancos abrem filiais, existe crédito. Em Indaial e Encano são construídas grandes fábricas para o beneficiamento de tubérculos, tanto que o colono consegue vender mandioca, aipim e araruta diretamente do campo. A manteiga e banha sobem de preço e há procura por queijo.

Nas antigas colônias houve um aumento significativo de habitantes. Existem propriedades onde vivem algumas famílias. Nas áreas mais novas os filhos dos primeiros imigrantes estão crescendo e necessitam de terras. As antigas colônias italianas também estão super povoadas. Como não vieram mais imigrantes da Alemanha, a direção da Sociedade Hanseática de Colonização, em Hamburgo, viu-se obrigada a abrir a colônia para imigrantes de outra nacionalidade. Assim, a colonização foi distribuída entre Rio do Sul e Hansa.

Dr. Hercílio da Luz assumiu a presidência do Estado em 1918, a partir de então se iniciou uma nova fase para a colonização do município. Como homem de visão, percebeu que um Estado somente se desenvolveria com abertura de estradas. Ele fechou contratos para construção de estradas com diversos empreendedores, que se comprometiam em receber terras como pagamento, tanto um valor parcial ou total.

Assim, iniciou-se uma movimentada construção de estradas em todo município. Na região mais extensa foram abertas as seguintes

durch Oswald Odebrecht und Victor Gärtner, und das grösste Gebiet Trombudo, Trombudo Central und Trombudo Alto mit seinen vielen Nebentiefen durch das Sindicato Agricola u.s.w.

Alle diese Gebiete sind heute zum grössten Teil besiedelt. Das Vorgehen des Staatspräsidenten wurde seinerzeit von vielen verurteilt. Man überlege aber, Blumenau hat heute zusammen mit Rio do Sul ein Strassennetz von ca. 3600 Kilometern. Wo diese hindurch führen, gibt es wohl wenig unbesiedeltes Land, und dann meistens nur deshalb, weil es minderwertig oder unbebaubar ist. Weiter haben die Konzessionäre, um das eigene Land besiedeln zu können, auf eigene Rechnung Strassen bauen müssen, deren Kosten sehr hohe sind, da das Gelände im Munizip Blumenau zum grössten Teil gebirgig ist. Dann werden ja auch von der Staatsregierung hohe Landsteuern erhoben, die doch wohl eine gute Einnahmequelle bedeuten.

Der Erschliessung durch Verkehrswege ist es zu verdanken, dass das Munizip Blumenau das geworden, was es heute ist. In den letzten Jahren wurden in der oberen Hansa die Deutschrussen angesiedelt und heisst deren Niederlassung Witmarsum.

Wer nun Blumenau vor 30 Jahren kannte und es heute wieder sieht, kann sich ein Bild machen von dem Fortschritt auf allen Gebieten. Nur eiserner Fleiss jeder Bevölkerungsschicht hat das Munizip auf die heutige Höhe gebracht. Als Industriestadt steht Blumenau im Staate mit an erster Stelle. In der Landwirtschaft, ebenso in der Milchproduktion ist das Munizip nicht zu überflügeln. Für die Kolonisation ist noch vorläufig Land genügend vorhanden, denn es sind noch die grossen Gebiete des Neissetales frei, die bis nach Brusque herübergehen. Die Zeit wird wohl nicht mehr fern liegen, wo auch dieses Gebiet besiedelt wird.

terras: a grande área na região de Encruzilhada pertencente à Companhia Bona; em Lontras, as terras de Willy Hering; Lauterbach foi ocupada por Gottlieb Reif; Rio do Oeste, por Luiz Bertoli; Taió, por Oswald Odebrecht e Victor Gärtner; Trombudo, Trombudo Central e Trombudo Alto, com suas entradas secundárias (tifas), pelo Sindicato Agrícola, etc.

Atualmente, todas estas regiões estão praticamente habitadas. Na época, a decisão do Presidente foi bastante criticada. Mas, hoje em dia, Blumenau e Rio do Sul dispõem aproximadamente de três mil e seiscentos quilômetros de malha viária. Onde estas passam, existem poucos lugares desabitados, e se houver é porque a terra não é produtiva. Para poderem colonizar suas terras, os concessionários construíram estradas, cujo custo foi caro, pois grande parte da topografia do município de Blumenau é montanhosa. Além disso, o imposto territorial cobrado pelo governo é elevado, mas, certamente, uma boa fonte de renda.

O município de Blumenau deve seu desenvolvimento graças à abertura das estradas. Nos últimos anos os alemães-russos (russos brancos) se estabeleceram na Hansa superior e seu povoamento denomina-se Witmarsum.

Para aquele que conheceu Blumenau há trinta anos, percebe o desenvolvimento em todos os setores. Foi através do trabalho árduo de todas as camadas sociais que o município conseguiu este crescimento. No Estado, Blumenau ocupa o primeiro lugar como cidade industrial, o mesmo acontece na agricultura e é insuperável na produção de leite. Por enquanto ainda existe bastante terra disponível para a colonização, pois a grande região do vale Neisse, que se estende até Brusque, ainda está livre. Há de chegar o tempo em que também esta região será povoada.



O regresso do Ocidental Onizad Or:
representações, us Os da
memória e mit O fundad Or em
Blumenau – 1974

**O REGRESSO DO COLONIZADOR:
REPRESENTAÇÕES, USOS DA MEMÓRIA E MITO FUNDADOR
EM BLUMENAU – 1974***

Vanessa Nicoceli **
Cristina Ferreira ***

Blumenau tornou-se Colônia Particular por meio de um projeto de colonização encaminhado pelo Dr. Hermann Blumenau à Província de Santa Catarina, a partir da segunda metade do século XIX. O referido projeto tinha por objetivo privilegiar a vinda de imigrantes europeus, em especial de origem germânica, para colonizar terras particulares e/ou cedidas pela Província. Com o aceite da proposta de colonização, a partir de 1850 inicia-se oficialmente o movimento de imigração em direção à região de Blumenau.

Desde o período colonial, o lugar carrega o nome do alemão e mantém monumentos e discursos de constante afirmação do mito fundador, com a utilização de representações e usos da memória na cidade.

A proposta deste artigo está centrada em analisar a representação do traslado dos restos mortais de Hermann B. O. Blumenau e a construção de um Mausoléu em sua homenagem, em 1974. A problemática que se

* Artigo derivado da monografia de conclusão de curso intitulada “O retorno do colonizador: representações da memória no traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau”, apresentada em 2009, por Vanessa Nicoceli, sob a orientação da Prof.^a Cristina Ferreira. Trabalho disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/MO/2010/341817_1_1.pdf.

** Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Regional de Blumenau (Furb). (vnicoceli@gmail.com).

*** Doutoranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora do Depto. de História e Geografia da Fundação Universidade Regional de Blumenau. (cris@furb.br).

apresenta intenciona compreender a resignificação de elementos da história da cidade e os usos da memória de Hermann Blumenau para reafirmação do mito fundador, com o propósito de analisar o ritual simbólico e discursivo evocado no evento de transladação dos restos mortais para um Mausoléu.

A CONSTRUÇÃO DO MITO FUNDACIONAL: HERANÇAS COMEMORATIVAS

Para entender a incorporação do mito fundador à figura de Hermann Blumenau, torna-se necessário analisar a formação de discursos que afirmam e reafirmam este sentido, elaborados a partir de elementos constituídos e extraídos da história do município.

No século XIX, o Brasil passou por um movimento de imigração que ocasionou o recebimento de grandes levas imigratórias da Europa. Companhias de imigração investiram nos empreendimentos de colonização de várias localidades do país e também em Santa Catarina, caso da Colônia Blumenau, localizada na região do Vale do Itajaí.

A iniciativa da implantação do empreendimento colonial que daria início à colônia Blumenau foi proposta pelo químico e farmacêutico Hermann Bruno Otto Blumenau, nascido em Hasselfelde, cidade do Ducado de Brunswick. Sua primeira visita ao Vale do Itajaí foi em 1848, com a intenção de estudar as condições locais para posteriormente implantar um projeto de colonização com imigrantes alemães. Em 1850 chegam os primeiros imigrantes provenientes da Alemanha para se fixar na colônia e inicia-se um movimento de imigração e colonização direcionado para a região do Vale do Itajaí.

A história que retrata a chegada dos primeiros imigrantes por intermédio da proposta de colonização de Hermann Blumenau incorpora uma série de discursos de exaltação à figura de certo tipo específico de

imigrante, moldado por meio de características ligadas a uma atuação voltada ao trabalho árduo na região, situação que teria gerado o crescimento da colônia e acarretado um desenvolvimento considerado surpreendente nos primeiros tempos coloniais. Contudo, o desenvolvimento da Colônia foi lento¹, crescia na medida das possibilidades e das dificuldades de localização, investimentos e chegada de mais imigrantes. Mas, ao invés de problematizar o processo migratório, os discursos comemorativos exaltam apenas a forte “vocaçãõ” para o trabalho dos imigrantes alemães e suas apropriações constituem-se em variações e repetições constantes na história local.

A maior parte da historiografia sobre a região, produzida entre as décadas de 1930 e 1990², está fortemente influenciada pela ideia de desenvolvimento e elabora uma versão da história pautada no enaltecimento de “alguns vultos do passado”, fato que possibilita a constituição de discursos que enaltecem os feitos dos imigrantes de destaque, com ênfase às lideranças locais ligadas à colonização alemã, colaborando para divulgar uma situação baseada no mito fundador, personificado na figura de Hermann Blumenau.

Assim, na década de 1970, os discursos oficiais se materializam em um evento de extrema importância para a continuidade dos usos da memória do “fundador” e da ideia de mito fundante no município. Em 1974 ocorre o traslado dos restos mortais de Hermann Bruno Otto Blumenau, sua esposa Bertha Blumenau e sua filha Christine, até então localizados na

¹ BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. FERREIRA, Cristina (org.). **A colônia alemã Blumenau:** na província de Santa Catarina no sul do Brasil. Tradução de Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Cultura em movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002, p. 26.

² Cf. SILVA, José Ferreira da. **O Doutor Blumenau.** 2.ed. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1978 (1.ed. 1930); _____. **Fritz Müller:** bio-bibliografia de um grande cientista. Rio de Janeiro: Alba, 1931; FOUQUET, Karl. **Dr. Hermann Blumenau:** Ein Bild seines Lebens Anhang, Briefe 1846-50. São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1979; HERING, Maria Luiza Renau. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí:** o modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Edifurb, 1987; e KORMANN, Edith. **Blumenau:** arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

Alemanha, para marcar sua permanência no Brasil e homenagear à família do fundador por meio da construção de um mausoléu.

No período em que o evento é realizado, a cidade de Blumenau é marcada pela criação e aperfeiçoamento de um mercado turístico que se apropria de elementos histórico-culturais para constituição do passado da cidade. E “foi a partir da década de 1970 que houve um investimento deliberado para construir a imagem de Blumenau germânica”³, como uma estratégia para atrair turistas à cidade. Aspectos culturais são utilizados e resignificados para a criação de uma localidade amplamente “germânica”, que passaria a ser vendida como um produto, ou seja, a “cidade-alemã” destinada ao turismo no Brasil. O lugar passa a se preocupar em construir e manter feições urbanísticas nos moldes das características consideradas típicas da herança germânica. Este processo conduz a “uma nova reconfiguração dos aspectos urbanos da cidade”⁴, especificamente pautados no potencial turístico do lugar, processo este conduzido e idealizado a partir da própria administração pública local.

Neste íterim, o traslado dos restos mortais e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau constituem-se um “evento cultural” proporcionado pela municipalidade, que possui “um papel importante na vida social”⁵ da cidade, pois age como propulsor de aspectos da memória, difundidos por intermédio dos discursos, imagens e monumentos que, por sua vez, representam um sentido do real construído historicamente.

A constituição do evento utiliza-se de discursos de exaltação do mito fundador e aspectos da memória de Hermann Blumenau para compor

³ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997, p. 73.

⁴ RISCHBIETER, Iara K. A trajetória do turismo em Blumenau, uma análise. In: **Blumenau em Cadernos**, Edição especial de 50 anos. Blumenau: Cultura em Movimento, 2007, p. 192.

⁵ SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana: a maquiagem possível**. Itajaí: Ed. da Univale, 1999, p. 49.

os signos de representação e a legitimidade de sua realização. Desta forma, o conceito de representações pode ser aplicado na análise da apropriação de elementos significativos, na medida em que se torna instrumento para o “conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstruir em memória e de figurar como ele é”⁶. Um objeto, uma palavra, um lugar se tornam símbolos de representação, produzidos através de sentidos de identificação, a partir dos usos de uma memória construída, dos elementos de uma história produzida e de seus significados e resignificações.

A TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DOS “IMORTAIS”

As homenagens estratégicas que recorrem ao traslado de despojos mortais de indivíduos considerados ícones da nação, compõem uma ritualística vinculada à memória e são praticadas e discutidas no Brasil pelo menos desde os anos de 1920, quando os fragmentos monárquicos do imperador D. Pedro II e da imperatriz Thereza Cristina são recebidos em 1921, na cidade do Rio de Janeiro e, em 1925, em Petrópolis, por ocasião das comemorações alusivas ao centenário da Independência do Brasil (1922) e mesmo do centenário de nascimento de D. Pedro II (1925). Mas foi somente em dezembro de 1939, em pleno regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), que aconteceu a decisão sobre o local onde ambos permaneceriam definitivamente: a capela mortuária da Catedral de Petrópolis. Na ocasião, o então presidente Getúlio Vargas utilizou-se da oportunidade para angariar popularidade, prática exercida anteriormente também por Benito Mussolini, o *Dulce*, em relação ao funeral de Anita Garibaldi na mesma década na Itália.

⁶ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990. p. 20.

Em um período muito posterior, já na ditadura militar, sob a presidência de seu terceiro general, Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), o regime brasileiro adentrava a década de 1970 com vistas a uma grande comemoração cívica: o Sesquicentenário da Independência do Brasil, em 7 de setembro. Entretanto, a principal efeméride do país no período encheu-se de um caráter sombrio. Isso porque o maior ato simbólico do evento deveu-se à “lúgubre cerimônia de translação de parte do corpo do imperador [D. Pedro I] (o coração ficou em Portugal) para a capela do Monumento do Ipiranga depois de os despojos mortais terem peregrinado por todo o país”⁷, levada a cabo em um desfile em plena Avenida Paulista que, por sua vez, antecedia em pelo menos dois anos a materialização da “original” ideia da municipalidade blumenauense em trasladar os restos mortais de seu colonizador.

Até então, a imagem de D. Pedro I era veiculada como um monarca que teve um reinado conturbado, uma vida pessoal repleta de casos amorosos extraconjugais e, além disso, havia deixado o país nas mãos de uma criança, quando partiu para suas batalhas em Portugal. A estratégia do regime militar brasileiro em conduzir D. Pedro I à virtude, por meio da reelaboração positiva de sua figura, está relacionada às façanhas militares que o imperador realizou no comando do exército liberal em Portugal a partir de 1828, quando lutou contra o governo absolutista de seu irmão D. Miguel. Esta campanha bélica de D. Pedro I contou com o apoio da população do Porto e, em gratidão à adesão, o monarca deixou em testamento seu coração à cidade lusa. O traslado do corpo imperial ocorreu, por fim, em 1972, por intermédio de um acordo diplomático entre o Brasil e Portugal.

A relação de Blumenau com este momento da política brasileira envolve inúmeros pontos de convergência, a começar pelas visitas que autoridades militares realizaram na cidade, como foram os casos do

⁷ FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, São Paulo, 2004, p. 29.

presidente general Emílio Garrastazu Médici, em maio do ano de 1971, e do vice-presidente, o almirante Augusto Rademaker, em 1972, que corresponde justamente ao ano da efeméride mencionada acima.

Não é obra do acaso, nem tampouco exclusivamente de personagens locais, que no mês de setembro ocorre em Blumenau o evento do traslado dos restos mortais da família Blumenau. A circunstância comemorativa contou com o apoio do prefeito da cidade no período, Felix Cristiano Theiss; personagens políticos dentre a elite local; membros de Clubes de Serviços, como Lions Clube e ainda pessoas ligadas à Fundação Casa Dr. Blumenau. Esta instituição cultural foi criada no ano de 1972 com objetivos relacionados ao desenvolvimento e propagação de aspectos culturais do município, por intermédio da “manutenção das bibliotecas e museus, da instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos”⁸. Com isto, a Fundação Casa Dr. Blumenau intencionava difundir aspectos culturais com base nas “tradições histórico-culturais” da cidade.

A utilização do nome de Hermann Blumenau para a denominação da instituição cultural demonstra a incorporação do discurso fundador configurado na rememoração de um elemento histórico. Também possibilita compreender a constituição dos “efeitos de nossa história em nosso dia-a-dia”⁹, com a reprodução do mito a partir de sua usual utilização nas relações sociais cotidianas, fator que contribui para a produção de novos efeitos na constituição do próprio mito fundador.

A Fundação mantinha a revista Blumenau em Cadernos, criada em 1957 por José Ferreira da Silva, que esteve no cargo de editor até

⁸ **Blumenau em Cadernos**. Tomo XV, n. 09, Blumenau, 1974, p. 1.

⁹ ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993, p. 12.

1973. O periódico tinha como proposta divulgar a “História do Vale do Itajaí” por meio de artigos. As publicações da revista seguiam o objetivo de “reescrever” os fatos históricos da região, para destacar a sua “origem como causa do progresso do município, assim como sua diferenciação com o resto do país”¹⁰. Desta forma, a produção da revista também contribuiu na constituição do mito fundador, a partir dos usos da memória e resignificação de elementos da história do município.

Com isso, as relações entre a Prefeitura Municipal de Blumenau, a Fundação Casa Dr. Blumenau e José Ferreira da Silva ficam evidenciadas. Para marcar a interação entre estes grupos, organiza-se em um primeiro momento, a visita dos descendentes de Hermann Blumenau à cidade e, posteriormente, desenvolve-se uma ideia vinculada ao desejo da realização do traslado de seus restos mortais.

Uma correspondência entre Hercílio Deeke, então presidente em exercício do conselho curador da Fundação Casa Dr. Blumenau, e o Prefeito Felix Theiss, em início de mandato, datada de 22 de janeiro de 1973, indica uma solicitação de auxílios financeiros para a visita dos netos do fundador à cidade¹¹. Os contatos são estabelecidos também por intermédio de José Ferreira da Silva, conforme demonstram suas correspondências trocadas com o neto de Hermann Blumenau na Alemanha.

Os laços formados entre José Ferreira da Silva e o traslado parecem ser estreitos, tanto que a “paternidade da ideia”¹² é atribuída a ele, então historiador da Fundação Casa Dr. Blumenau e responsável pela

¹⁰ SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias da luz**: a narrativa visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos (Dissertação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2008, p. 17.

¹¹ Fundo Prefeitura Municipal de Blumenau (PMB), série Administradores – Felix Cristiano Theiss. Correspondência 1973 (Hercílio Deeke e Felix Cristiano Theiss), 22/01/1973. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” (AHJFS).

¹² Fundo Administrativo Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. SOARES, Luís Antônio. Jornal de Santa Catarina. Da Idéia ao Mausoléu, 06/04/1974. AHJFS.

edição da revista Blumenau em Cadernos. A imprensa também considera a realização do traslado e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau como uma obra realizada “em atenção aos manifestos desejos do saudoso historiador José Ferreira da Silva”¹³. Luis Antonio Soares, jornalista e radialista na cidade, era um dos membros do Lions Clube Cidade Jardim, considerada a entidade propulsora da ideia do traslado e, no seu dizer,

[...] não era um grupo com grandes recursos econômicos e financeiros [...]. E já como o nome do nosso clube era Cidade Jardim eu fiz uma proposta para que nós derivássemos a nossa atividade, no sentido de ser quase um organismo de assessoramento, de orientação, a dar sugestões para a comunidade, a sinalização, ajardinamento, preservação do patrimônio histórico e coincidiu que à época estava por ocorrer o sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil. Sem nenhuma dúvida o maior vulto desse processo foi Dr. Blumenau, e achei que seria uma boa iniciativa nós trasladarmos os restos mortais do Dr. Blumenau para a cidade que foi [...] fundada por ele e berço de toda uma colonização, que se agigantou e que é o orgulho do país. E os meus companheiros de lá bateram palmas, todo mundo achou a idéia maravilhosa e tal. Mandamos uma comissão para falar com o Prefeito, que era o Félix Theiss, o prefeito também acatou de pronto a sugestão, achou muito boa, mandou uma correspondência oficial para o prefeito de Brunswick na Alemanha [...]¹⁴.

Assim, o traslado dos restos mortais se constitui no interior da proposta estabelecida pelo grupo Lions Clube Cidade Jardim, para manter uma interação com os aspectos urbanísticos e patrimoniais do município, que coincidia claramente com as comemorações do sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil. Encontra-se igualmente na fala a incorporação dos discursos de mito fundador e a identificação de Hermann Blumenau como a personificação deste mito. Ao considerá-lo como “o maior vulto” do

¹³ _____. Imprensa. Por que construir o Mausoléu. Serviço de Imprensa da Prefeitura Municipal de Blumenau, 05/04/1974. AHJFS.

¹⁴ SOARES, Luis Antonio. Programa Fale Alto – Rádio Unisul (RFC) setembro, 1993. Entrevistador: Altair Carlos Pimpão. Transcrição: Mariana Luiza de Oliveira/Tássia Bachmann Pabst. Blumenau: CEMOP/FURB, 2009.

processo de colonização da região, aplica-se mecanismos que referenciam a utilização da memória do administrador da colônia, denominado como fundador, para a constituição de práticas representativas no município, com especial enfoque no culto à materialidade simbólica de seus fragmentos mortais para a realização do traslado.

O contato com os descendentes de Hermann Blumenau já estava estabelecido antes da intenção de realizar o traslado dos restos mortais. Uma carta datada de 16 de agosto de 1973, escrita para o neto de Dr. Blumenau, Hermann Blumenau – que possuía parte do nome do avô –, foi assinada por José Ferreira da Silva. No documento, este último relata o pedido para o adiamento da visita dos irmãos Werner e Hermann à cidade de Blumenau no ano de 1973, pois o prefeito da cidade estava demonstrando “a intenção de mandar trazer os restos mortais do Dr. Blumenau, sua esposa e sua filha (...) no próximo ano para as comemorações dos 150 anos de colonização alemã”¹⁵.

A prorrogação da visita dos netos é explicada pela intenção de realizar festividades em comemoração ao Sesquicentenário da Imigração Alemã no Brasil, no aniversário da cidade – 2 de setembro de 1974. A data já era comemorada de forma tradicional no município, assim, o evento agregaria a comemoração dos cento e cinquenta anos da imigração alemã no Brasil, que se configurava em uma data única, fechada e repleta de representatividade. Além disso, “comemorações como essa costumam mobilizar os governantes e a sociedade em geral”¹⁶ e, dentre outras finalidades, possibilitam a passagem da data como um marco histórico da cidade, sua afirmação torna-se um instrumento de perpetuação simbólica

¹⁵ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Correspondências 1973 (José Ferreira da Silva e Hermann Blumenau). Tradução de Sergio Luís Theiss, 16/08/1973. AHJFS.

¹⁶ COSTA, Marli de Oliveira. As identidades e os monumentos: a experiência de Criciúma – SC. In: RAMPINELLI, Waldir José. **História e poder: a reprodução das elites em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2003, p. 492.

de novos elementos significativos.

Esta junção de comemorações “sustenta o sentido que surge e se sustenta nele”¹⁷, o evento reuniria e conjugaria a visita dos descendentes vivos de Hermann Blumenau à cidade, juntamente com o retorno de seus restos mortais. Tudo isso seria realizado no aniversário da cidade para constituir o diferencial do evento, dentro de uma ritualística comemorativa já estabelecida, mas realizada a partir de novas representações acerca da data. Estas escolhas baseiam-se em “retalhos” da simbologia presente no evento já ritualizado, para dar sustento e agregar novos sentidos e representações à comemoração.

A comemoração do sesquicentenário, juntamente com a realização do traslado cria uma valorização dos elementos simbólicos do evento e reforça a ligação de Blumenau com a Alemanha e a rememoração da memória de Hermann Blumenau. As ações remetem a uma clara intencionalidade e indicam que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”, mas produzidos a partir de “interesses de grupos que os forjam”¹⁸, as instituições públicas, a elite política e alguns membros influentes da cidade, envolvidos no evento¹⁹, utilizam o discurso fundador para reafirmar signos de representação que incitam à ideia de promoção da cidade publicamente, ao mesmo tempo em que criam novas práticas representativas.

O LUGAR DA MEMÓRIA DE HERMANN BLUMENAU: A CONSTRUÇÃO DO MAUSOLÉU

Durante o período em que se destaca o evento do traslado

¹⁷ ORLANDI. Op. cit., p. 13.

¹⁸ CHARTIER. Op. cit., p. 17.

¹⁹ A população também se envolve no debate, não é a toa que a imprensa local discute com grande euforia a temática da construção do Mausoléu Dr. Blumenau, porém as relações de apropriações entre os grupos interessados no traslado e os habitantes da cidade não estão dimensionados neste momento na pesquisa.

e da construção do Mausoléu, instaura-se um debate intenso sobre esta temática na imprensa da cidade de Blumenau. A discussão tem como ponto de partida uma matéria intitulada “Por que construir o mausoléu”, de 05 de abril de 1974²⁰, onde o SI – Serviço de Imprensa da Prefeitura Municipal de Blumenau – procura esclarecer a população acerca desta questão.

A matéria apresenta as intenções da municipalidade com a construção do Mausoléu e a maneira como será efetuada a obra. O texto enaltece os feitos de Hermann Blumenau na cidade, comenta suas proezas, as dificuldades pelas quais passou e, principalmente, sua grande importância para o desenvolvimento da cidade, ao tratá-lo como o homem que “fez valer o tema de sua existência: ordem, progresso, desenvolvimento e trabalho, que hoje, como herança, continua sendo o apanágio maior da nossa gente”²¹.

O discurso de enaltecimento da figura de Hermann Blumenau está baseado no mito fundador que cria “um passado inequívoco e [...] a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido”²². A fala do SI se baseia em elementos da história da cidade, contudo, “não estamos pensando a história dos fatos [esta não é intenção do SI], e sim o processo simbólico”²³, com o intuito de dar sustentação para algo que se pretende realizar no presente. Desta forma, o discurso torna-se depositário da significação constituída acerca da figura de Hermann Blumenau, com a intenção de conferir um caráter indelével e indispensável ao Mausoléu como tributo à sua memória, e assim tornar “justa, portanto, sob todos os aspectos, a homenagem” ao fundador da cidade²⁴.

O artigo de jornal também se dedica a especificar os detalhes

²⁰ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Por que construir o Mausoléu. Op. cit., 05/04/1974. AHJFS.

²¹ Ibidem.

²² ORLANDI. Op. cit., p. 12.

²³ Ibidem.

²⁴ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Por que construir o Mausoléu. Op. cit., 05/04/1974. AHJFS.

da construção, localização e aspectos arquitetônicos da obra. O Mausoléu Dr. Blumenau seria construído na “ÁREA NOBRE” da cidade, ao lado esquerdo da Prefeitura Municipal da época, atual prédio da Fundação Cultural de Blumenau, “onde só se justificaria uma obra em estilo austero, nobre, digno da memória do fundador”²⁵.

No entanto, o local era impróprio para qualquer construção, por se tratar da encosta do ribeirão Garcia que, no período das cheias, era tomado pelas águas. Mas ainda assim, o lugar escolhido para a obra seria considerado “ideal”, “digno do fundador” e, mesmo em local impróprio, sua legitimação estaria garantida por meio do caráter nobre da homenagem.

A decisão das autoridades constituídas em construir na “área nobre” está diretamente ligada ao fato de que neste ponto se localizava o centro da Colônia (*Stadtplatz*), onde estava fixada a sede e a residência de Hermann Blumenau. A “função simbólica”²⁶ desta opção concentra-se em demonstrar a importância deste lugar para a cidade, ao fazer ligação com a constituição da Colônia e a memória de seu diretor. Também influencia diretamente o fato de que, desde o período colonial até 1982, a Prefeitura Municipal de Blumenau estava localizada nesta área. O grau de intencionalidade destas decisões integra os planos de tornar o Mausoléu “parte importante do complexo cultural” previsto para ser implantado nesta parte da cidade²⁷, que envolve ainda o Museu da Família Colonial, a Biblioteca Fritz Müller e o Horto Botânico Edith Gaertner, setores de preservação da memória que constituem um Centro Histórico²⁸ vinculado a um projeto amplo de integração de atrativos turísticos.

²⁵ Ibidem.

²⁶ CHARTIER. Op. cit., p. 19.

²⁷ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Por que construir o Mausoléu. Op. cit., 05/04/1974. AHJFS.

²⁸ Atualmente esta região é considerada o Centro Histórico do Município, contando com o Museu da Família Colonial, Biblioteca Fritz Müller, Fundação Cultural de Blumenau (Antiga Prefeitura Municipal), Horto Botânico Edith Gaertner, Mausoléu Dr. Blumenau, Museu da Cerveja e Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”.

A criação de uma área cultural voltada ao turismo já é mencionada em uma correspondência datada de 1º de Fevereiro de 1973, trocada entre o Presidente da Fundação Cultural, Hercílio Deeke, e o Prefeito de Blumenau, Felix Theiss, onde este último apresenta a ideia de construir uma nova prefeitura para a cidade, e a antiga sede da municipalidade seria utilizada para a construção da “Casa da Cultura”, onde seriam “abrigados todos os serviços culturais do Município”²⁹, fazendo parte do Centro Histórico e Cultural que se configuraria em um atrativo turístico da cidade de Blumenau, de acordo com o ideal que “visa justamente realçar os aspectos germânicos da cidade”³⁰.

O modelo de construção do Mausoléu seria “típico, tendo em vista que suas características arquitetônicas são enxaimel [...] feições simples, mas de aspecto nobre e austero, compatível com a figura do fundador”³¹. Apesar de ser retratado como enxaimel, técnica de construção feita de tijolos e madeira intercalados, muito comum em construções do século XIX na cidade, sua configuração integra o estilo “enxaimeloide”, ou seja, uma imitação dos originais de tempos coloniais, que se “espalhou pela região de colonização alemã, em Santa Catarina, criando uma identidade arquitetônica”³². Esta técnica costuma copiar traços, aspectos para referenciar a cultura germânica na cidade de Blumenau e foi desenvolvida para compor uma “cidade alemã” que se intencionava criar.

A técnica escolhida para o Mausoléu possui ainda detalhes arquitetônicos de uma igreja construída em um bairro denominado

²⁹ Fundo PMB, série Adm. – Felix C. Theiss. Correspondência 1973 (Hercílio Deeke e Felix Cristiano Theiss), 01/02/1973. AHJFS.

³⁰ CARESIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs.). **Visões do Vale:** perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 183.

³¹ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Por que construir o Mausoléu. Op. cit., 05/04/1974. AHJFS.

³² FLORES. Op. cit., p. 74.

Blumenau, na cidade de Munique, no sul da Alemanha³³. Ao "estilo típico" também foram incorporados novos elementos, como o vidro, porém era atípico e não empregado na técnica original do enxaimel. Tratado como moderno, o vidro permitia a visualização do interior do Mausoléu, (imagem 1) cuja transparência constituía-se em um elemento que garantia a constante lembrança do nome de Hermann Blumenau e fazia com que sua presença fosse representada, assim como sua memória reavivada a cada olhar, mesmo de fora. Por meio de uma combinação variada de escolhas, a construção do Mausoléu arranca o que "ainda sobrou de vivido no calor da tradição"³⁴ e possibilita uma nova significação a partir de um novo elemento.



Imagem 1 – Mausoléu Dr. Blumenau, década de 1970 (Documento/Foto digitalizada, n. 2.B.22.8.2.8a). AHJFS.

Para complementar a composição simbólica da construção do Mausoléu, confeccionou-se em uma placa de bronze parte de uma carta

³³ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Sem Jornal especificado. Na cidade alemã de Muenchen um bairro com o nome de Blumenau e uma igreja semelhante ao Mausoléu. Sem Autor, 10/10/1974, p. 06. AHJFS.

³⁴ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história** – História e cultura, n. 10, São Paulo: Educ, 1993, p. 7.

escrita por Hermann Blumenau em seu retorno definitivo para a Alemanha em 1884. A correspondência enfatizada foi trocada entre Hermann B. O. Blumenau e Dom Pedro II, datada de 21 de setembro, e escrita a bordo do Pacote Alemão “Strassburg”. Do texto da carta somente o trecho final de seu relato interessou à municipalidade:

Retiro-me profundamente comovido desta minha bela pátria adotiva em que passei os dias mais felizes como também os mais tristes de minha vida. Teria desejado deixar um dia minhas cinzas no torrão em que derramei muito suor, mas tenho de curvar-me aos ditames do destino³⁵.

Semelhante ao traslado de D. Pedro I, em 1972, em que se respeitou sua vontade testamental – a qual consistia em deixar seu coração na cidade lusa do Porto –, em Blumenau, o traslado do colonizador, utiliza-se do trecho da carta mencionado acima para justificar em parte a exumação de seus restos mortais do colonizador, ainda que não se tratasse de uma fala advinda de um testamento. A missiva também apresenta a intenção de referenciar seu trabalho para com sua “pátria adotiva” e demonstra o esforço, talvez até o merecimento de alguma recompensa por parte do Governo Imperial. Contudo, pode ser entendida ainda como o desejo do autor em permanecer no lugar em “que derramou muito suor” e, a partir desta leitura interpretativa, a municipalidade respalda a ideia principal da construção de um Mausoléu em homenagem ao diretor da colônia Blumenau.

A legitimação da construção do Mausoléu ocorre a partir de um discurso baseado na memória de Hermann Blumenau, com a exaltação de seus feitos e aspectos da fundação do município. Importante destacar que a memória histórica que “sobrevive não é um conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que operam no

³⁵ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Mausoléu. 3.B.28.1.2. Doc. 05. AHJFS.

desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade”³⁶, de modo que a obra do Mausoléu Dr. Blumenau elenca aspectos e elementos “escolhidos” para representarem símbolos de pertencimento da cultura local.

O Mausoléu se configura, portanto, em um monumento que “pode evocar o passado, perpetuar a recordação”³⁷ e impõe ao local significados a partir da afirmação constante da memória que reafirma Hermann Blumenau como mito. O espaço construído para resguardar os restos mortais torna-se um “lugar de memória”, que possibilita a identificação do mito a partir da sua lembrança eternizada, provocada, valorizada, construída com a finalidade de exaltar a figura do fundador, mantendo-se viva na memória a cada menção e olhar lançado ao Mausoléu.

Trata-se de um lugar que carrega valores simbólicos trazidos a partir da memória do fundador exaltada no local, apresenta vestígios de memória que “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”³⁸, e se configura em um “lugar de memória [...] recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”³⁹. Ele existe apenas quando há o sentimento de identificação e consegue manter sua finalidade: resguardar os elementos simbólicos e constituir signos de identificação a partir da memória do fundador, que se desenvolvem e sobrevivem através das constantes representações de seus significados.

ODIA FESTIVO NO CALENDÁRIO DAS LEMBRANÇAS DA CIDADE

A data comemorativa – 2 de setembro de 1974 – contou com a execução de uma cerimônia simbólica, com diversos elementos

³⁶ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992, p. 535.

³⁷ Ibidem.

³⁸ LE GOFF. Op. cit., p. 477.

³⁹ NORA. Op. cit., p. 27.

significativos empregados para ilustrar o dia festivo da cidade e reforçar o momento de fundação da cidade, pois 2 de setembro é considerada a data em que chegaram os primeiros dezessete imigrantes à Colônia. A cerimônia transcorre como uma “celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável”⁴⁰, portanto, o Mausoléu exerce o papel de “monumento comemorativo”, a partir de um “acontecimento memorável”: a fundação do município.

A representação que recai sobre a figura de Hermann Blumenau não está restrita à sua personificação como um imigrante, mas sim como fundador, afinal não é a data de seu aniversário ou de morte a escolhida para a realização da homenagem, mas sim, a data de fundação do município. Da mesma forma, o local escolhido para dar início à cerimônia foi o monumento em homenagem aos primeiros dezessete imigrantes⁴¹, construído em 1900 e localizado até os dias atuais na Praça Hercílio Luz, e não em frente à estátua erigida em homenagem a Hermann Blumenau em 1940, localizada na Alameda Duque de Caxias em 1974. A escolha do local representa a rememoração do momento da fundação como demarcação dos festejos do sesquicentenário da imigração alemã no Brasil. Portanto, a homenagem não poderia se restringir à figura de Hermann Blumenau, que ainda encontrava-se pouco referenciado como personificação do mito fundador, todavia deveria ser referenciado como o líder de muitos imigrantes que aqui chegaram.

A praça Hercílio Luz se encontra localizada próxima à desembocadura do ribeirão Garcia no rio Itajaí-açu, onde seria iniciada a interpretação simbólica da chegada dos primeiros imigrantes (imagem 2). O programa da cerimônia previa que as urnas fossem transportadas até a

⁴⁰ LE GOFF. Op. cit., p. 431.

⁴¹ FROTSCHER, Méri. Mãos que esculpem a memória no espaço urbano: investimentos em monumentos em Blumenau na primeira metade do século XX. In: RAMPINELLI. Op. cit.

confluência do ribeirão da Velha, por dezessete atores do Clube 25 de julho, “vestidos à maneira dos colonizadores”, pela embarcação denominada Blumenau II, “*simbolizando* o veleiro ‘Cristian Mathias Schoederer’ – em que trouxe o fundador e seus primeiros 17 imigrantes à colônia”⁴².



Imagem 2 – Balsa no Rio Itajaí-açu, que fez a representação do traslado dos restos mortais de Hermann B. O. Blumenau e família, para serem depositados no Mausoléu Dr. Blumenau – 2 de setembro de 1974. AHJFS.

A escolha do local na apresentação simbólica busca representar “onde há 124 anos desembarcaram o fundador e seus 17 imigrantes”⁴³ para caracterizar o marco de fundação da Colônia. No entanto, Hermann Blumenau já se encontrava na colônia quando desembarcaram os primeiros imigrantes. A lista de chegada de imigrantes cita os dezessete nomes dos colonos, juntamente com o nome do sobrinho, Reinhold Gaertner, mas sem elencar o nome de Hermann Blumenau. Portanto, isto se configura em uma “invenção” reconstituída com a pretensão de tornar-se realidade, algo forjado para compor a cerimônia simbólica.

⁴² Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Blumenau recebe em festa os restos mortais do seu fundador, 03/09/1974, p. 9 [grifo meu]. AHJFS.

⁴³ Ibidem.

A sua presença na balsa simboliza a valorização do líder e representa o regresso, pelo mesmo caminho, ao lugar onde se manteve firme na continuidade do trabalho de colonização. “Ele volta à sua querida Blumenau, exatamente para o local onde iniciou e fez o centro de sua colônia”⁴⁴, mas desta vez, ao encontro de uma cidade já estabelecida, resultado de um trabalho merecedor de homenagens. Assim, as comemorações representam o reconhecimento da população blumenauense à importância da imigração alemã para a região, com reforço e foco na imagem do fundador, que é recebido e glorificado pelo povo em representação à sua atuação.

Na sequência da cerimônia (imagem 3) as urnas que continham os restos mortais de Hermann Blumenau foram retiradas da balsa e transportadas pela rua XV de Novembro até o Mausoléu, onde seriam depositadas. O trajeto contou com a presença do Corpo de Bombeiros, Guarda de Trânsito e a Banda Marcial “Wolnei Aguiar”, de Petrópolis, com 120 integrantes uniformizados e com seus instrumentos musicais⁴⁵.



Imagem 3 – Alocação dos restos mortais de Hermann B. O. Blumenau e família no carro do Corpo de Bombeiros. Presente no ato um grupo de atores caracterizados com roupas de época - 2 de setembro de 1974. AHJFS.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

O desfile e a passagem pela principal rua da cidade demonstram a preocupação de se tornar visível à população o regresso do “fundador”, como se este voltasse ao lugar de onde jamais deveria ter saído. Seus restos mortais passam a ocupar o espaço reservado em homenagem à sua memória e o Mausoléu torna-se local por excelência para salvaguardar o mito fundador na cidade. A memória de Hermann Blumenau, com a presença de uma grande multidão no local, é contemplada, valorizada a partir de sua morte⁴⁶ e representada pela cerimônia fúnebre de sepultamento em um jazigo permanente para os restos mortais.

Após o pronunciamento religioso, católico e luterano, o prefeito municipal, Felix Cristiano Theiss, toma a palavra e inicia o discurso com destaque para “as qualidades da cidade e fazendo uma narrativa sobre sua vida”, a partir da ênfase à importância deste momento “histórico para Blumenau”. Lembra a correlação entre os 124 anos de fundação da cidade e o ano em que o Brasil comemora o Sesquicentenário da Imigração Alemã, com uma fala que enaltece a importância de lembrar “uma grande epopeia onde desponta um ilustre herói: o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau”. O enunciado apresenta a ideia de valorização da figura de Hermann Blumenau como o potencializador dos feitos dos imigrantes alemães, enaltecidos pelo “trabalho, bravura e força”⁴⁷ do fundador, elementos da simbologia que o caracteriza na representação do mito, por meio da incorporação de repetições constantes nos discursos das autoridades políticas da cidade.

Neste sentido, a presença destas autoridades civis, militares e eclesiásticas, converge para o fato de que justamente no final da década de 1970 e ao longo dos anos 1980, desenvolveram-se interpretações historiográficas tendentes a visualizar o golpe civil-militar de 1964 e a

⁴⁶ LE GOFF. Op. cit., p. 535.

⁴⁷ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Blumenau recebe em festa os restos mortais do seu fundador, 03/09/1974. AHJFS.

ditadura em si como o resultado de ação conspiratória, em que teriam confabulado não somente setores anticomunistas das Forças Armadas, mas igualmente o empresariado nacional, proprietários rurais, Igreja Católica e partidos políticos capitaneados pela UDN, além do capital internacional e o Departamento de Estado norte-americano, dentre outras organizações estrangeiras ou nacionais⁴⁸.

Portanto, a manutenção de um conjunto de poderes representativos de Blumenau reúne estas personagens públicas e com poderes instituídos no evento que marca a finalização das comemorações e, “obedecendo a uma tradição nos festejos comemorativos do dia da fundação da cidade”⁴⁹, acontece o desfile tradicional com 22 bandas marciais e diversos Clubes de Caça e Tiro. A organização de desfiles é uma prática simbólica tradicional no município, mas a cerimônia do traslado gera uma alteração na forma usual com que se costuma comemorar a data e introduz uma nova ritualística, repleta de solenidades e cerimoniais atrelados ao passado de glórias da cidade. Assim, a “comemoração apropria-se de novos instrumentos de suporte”⁵⁰ e criam-se novos elementos de significação que são transformados em referência.

O traslado, além de possibilitar o retorno dos restos mortais, carrega consigo outros elementos que reforçam e incrementam a exaltação ao discurso fundador. A partir de 1974, o aniversário da cidade passa a comportar uma cerimônia solene realizada no Mausoléu Dr. Blumenau, com a presença de autoridades políticas, “civis, militares e eclesiásticas”⁵¹, que

⁴⁸ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004.

⁴⁹ _____. Jornal O Estado. Restos Mortais do Dr. Blumenau para sempre no Vale do Itajaí, 03/09/1974, p. 8. AHJFS.

⁵⁰ LE GOFF. Op. cit., p. 464.

⁵¹ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Doc. Cerimônia, 02/09/1998. AHJFS.

antecede o desfile pela rua principal da cidade, . Trata-se de uma “invenção de tradição”⁵² em que se instituem novos elementos de identificação a partir da introdução de uma cerimônia constituída para fazer parte de um ritual formalizado de comemoração.

As tradições construídas se baseiam em novos instrumentos de sustentação, mas precisam manter viva a crença e o reconhecimento dos valores simbólicos na existência de determinados objetos, lugares ou discursos para preservar, assim como os valores de identificação e de pertencimento. Ainda que tomem outras imagens e construam outras roupagens, os sentidos simbólicos possuem sua continuidade a partir da base em que são mantidos. No caso, a cerimônia do traslado busca sua legitimação a partir de dados históricos pautados no mito fundador e na memória de Hermann Blumenau.

O evento exerce a função de “lembrar para comemorar, documentar para bem festejar”⁵³ e busca introduzir este acontecimento no “calendário de lembranças”⁵⁴ da cidade, por meio de um costume forjado que exalta sentidos e significados acerca da fundação do município de Blumenau. Comemorações assim costumam agregar representações do passado, “elencar aspectos de identificação e atribuir significação a fatos específicos ou personagens, criados dentro de uma história que se tornaria responsável pela constituição de um sentimento de pertencimento na comunidade”⁵⁵.

⁵² HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Paz e Terra: São Paulo, 2008.

⁵³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 108.

⁵⁴ Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. A fala do Governador, 03/09/1974, p. 9. AHJFS.

⁵⁵ FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabrício. **Representações da cidade: discussões sobre a história de Timbó**. Edifurb: Blumenau; Fundação Cultural: Timbó, 2008, p. 329.

Por estes motivos a cerimônia simbólica do traslado e a inauguração do Mausoléu, realizada em 2 de setembro de 1974, reforçam a importância destas festividades para Blumenau, com a função de “evidenciar a relação entre o fundador e a cidade”⁵⁶. O “sepultamento”⁵⁷ de seus restos mortais em um lugar especialmente construído para isso, como demonstração simbólica do evento, busca a composição de um cerimonial para o regresso do “fundador”, Dr. Hermann Blumenau, que estaria de volta à cidade devidamente homenageado e reverenciado por meio de eventos e obras repletos de representações e simbolismo comemorativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1970, Blumenau é marcada pelo desenvolvimento do turismo, a partir do discurso de enaltecimento e afirmação de certos aspectos da cultura local, bem como intervenções urbanísticas que contribuem para a representação de uma cidade vista como alemã. Dentre as práticas representativas que se constituem no período, destaca-se o traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau, em alinhamento com o evento e o cerimonial em torno do traslado dos despojos imperiais de D. Pedro I, levados a cabo pela ditadura militar brasileira em 1972, em razão das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

O evento blumenauense, por sua vez, é realizado a partir das perspectivas da comemoração do Sesquicentenário de Imigração Alemã no Brasil, juntamente com o aniversário de 124 anos da cidade de Blumenau,

⁵⁶ KIEFER, Sabine. Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXVIII, n. 06, Blumenau: Nova Letra, 1997, p. 28

⁵⁷ Neto de Doutor Blumenau fala sobre o traslado. In: **A NAÇÃO**. Diários Associados de Santa Catarina – Ano XXXI, n. 9457. Blumenau, 10 de outubro de 1974.

como parte integrante da ideia de construir um centro histórico e cultural localizado na área central do município. A intenção dos organizadores é tornar a passagem da data um mote para a construção do Mausoléu como um marco na história da cidade.

O traslado dos restos mortais de Hermann Blumenau e a construção do Mausoléu Dr. Blumenau, integram uma série de práticas representativas efetuadas a partir da eleição de elementos históricos do município e do discurso fundador acerca da figura do colonizador. O traslado de Hermann Blumenau representa o regresso do “fundador” à cidade, onde sua memória estaria resguardada a partir da constituição de um “monumento” em sua homenagem: o Mausoléu. Esta construção, além de abrigar seus restos mortais, contitui-se em um “lugar de memória”, criado para manter viva a memória de Hermann B. O. Blumenau a cada olhar.

REFERÊNCIAS

Blumenau em Cadernos. Tomo XV, n. 09, Blumenau, 1974.

BLUMENAU, Hermann Bruno Otto. FERREIRA, Cristina (org.). **A colônia alemã Blumenau:** na província de Santa Catarina no sul do Brasil. Tradução de Annemarie Fouquet Schünke. Blumenau: Cultura em movimento; Instituto Blumenau 150 anos, 2002.

CAREZIA, Roberto Marcelo. Blumenau e a modernização urbana alterando costumes (1940-1960). In: FERREIRA, Cristina; FROTSCHER, Méri (orgs.). **Visões do Vale:** perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Difel, 1990.

COSTA, Marli de Oliveira. As identidades e os monumentos: a experiência de Criciúma – SC. In: RAMPINELLI, Waldir José. **História e poder:** a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). **O golpe e a ditadura militar:** quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004.

FERREIRA, Cristina; KOEPEL, Daniel Fabrício. **Representações da cidade**: discussões sobre a história de Timbó. Edifurb: Blumenau; Fundação Cultural: Timbó, 2008.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 47, São Paulo, 2004.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

FROTSCHEER, Méri. Mãos que esculpem a memória no espaço urbano: investimentos em monumentos em Blumenau na primeira metade do século XX. In: RAMPINELLI, Waldir José. **História e poder**: a reprodução das elites em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2003.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Paz e Terra: São Paulo, 2008.

KIEFER, Sabine. Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXVIII, n. 06, Blumenau: Nova Letra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história – História e cultura**, n. 10, São Paulo: Educ, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo os sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

RISCHBIETER, Iara K. A trajetória do turismo em Blumenau, uma análise. In: **Blumenau em Cadernos**, Edição especial de 50 anos. Blumenau: Cultura em Movimento, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVERINO, José Roberto. **Itajaí e a identidade açoriana**: a maquiagem possível. Itajaí: Ed. da Univale, 1999.

SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias da luz**: a narrativa visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos (Dissertação em História). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2008.

FONTES

Fundo Administrativo. Fundação Casa Dr. Blumenau. Correspondências 1973 (José Ferreira da Silva e Hermann Blumenau). Tradução de Sérgio Luís Theiss, 16/08/1973. Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” (AHJFS).

_____. Doc. Cerimônia, 02/09/1998. AHJFS.

_____. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. Blumenau recebe em festa os restos mortais do seu fundador, 03/09/1974. AHJFS.

_____. Imprensa. Jornal de Santa Catarina. A fala do Governador, 03/09/1974. AHJFS.

_____. Imprensa. Sem Jornal especificado. Na cidade alemã de Muenchen um bairro com o nome de Blumenau e uma igreja semelhante ao Mausoléu. Sem Autor, 10/10/1974. AHJFS.

_____. Imprensa. Por que construir o Mausoléu. Serviço de Imprensa da Prefeitura Municipal de Blumenau, 05/04/1974. AHJFS.

_____. Imprensa. SOARES, Luís Antônio. Jornal de Santa Catarina. Da Idéia ao Mausoléu, 06/04/1974. AHJFS.

_____. Mausoléu. 3.B.28.1.2. Doc. 05. AHJFS.

_____. Jornal O Estado. Restos Mortais do Dr. Blumenau para sempre no Vale do Itajaí, 03/09/1974. AHJFS.

Fundo Prefeitura Municipal de Blumenau (PMB), série Administradores – Felix Cristiano Theiss. Correspondência 1973 (Hercílio Deeke e Felix Cristiano Theiss), 22/01/1973; 01/02/1973. AHJFS.

Neto de Doutor Blumenau fala sobre o traslado. In: **A NAÇÃO**. Diários Associados de Santa Catarina – Ano XXXI, n. 9457. Blumenau, 10 de outubro de 1974.

SOARES, Luis Antonio. Programa Fale Alto – Rádio Unisul (RFC) setembro, 1993. Entrevistador: Altair Carlos Pimpão. Transcrição: Mariana Luiza de Oliveira/Tássia Bachmann Pabst. Blumenau: CEMOP/FURB, 2009.



A ARMA DO NEGÓCIO: REFLEXOS DA GUERRA NA PUBLICIDADE

A ARMA DO NEGÓCIO: REFLEXOS DA GUERRA NA PUBLICIDADE*

Roberto Marcelo Caresia**

Uma *charge* divulgada pela agência de notícias *Inter-Americana* mostra um casal de índios gigantescos sobre o continente das Américas. A indígena é claramente sul-americana, arquétipo da Iracema, pisando em solo brasileiro. Ela faz menção de beijar um índio visivelmente norte-americano, semelhante aos que figuram em filmes de *far-west*, o qual se encontra em solo estado-unidense. Logo abaixo, uma legenda diz que “foi preciso pegar fogo lá adiante para nós percebermos que nos amamos”, onde colunas de fumaça parecem apontar geograficamente para a guerra no Pacífico e no Japão.

Pode-se pensar que tal imagem mostra o envolvimento quase carnal nas relações políticas entre ambos os países, quando estes se tornam aliados e declaram guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão), após o ataque japonês a Pearl Harbor e dos sucessivos navios brasileiros afundados no Atlântico por submarinos alemães. Porém, o mais curioso é que tal *charge* data, no jornal **Cidade de Blumenau**, de maio de 1941, e o episódio de Pearl Harbor foi em dezembro de 1941, ou seja, com no mínimo seis a sete meses de antecedência ao tal ataque. Não se trata de apontar tal *charge* como profética, mas sim em perceber que o namoro político entre Estados Unidos da América (EUA) e Brasil já estava explícito muito antes da declaração de guerra ao Eixo.¹ As constantes declarações de neutralidade

* Esta é uma segunda versão, revisada e ampliada, de um artigo apresentado no V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, em agosto de 2001, quando foi publicado no site de tal Universidade. Tal artigo, no entanto, ficou na rede por pouco tempo.

** Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de SC e professor do Curso de Licenciatura em História da Uninove-SP.

de ambas as partes em relação ao conflito está representado pelo ameríndio cortejo: preferem namorar política e culturalmente um ao outro ao invés de lutar na guerra, sendo que incluiu a cultura neste *namoro* pelo fato da representação feita de tal aproximação se dá entre indígenas e não entre presidentes, políticos ou artistas da mídia. Em outras palavras, a *charge* não antecipou de forma alguma o acontecimento, apenas tornou evidente uma situação que, cedo ou tarde, já era prevista pelos políticos, economistas e estrategistas que pudesse se tornar realidade.



O namoro político e cultural entre Brasil e Estados Unidos.
Fonte: **Cidade de Blumenau**; 17/05/1941.

O fato do mapa das Américas ser apresentado com as colunas de fumaça das batalhas japonesas no Pacífico como pano de fundo, com sete meses de antecedência no mínimo, pode ser até tido como mera coincidência. Porém, tal ponto de vista sobre as Américas e o Pacífico é uma perspectiva de quem as observa da Europa. A *charge* poderia ter sido apresentada sob a perspectiva do Pacífico, com as Américas e o casal de índios tendo a mesma evidência, porém com a Europa e a África como pano de fundo.

No entanto, observando a figura com mais paciência, percebe-se que as colunas de fumaça não se localizam propriamente no Oceano Pacífico, mas sim na Ásia e um pouco mais além, no que pode ser a própria Europa vista a partir do Leste, sob uma perspectiva que quase dá a volta ao mundo. O porquê da *charge* ser representada com tal posicionamento geográfico deixa seus indícios no título da mesma: “Idílio Pan-Americano.”

A questão do pan-americanismo no início do século XX deixou seus traços até a atualidade, mesmo que de forma sutil, representada pela forte tendência à união de blocos econômicos e políticos no continente das Américas. A noção de pan-americanismo surge no século XIX através da Doutrina Monroe (1823), quando os Estados Unidos se posicionam como protetores das nações latino-americanas contra a influência europeia, visto que foram não apenas o primeiro país independente das Américas (04/07/1776) como também o primeiro a apresentar o regime republicano, democrático e presidencialista moderno. Tal posicionamento desenvolve-se até culminar na Política da Boa Vizinhança, nos anos 1930, onde através da diplomacia os diversos países das três Américas (o chamado Novo Mundo) deveriam se unir num bloco político e econômico contra a influência imperialista européia (o Velho Mundo).² Neste ponto, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, considerava-se um precursor de tal política, sendo um dos primeiros a receber e visitar os presidentes e embaixadores dos diversos países latinos e norte-americanos em busca de uma convivência não apenas pacífica — em contrapartida com o crescente clima de tensão na Europa do entre-guerras — como também proveitosa política e economicamente.³ Tal posicionamento diplomático brasileiro atraiu a atenção dos Estados Unidos, os quais viram o Brasil como o principal vizinho e parceiro latino-americano na divulgação deste pan-americanismo, incluindo o antigo lema *a América para os americanos*. Assim, os idealizadores do “Idílio Pan-Americano” decidiram retratar a *charge* com as Américas em evidência, omitindo a Europa do mapa.⁴

Tal charge não é a publicidade de um produto e nem o cartaz de um evento,⁵ mas as noções publicitárias estão claras em suas representações, onde a fatalidade de um acontecimento — “foi preciso pegar fogo...” — está associado ao despertar de um sentimento afetivo — “...para nós percebermos que nos amamos”. Tal idílio heroico também passa pelas metáforas de amor e guerra presentes nas mais antigas narrativas gregas, onde a fatalidade de um conflito une os corações de um casal de jovens⁶, assim como também está presente em toda a mitologia de filmes épicos *hollywoodianos*.

A necessidade de fazer da guerra um espetáculo passa por uma questão crucial para a imprensa na virada para o século XX, onde os jornais não apenas transformaram a notícia em mercadoria, mas também passaram a veicular uma publicidade que fazia o caminho inverso, “onde o produto não só é mercadoria, mas também se constitui em *notícia* não apenas para ser vendida, mas principalmente para ser consumida de todas as formas possíveis pela sociedade de massas”.⁷ Em outro artigo, Ben Singer⁸ demonstra como a imprensa sensacionalista estado-unidense, no final do século XIX, passou a retratar as novas formas de acidentes e mortes no espaço urbano como algo não apenas trágico, mas principalmente através de uma linguagem de espetáculo, sendo esta transposta aos próprios espetáculos circenses e populares (Globos da Morte e apresentações de malabarismo ou equilibrismo, onde a vida das pessoas corria perigo) utilizando-se desta mesma linguagem sensacionalista na publicidade de tais espetáculos. Ou seja, tornando a notícia sensacionalista de um fato (um acidente automobilístico real) numa retórica publicitária para se assistir uma exibição perigosa (um automóvel em alta velocidade saltando de uma rampa para outra).

Nelly de Carvalho⁹ aponta que, quando se fala em publicidade, muito se menciona sobre *manipulação*, no entanto, ela afirma que a linguagem publicitária “usa recursos estilísticos e argumentativos da

linguagem cotidiana, ela própria voltada para informar e manipular” (1996; p.09). Ou seja, sugerindo que a publicidade se utiliza de um recurso pré-existente na sociedade, ampliando o leque de possibilidades em torno deste recurso, apresentando anúncios que contenham os símbolos e as metáforas implícitas nos argumentos do cotidiano, de forma que as pessoas reconheçam se não o seu próprio dia a dia no anúncio, pelo menos um ideal próximo deste. Em outras palavras, a publicidade procura tornar familiar o produto que anuncia, “aumentar sua banalidade e ao mesmo tempo valorizá-lo” (1996; p.12), procurando diferenciá-lo dos demais produtos.

Para o publicitário David Ogilvy, a publicidade, ao invés de influenciar os costumes sociais, os reflete, não constituindo assim o motor das mudanças significativas¹⁰. Ou seja, sugerindo que a publicidade não produz tais mudanças, mas que apenas anuncia as mesmas. Porém, é a retórica publicitária que leva uma pessoa a consumir um determinado produto e não outro, levando-a inclusive a modificar seus hábitos culturais (vestuário, alimentação, cuidados com corpo etc.).

A publicidade que iremos analisar, portanto, foi produzida por agências estado-unidenses para circular no Brasil, mais especificamente aquelas veiculadas nos jornais de Blumenau, entre os anos 1939 e 1945. No entanto, a publicidade produzida por uma determinada sociedade e posta a circular em outra sociedade diferente, pode promover mudanças no comportamento social dos indivíduos ou incentivar novas concepções, positivas ou negativas, de práticas culturais como os modos de vestir e os hábitos alimentares. Não apenas pelos novos produtos lançados no mercado, mas principalmente pelos discursos implícitos em tais produtos.¹¹

A partir deste ponto, deixo a *charge* como introdução e as análises se estenderão à publicidade de rádios, pneus e outros produtos publicados em jornais blumenauenses. Torna-se interessante perceber como as representações desta guerra foram apresentadas pela publicidade em tais

periódicos, onde a tônica reinante na grande maioria dos anúncios exaltava a tecnologia e a saúde inerente a seus respectivos produtos.

Christian Ferrer¹² fez importantes constatações ao pesquisar os discursos sobre tecnologia em Buenos Aires, na Argentina, durante o século XX, o que não nos impede de fazer uma analogia ao Brasil, visto a grande maioria dos recursos publicitários, a temática e até os produtos serem os mesmos. Ferrer percebe nestes a utilização de metáforas principalmente pela publicidade, a qual se remete à utilização de tecnologia no cotidiano das pessoas, alterando os hábitos e costumes da população. Para tanto, a massificação de uma linguagem técnica na fala cotidiana,¹³ junto a uma insistente “pedagogia moral” e a “prática massificante do consumo de notícias”,¹⁴ contribuiu decisivamente para a introjeção da tecnologia no comportamento social. Comprar um refrigerador ou um rádio da *General Electric* não significava apenas consumir um produto novo, significava adotar a ciência tecnológica no dia a dia doméstico e aderir a um estilo de *vida moderna*, onde quem consome tais aparelhos tidos como científicos passou a ser considerado como uma pessoa igualmente *moderna*. Ou seja, as inovações tecnológicas transferem sugestivamente sua modernidade ao consumidor, onde as máquinas são meros aparelhos e quem é moderno passa a ser o indivíduo que se utiliza destas máquinas que a ciência proporciona.

Sobre isto, Jacques Le Goff¹⁵ diz que a modernidade no século XX estará presente em todos os planos considerados importantes: a economia, a política, a vida cotidiana, a mentalidade, sendo decisiva a pressão que os progressos materiais — os aperfeiçoamentos tecnológicos e as descobertas científicas — exercem sobre as mentalidades, contribuindo para modificá-las. Ou seja, na medida em que os objetos e aparelhos que nos rodeiam vão sendo modificados, junto aos discursos que os acompanham, alteram-se também o olhar que lançamos ao mundo ao nosso redor, ao mesmo tempo em que modificamos também o sentido ou a utilidade de

tais objetos de acordo com nossos desejos, anseios e, por que não dizê-lo, de nossos medos e inquietações.

Ferrer afirma ainda que há algo mais além da pedagogia moral que nos cerca e nos domestica a crer nas metáforas de tecnologia e conforto. É o que ele chama de “fios invisíveis que enlaçam todas as tecnologias entre si”, as quais só ficam evidentes quando incluímos todas elas num “cosmos mitológico”¹⁶. Ou seja, tais tecnologias reunidas (eletricidade, mecânica, hidráulica, radiação, energia atômica etc.) tornam possíveis não apenas o ideal de conforto para vivermos, como também para realizarmos nossos sonhos e desejos. Parece-nos inconcebível imaginar o mundo sem tais tecnologias, justamente porque desde o nascimento o indivíduo entra em contato com elas, fazendo parte quase intrínseca de seu cotidiano, de sua visão de mundo, tornando-o dependente e agente de tal situação.

No contexto da Segunda Guerra, é importante lembrar que Estados Unidos (dezembro de 1941) e Brasil (agosto de 1942) declararam guerra ao Eixo por motivos semelhantes: em questão de poucos meses ambos tiveram representações de seus territórios atacados pelo Eixo, apesar de o Brasil ter relutado em entrar na guerra logo de início, apenas rompendo relações diplomáticas (fevereiro de 1942) com a Alemanha, mas passando a sofrer pressões não apenas dos Estados Unidos como também uma forte pressão popular da sociedade brasileira, a qual desejava um posicionamento do governo frente ao ataque alemão a navios brasileiros no Atlântico. O Brasil não apenas já havia aberto seus portos para a entrada de produtos estado-unidenses no país como também abria concessões para exploração de matérias-primas — principalmente borracha e, mais tarde, urânio — destinadas aos *esforços de guerra*.

Percebe-se o quanto não apenas este momento da guerra influenciou nos anúncios publicitários como também posterior a ela, nas representações militares nos anúncios. Dois anos antes do Brasil declarar

guerra ao Eixo, e apenas dois meses depois da Segunda Guerra ter sido *oficialmente* iniciada (setembro de 1939), já se percebem sinais desta influência nos anúncios de rádios da *GE*.

Em tais anúncios, percebe-se um soldado de chumbo dizendo “eu sou o correspondente relâmpago”¹⁷ ou repórter instantâneo, referindo-se ao rádio e à confiabilidade e rapidez das notícias da guerra na Europa. O soldado aponta para o que parece ser dois navios de guerra cercando um submarino,¹⁸ sendo que tal submarino pode também estar tentando passar pelos navios sem ser percebido. O fato é que a imagem deixa evidente uma suposta cena de guerra. Em outro anúncio ainda mais explícito, a imagem, acompanhada pelos mesmos dizeres da anterior, apresenta dois tanques de guerra avançando sobre um campo devastado, onde jazem vários fuzis e mochilas, tendo à sua frente apenas um canhão abandonado atrás de uma cerca de arame farpado¹⁹.



Cenas de guerra no anúncio de rádios: a tecnologia como porta-voz da verdade nos campos de batalha.

Fonte: **Der Urwaldsbote**, 22/12/1939.

Além do palco de guerra ser visivelmente retratado neste anúncio, o rádio da *GE* advoga para si a verdade do que ocorre em tal guerra,

dizendo que nele se pode confiar para terem-se as notícias corretas. O tanque que avança sobre o campo devastado, tendo à frente apenas um canhão abandonado, associa a superioridade bélica à superioridade da tecnologia radiofônica, sugerindo que assim como alguns tanques bastam para dar baixas homéricas ao inimigo, para o rádio *GE* também não há concorrência.

Não há surpresa no fato do anúncio estar escrito em alemão, uma vez que o jornal que o publicou, o *Der Urwaldsbote* — o qual seguia uma linha pan-germanista não política²⁰ — esteve prestes a fechar suas portas em dezembro de 1938 caso não adotasse o idioma português, devido à Campanha de Nacionalização. Nelly de Carvalho afirma que a forma mais rápida e simples de dominar uma sociedade é cerceando sua cultura proibindo o idioma (1996; p.101), tática adotada pelo governo Vargas. Porém, a publicidade se utiliza de palavras que produzem sentidos e significados na cultura de uma determinada sociedade, para que o anúncio possa ser entendido, aceito e consumido (CARVALHO; 1996, p.108). Como muitos dos leitores blumenauenses do *Urwaldsbote* só entendiam o alemão, o redator do jornal passou a ser um brasileiro nato,²¹ onde então o idioma alemão foi utilizado apenas como meio de comunicação, sendo que o conteúdo textual era o do nacionalismo brasileiro.

Durante a guerra, serão perceptíveis nos jornais notícias contraditórias, onde correspondentes ingleses apresentavam notícias adversas daquelas apresentadas pelos correspondentes de Berlim. Até 1941, Hitler terá grande destaque, onde suas estratégias de guerra não raro serão enaltecidas pela imprensa brasileira devido ao seu posicionamento anticomunista, além de sua figura como chefe de Estado ser sutilmente comparada com Vargas. Após a entrada dos Estados Unidos e do Brasil na guerra, Hitler e a Alemanha nazista perdem espaço nas manchetes e só voltam a ocupar destaque quando as investidas contra a União Soviética ficam mais acirradas. Com isto, os êxitos dos aliados são alardeados com grande ênfase para as estratégias dos

gerais norte-americanos e ingleses em cada batalha, desde a África até a retomada da França e a rendição da Itália.

Paralelo a tais notícias da guerra, o Brasil vivia outra realidade ao ter suas reservas naturais exploradas. Anúncios da *Firestone*, a qual produzia pneumáticos e câmaras com borracha da Amazônia, fazem alusão não apenas à abundância e qualidade do material existente no Brasil, como também o destino de tal produto: aos aliados na guerra. A empresa diz sentir orgulho em oferecer tal tecnologia ao país, mas que tal abundância de pneus no mercado não signifique o desperdício dos mesmos.²²

O Convênio da Borracha foi assinado com os Estados Unidos em março de 1942, porém, tal borracha foi proibida de circular em território nacional sem o documento emitido pela Comissão de Controle dos Acordos de Washington. As infrações do então decreto-lei 6.122 — o qual delimitava a quantidade a ser transportada, o quanto podia ser vendido por mês e quantos pneus cada cidadão podia comprar — eram considerados crimes contra a economia ou segurança nacional.²³ No entanto, anúncios como da *Firestone* procuravam justificar tal ato como sendo um “esforço necessário” à guerra, exaltando sempre a exuberância dos seringais amazonenses, mas ressaltando que este “excedente” deve ir para os aliados, cabendo ao Brasil — o qual cedia não apenas a matéria prima como também o espaço físico para o estabelecimento das filiais que a transformavam — uma pequena e controlada parcela.

A indústria de pneumáticos teve um papel ressaltado muitas vezes como “decisivo” na guerra. A *Pirelli*, com o término do conflito, publica anúncios ocupando a página toda do jornal **Cidade de Blumenau**, onde mostra os pneus de um caminhão militar na área de combate, prestes a passar sobre uma cerca de arame farpado, sendo que ao fundo percebem-se mais quatro caminhões, onde um deles é destruído por uma bomba.²⁴ Tais imagens, mesmo que fictícias, mostram o que as guerras apresentam de mais aterrador: a destruição. No entanto, o anúncio não dá ênfase a tais aspectos mórbidos, mas sim às “baixas desta guerra... em pneus!”²⁵ como

se baixas humanas não houvessem ocorrido e os sacrifícios da guerra fossem apenas de material destruído. O anúncio explica que 70% da produção da empresa era destinado às Nações Unidas na guerra, restringindo somente 30% para o consumo civil. Porém, com o término desta, a população poderá então usufruir das melhorias aplicadas aos pneus, comprovados “nas mais árduas condições de transporte durante o período da guerra.”²⁶

Em outro anúncio, a *Pirelli* afirma que “a tudo resistiu este pneu na guerra!”²⁷, onde se mostram caminhões enfrentando as areias do deserto africano, os invernos rigorosos do norte europeu e os caminhos lamacentos causados pelas chuvas. Tais adversidades enfrentadas durante a guerra são apresentadas como *árduas provas* às quais os pneus nacionais foram submetidos e que agora circulariam nos automóveis brasileiros.



Anúncios de pneus mostrando a guerra como o evento que provou a eficácia de seus produtos.

Fontes: **Cidade de Blumenau**, 27/01/1946 e 30/12/1945.

Percebe-se, portanto, que a guerra não apenas estava sendo utilizada pela publicidade, situando o produto dentro do contexto histórico de então, mas também como determinados produtos eram associados à mesma para legitimarem sua qualidade, eficiência e supremacia, sendo a vitória na guerra a grande prova de fogo dos produtos apresentados, onde o consumidor novamente é o beneficiário dos avanços tecnológicos aplicados aos produtos utilizados nas batalhas.

Jeffrey Herf afirma que para os ideólogos alemães do século XX — os quais ressaltavam o uso da tecnologia aliada à cultura para fortalecer o nacionalismo alemão²⁸ — a guerra adquirira uma noção niilista de experiência redentora, destinada a purificar a humanidade. Para Ernst Jünger, analisado por Herf, a guerra era ameaçadora e bela, pois constituía uma espécie de força natural que o homem necessitava dominar, uma forja onde seriam caldeados os “novos limites e as novas comunidades do mundo” e uma “grande escola” de onde surgiria o novo homem.²⁹ Ou seja, Jünger via a guerra como sendo o “pai de todas as coisas”, uma vez que além de ser entendida como processo de destruição, era também uma “forma masculina de criação”,³⁰ assim como Oswald Spengler, que também via a guerra como a expressão máxima da cultura.³¹ Também sobre a literatura pró-guerra surgida na República de Weimar e analisando a obra de Ernst Jünger, Norbert Elias observa de igual maneira que a violência, militar ou civil, era romantizada e travestida de heroísmo, sendo que a guerra era representada como um “grande evento cósmico, uma experiência arrebatadora em que o indivíduo perde sua própria identidade especial”,³² perdendo-se na coletividade e no anonimato dos campos de batalha. Tal noção de uma nova comunidade acentuadamente bélica e guerreira, surgida dos conflitos armados, ainda estava estreitamente ligada às raízes do romantismo alemão do século XIX, oriundos do pensamento militar prussiano, o qual via na batalha a expressão máxima da bravura e da cultura germânica.

Porém, a noção de guerra apresentada nestes anúncios publicitários de pneus não era a noção alemã, e sim a noção anglo-americana. Esta também não perdia seu caráter de bravura e nem os soldados eram destituídos de seu heroísmo, mas o campo de batalha não daria a luz nenhum novo homem e nenhuma nova sociedade relacionada a aspectos bélicos em sua cultura. Havia o sentido, mesmo que um tanto vago, em praticar a justiça, sendo esta relativa aos interesses estratégicos e políticos das Nações Unidas,³³ garantindo o direito das sociedades de existirem política, econômica e culturalmente — desde que estivessem atrelados à democracia ocidental — em contraposição ao sentido de vingar as humilhações nacionais sofridas no passado, como sugeria a belicosidade germânica. A noção anglo-americana da guerra sugeria a garantia da posição geopolítica dos países europeus atacados pelo Eixo, não havendo uma predisposição tida como culturalmente inata à sociedade para esta se atirar aos campos de batalha para provar sua coragem e garantir a sobrevivência de sua identidade cultural.

Nesta publicidade anglo-americana, a guerra foi tratada como um evento que comprovou a tecnologia e a qualidade dos produtos estadunidenses e ingleses, visto que a indústria bélica dos EUA passou a crescer consideravelmente até os dias atuais, mostrando que a guerra pode ser também um bom negócio ao invés de um ditame cultural.

João Carrascoza comenta que neste período o tema da guerra fez vários anúncios utilizarem palavras do universo bélico, onde até mesmo relógios eram anunciados com sob o *slogan* “Ideal para as Forças Armadas”, mostrando um sorridente aviador consultando as horas no seu relógio de pulso, substituto do antigo patacão (relógio de bolso). Outro anúncio citado por Carrascoza é o do combustível *Esso*, onde se diz que “só nas Américas ‘tanque’ ainda significa isto ...e não isto”, onde o primeiro *isto* aponta para um tanque de combustível *Esso*, e o segundo, para um tanque de guerra,

dizendo ainda que somos felizes pois “a guerra moderna está provocando de modo extraordinário o aperfeiçoamento de inúmeros produtos necessários à vida da população civil”.³⁴ Sugerindo que é a guerra “moderna” que gera qualidade de vida e bem estar. Como se vê, a publicidade estado-unidense também não está tão distante assim da noção alemã de guerra como uma força criativa e criadora. A diferença é que esta criatividade serve para impulsionar a indústria, a tecnologia e a economia, e não a identidade cultural da sociedade.

No jornal *A Nação* também podem ser encontradas várias fotos da corrida armamentista dos Estados Unidos e da Inglaterra durante a Segunda Guerra, tal como a foto de um tanque em fase final de produção, onde “metodos modernos estão sendo usados na aceleração da produção de materiais belicos”.³⁵ O tanque em questão está passando por um corredor iluminado por centenas de potentes faróis, para que o calor da forte luminosidade seque a tinta rapidamente, sendo que “por metodos ordinarios a tinta levaria 24 horas para secar.”³⁶ Aqui há outra contraposição à moderno: enquanto o método mais rápido é tido como “moderno”, o mais lento (ou normal) é tido como “ordinário”. Este último tem mesmo o sinônimo de comum, trivial, no entanto, tem também um caráter pejorativo (vulgar, banal) de revelar nada de especial ou maravilhoso em tal processo, em contraposição ao método “moderno”, sendo assim chamado porque é mais rápido e acelera a produção.

Várias foram as empresas estado-unidenses que contribuíram na guerra. Além da *Pirelli* e da *Firestone*, a *GE* fez diversos anúncios que não apresentavam produto algum, apenas enfatizavam sua participação estratégica no conflito, dizendo que através das experiências bélicas feitas em seus laboratórios para a produção de lâmpadas, geradores e outros aparelhos, estarão ainda mais aptos a produzirem aparelhos elétricos que servirão ao “conforto da paz”.³⁷ As imagens mostram homens trabalhando

em laboratórios que transpiram tecnologia (para a época), passando a idéia de uma árdua e ininterrupta pesquisa científica na qual o beneficiário não é a empresa, mas o consumidor. Neste ponto, a guerra não é propriamente o pai da cultura como sugere a noção alemã, mas sim a justificativa para a força científica e financeira que impulsiona a tecnologia bélica a níveis inimagináveis até então, sendo que tais avanços tecnológicos proporcionados pela guerra seriam prontamente aplicados na tecnologia doméstica e cotidiana. Assim como a avançada tecnologia bélica estadunidense levou os países aliados à paz da vitória, esta mesma tecnologia transformada em doméstica traria a relativa paz da modernidade³⁸ aos lares da sociedade ocidental.

Não raro, a *GE* refere-se aos seus refrigeradores como um “refrigerador GE de após-guerra” aos quais serão incorporados os conhecimentos obtidos pela ciência nos últimos anos.³⁹ Praticamente em todos os anúncios de seus produtos, no início dos anos 1940, a *GE* incluía um pequeno texto com letras menores (no final do texto maior sobre o produto) onde a empresa justificava que, apesar de sua participação nos esforços de guerra, a mesma continuaria a fornecer seus produtos com a qualidade de sempre, para que a sociedade não pare e não sofra com a diminuição de sua assistência.

Logo após a guerra produtos dos mais diversos mostram representações militares em seus anúncios, tal como o anúncio do inseticida *Flit*, onde se mostra um mapa, sendo que a América do Sul está evidenciada, e uma enorme bandeira cravada no coração do Brasil diz “Seja bemvindo Soldado Flit!”⁴⁰

O soldado em questão é novamente parecido com um soldado de chumbo, à semelhança com o que apresentava o rádio *GE*, sendo que seu uniforme lembra os uniformes militares ingleses do século XIX, uma alusão ao imperialismo. O anúncio apresenta vários soldados marchando sobre os

continentes, alguns vindos da América do Norte e outros da Europa. É claro que não há nenhum soldado na América do Sul e muito menos na África, sugerindo que os soldados estado-unidenses e europeus estão se dirigindo para lá, mas pelo menos parece que captaram a inquietação referente ao posicionamento geográfico das Américas retratado na *charge* do idílio pan-americano: desta vez a Europa e a África aparecem no mapa, sendo que o pan-americanismo cedeu lugar aos compromissos internacionais da ONU.



O soldado Flit eliminando as “pragas” na Europa e no Pacífico.

Fonte: **Cidade de Blumenau**, 12/02/1946.

O anúncio diz que “terminada a sua luta contra as doenças, nas regiões da Europa, infestadas de mûscas e outros insetos, e nas selvas do Pacífico-Sul, assoladas pelos mosquitos, o soldado Flit é aclamado defensor da saúde dos combatentes das Nações Unidas.”⁴¹ O texto utiliza muito termos que lembram a guerra, tais como “luta”, “assolada”, “defensor” e “combatentes”, além da evidente “soldado”. Tais termos ficam ainda mais evidentes neste sentido quando diz que tal luta deu-se na Europa e no Pacífico, palcos principais da guerra contra a Alemanha, a Itália e o Japão. O detalhe é a comparação de nazistas, fascistas e japoneses a pragas tais como moscas e mosquitos, que infestavam os continentes europeu e asiático, e que os mesmos constituíam-se em doenças.

Tal comparação de uma ideologia como uma doença, uma praga ou um câncer que corrompe a sociedade, foi também amplamente utilizada nas propagandas do Partido Nazista, onde os judeus eram comparados a baratas e ratos que precisavam ser eliminados para garantir a saúde social e cultural dos alemães.⁴²

Da mesma forma, em dezembro de 1943 o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, fez um importante pronunciamento após a reunião dele com Churchill (Inglaterra) e Stalin (União Soviética) em Teerã, onde, diante da provável derrota alemã, discutiram como agiriam com a Alemanha após a guerra, dizendo em nome das Nações Unidas que “o povo alemão não será escravizado, será Curado”,⁴³ onde nota-se a intenção de afirmar que a Alemanha está doente, e que essa doença se chama nazismo.⁴⁴ Mais adiante, Roosevelt diz que “é nossa intenção curá-lo (o povo alemão) de uma vez para sempre do nazismo, do militarismo prussiano e do conceito fantástico e desastroso de que é uma raça superior”.⁴⁵ Ou seja, destituir a Alemanha do nacionalismo romântico e exacerbado — vistos como um tumor que precisa ser extirpado ou uma praga de gafanhotos que ameaça a lavoura — a favor de valores humanos e democráticos universais, e não regionais ou locais.

A supremacia tecnológica fica evidente não apenas na vitória, mas também na destituição total dos exércitos alemães e japoneses, os quais permaneceram até meados de 1955 sem exército nacional, uma vez que é esta instituição que geralmente detém a tecnologia de ponta de uma nação.

A tecnologia no início do século XX, contudo, estava sendo aplicada não apenas na urbanização e na saúde, mas, sobretudo na indústria bélica (aliando capitalismo e industrialização ao Exército e ao Estado), onde os avanços aplicados aos automóveis e eletrodomésticos são igualmente repassados à tecnologia militar, com suas armas, canhões, tanques, aviões e bombas. Após a Primeira Guerra (1914/1918) tornou-se evidente que a tecnologia deveria ser amplamente desenvolvida neste setor, o que ficou confirmado com a Guerra Civil Espanhola (1936/1939) e posto definitivamente em prática na Segunda Guerra (1939/1945). Não eram apenas os lares, as indústrias e os transportes que se modernizavam, o exército era o principal beneficiário da tecnologia de ponta, sendo esta um sinônimo claro de poder e supremacia. Tal supremacia tecnológica fica implícita no anúncio do inseticida *Flit*, onde o *Soldado Flit* derrota facilmente os exércitos inimigos: as moscas nazistas e os mosquitos japoneses. Pode o inseto derrotar o gigante? Só se eles tiverem um veneno muito forte, mas então o gigante não tardará a encontrar um antídoto. Em qualquer caso, é melhor eliminar o inseto antes que ele se torne uma praga!

Não é apenas de tecnologia que trata este anúncio. A eliminação das pragas diz respeito à saúde pública, portanto, comparando tais pragas com as ideologias políticas contrárias à democracia ocidental não se quer apenas “curar” o povo alemão, como disse Roosevelt, mas principalmente garantir a saúde da população democrática.⁴⁶ O anúncio diz que o “Soldado Flit prosseguirá, para defesa da saúde do seu lar e que agora ele pode ser encontrado onde e quando V. quiser.”⁴⁷ É a onipresença do soldado inseticida, vigiando as moscas subversivas que espreitam os lares incautos.

Olga Brites também deparou-se com o inseticida *Flit* em seus estudos, constatando que o soldado de chumbo era símbolo do produto desde 1931, onde naquele contexto o personagem protegia e salvava as crianças das moscas e mosquitos “diferenciando-se de campanhas sanitárias públicas, como as de Oswaldo Cruz, no início do século XX, porque associada no novo momento a soluções do consumo privado”⁴⁸. Ou seja, partindo da necessidade particular do indivíduo em consumir tal produto para defender sua família.

Outro anúncio que fez alusão a aspectos militares é o remédio *Mistol*. Da mesma forma, o anúncio diz que “quando o resfriado atacar defenda-se com Mistol!”⁴⁹ onde “ataque” e “defesa” são termos oriundos das estratégias de guerra. A imagem mostra uma interminável fila de frascos de *Mistol*, como se fossem um batalhão do exército, onde a ordem e a disciplina imperam. Os frascos da primeira linha podem ser vistos como os soldados, as caixas alinhadas atrás destes como os tanques, e o conta-gotas que despeja o líquido curativo um avião soltando suas bombas, combatendo e defendendo o corpo do vírus invasor.

O anúncio diz que “muitos resfriados começam pela cabeça”, tal como as ideologias que influenciam os cidadãos desavisados, mas “combatendo com Mistol você evita que o dominem.”⁵⁰ Novamente, a metáfora da sociedade como organismo vivo, onde os elementos estranhos devem ser combatidos para que não corrompam as demais células (a família) e órgãos (as instituições) do corpo (a sociedade).



Ordem e disciplina no exercício burocrático e dos remédios.

Fontes: *Cidade de Blumenau*, 15/03/1947 e 23/06/1946

Algo semelhante também aproxima os anúncios de *Flit* e de *Mistol* com os *Arquivos Fiel*. Este último apresenta seus arquivos como “soldados da ordem e da eficiência”,⁵¹ onde logo abaixo deste lema um batalhão de soldados em fila representa o ideal de ordem e disciplina que tal empresa de móveis de aço aspira oferecer. “Como guardas eficientes e disciplinados,” continua o anúncio, “os arquivos Fiel zelarão pela boa ordem dos documentos e papéis do seu escritório.”⁵² Os soldados também estão presentes, tal como no anúncio do inseticida, apresentando-se em fila, à semelhança da imagem do remédio contra resfriados. Neste, eles não se comprometem a “combater”, “atacar” ou “defender”, mas sim a manter os escritórios devidamente organizados, ou seja, garantindo a hierarquia e a disciplina da burocracia.

Os dois anúncios anteriores, *Flit* e *Mistol*, são de 1946, quando ainda havia certo clima de tensão na Europa mesmo após terminada a guerra, enquanto que o da *Fiel* é de 1947, quando as forças de ocupação na Alemanha, no Japão e na Itália já estavam com a situação relativamente sob controle, não havendo mais perigo de alguma sublevação popular ou de grupos para-militares que tentassem tomar o poder e instaurar a velha ordem novamente ou — a grande paranóia de então — a implantação de um regime socialista. Ou seja, tais forças de ocupação procuravam garantir o espaço geopolítico da Alemanha e do Japão como democracias ocidentais, visto a presença soviética em Berlim desde 1945. Tal garantia se deu através da presença de forças armadas anglo-americanas como fator psicológico e militar para determinar burocraticamente os rumos políticos e econômicos não apenas da Alemanha, mas do restante da Europa.

O contexto histórico, nestes anúncios, está muito bem caracterizado, desde que se saiba ler nas entrelinhas do discurso. Caso a análise sobre elas fosse isolada, ou seja, os anúncios em si mesmos, sem a leitura de seus referenciais, dificilmente as constatações seriam as mesmas. Da mesma forma, sugere-se que quem consumisse os produtos expostos neste artigo não seria apenas “moderno”, estaria também contribuindo para os esforços de guerra, para a vitória dos aliados, para a grande causa mundial da liberdade e da democracia. Tudo isto no seu escritório ou no seu lar, para você desfrutar com o máximo de conforto, segurança e paz.

Percebe-se, portanto, a importância do jornal como fonte indispensável à pesquisa histórica e como, mesmo com ausência ou carência de fontes bibliográficas, este material pode suprir determinadas lacunas. Além disso, torna-se importante perceber de que forma a sociedade blumenauense e catarinense como um todo, lia e percebia tais anúncios e de que forma e em que medida os produtos neles anunciados eram consumidos, pesquisa esta ainda a ser feita.

NOTAS

- ¹ Sobre tais relações, ver o livro BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1978, 497 p.
- ² Ver todos estes apontamentos nos livros de Marco A. Pamplona (*Reverendo o Sonho Americano: 1890-1972*; 1995), José Arbex Jr. (*A Outra América: apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos*; 1993), Voltaire Schilling (*EUA x América Latina: as etapas da dominação*; 1991) e no já citado Moniz Bandeira.
- ³ COSTA, Licurgo. Cidadão do Mundo. Rio de Janeiro: José Olympio; 1943, 336 p.
- ⁴ É certo que a *charge* foi desenhada por Belmonte, caricaturista brasileiro, porém, um crítico feroz do nazismo, sendo a *charge* divulgada sob o *copyright* da Agência Inter-Americana.
- ⁵ Digo isto em referência a outro artigo, onde analisei as noções de tecnologia representados num cartaz de uma feira de automóveis em Berlim e um anúncio publicitário da Ford, ambos publicados no jornal Blumenauense *Der Urwaldsbote*. CARESIA, Roberto Marcelo. A Roda Mítica e o Arco-Íris da Tecnologia: diferenças do olhar alemão e brasileiro em relação à tecnologia na década de 1930. Blumenau em Cadernos. Fundação Cultural: nº 01/02, jan/fev 2002, ps. 20-31.
- ⁶ Tal como a própria *Iracema* de José de Alencar, onde uma indígena tupi, contrariando as tradições de seu povo, une-se a um português, dando a luz ao primeiro “brasileiro”. Note-se que Iracema é um anagrama de América e que todo o romance pode ser interpretado como a metáfora da invasão européia no continente americano: invadindo, desvirginando e gerando uma nova sociedade. Não é por demais lembrar que Iracema morre ao dar a luz o filho de tal união, tal qual os povos indígenas que, para que a sociedade brasileira pudesse se desenvolver, tiveram que ser oprimidos até quase desaparecerem. RIBEIRO, Renato Janine. *Iracema* ou a Fundação do Brasil. In FREITAS, Marcos César de (org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. São Paulo: Contexto; 1998, p. 405-413.
- ⁷ CARESIA, Roberto Marcelo. in Blumenau em Cadernos. op.cit. p.28.
- ⁸ SINGER, Ben. Modernidade, Hiperestímulo e o início do Sensacionalismo Popular. In CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa (orgs). O Cinema e a Invenção da Vida Moderna. São Paulo: Cosac & Naify; 2001, ps. 115-50.
- ⁹ CARVALHO, Nelly de. Publicidade: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática; 1996, 175 p.
- ¹⁰ Apud CARVALHO; 1996, p.10.
- ¹¹ Erika Rappaport, ao estudar sobre o estado-unidense Gordon Selfridge — o qual inaugurou a primeira loja de departamentos no West End londrino — demonstra como este se utilizou da retórica publicitária estado-unidense para incutir na sociedade inglesa, principalmente nas mulheres, a noção de que o ato de fazer compras não era apenas uma ação comercial ou econômica, mas antes de tudo um hábito sociocultural vinculado ao lazer e ao prazer, levando as pessoas a comprarem produtos sem perceber que estavam realizando uma ação comercial. RAPPAPORT, Erika. “Uma Nova era de Compras”: a promoção do prazer feminino no West End londrino 1909-1914. in CHARNEY & SCHWARTZ, op.cit.; ps. 187-221.

- ¹² FERRER, Christian. Informática y Sociedad: a modo de teórico. Buenos Aires – Arg.: fotocópia, primeiro semestre de 2000, 20 p.
- ¹³ Através de textos complexos junto aos anúncios publicitários, onde não é raro encontrar termos técnicos de mecânica, química e física para explicar o funcionamento do produto.
- ¹⁴ “Para que este ‘salto’ se hiciera posible se necesitó no sólo el maceramiento de las metáforas técnicas en el habla cotidiana sino también una agresiva e insistente pedagogia moral cumplida a través de la escolarización obligatoria y la práctica masiva de consumo de noticias.” (FERRER; p.02)
- ¹⁵ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. 4ªed. Campinas: EdUNICAMPI; 1996, 553p.
- ¹⁶ “los hilos invisibles que enlazam a las tecnologías entre sí solo se evidenciam cuando incluimos a todas ellas en un cosmos mitológico.” (FERRER; p.03)
- ¹⁷ “Ich bin der Blitz-Berichterstatter!”
- ¹⁸ DER URWALDSBOTE. Blumenau; ano 47, nº 43, 28/11/1939.
- ¹⁹ Idem; ano 47, nº 50/51, 22/12/1939.
- ²⁰ Cfme SILVA, José Ferreira da. A Imprensa em Blumenau. Blumenau: Gov.Estado de SC; 1977.
- ²¹ Muitas empresas da região tiveram que ceder sua direção a brasileiros natos, visto descendentes de alemães não poderem dirigir empresas brasileiras no período da guerra
- ²² CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; ano XXI, nº 19, 21/10/1944.
- ²³ Idem; ano XXI, nº 101, 04/02/1945.
- ²⁴ Idem; ano XXII, nº 72, 30/12/1945.
- ²⁵ Idem.
- ²⁶ Idem.
- ²⁷ Idem; ano XXII, nº 95, 27/01/1946.
- ²⁸ CARESIA, Roberto Marcelo. in Blumenau em Cadernos. op. cit. jan/fev 2002.
- ²⁹ Ver capítulo o *O Realismo Mágico de Ernst Jünger*, do estudo de Jeffrey Herf. O Modernismo Reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich. São Paulo: EdUNICAMP; 1993, ps. 85-126.
- ³⁰ Idem.
- ³¹ Conforme capítulo *Oswald Spengler: antinomias burguesas, conciliações reacionárias*, do estudo de Jeffrey Herf. op.cit. 63-84.
- ³² ELIAS, Norbert. op.cit. 1997, p.190.
- ³³ A Organização das Nações Unidas – ONU é formada em 1945, ao término da guerra. Porém, os aliados já se autodenominavam antes do término da mesma como Nações Unidas. A instituição da ONU sob esta denominação foi apenas uma confirmação do que já existia na prática.

³⁴ CARRASCOZA, João Anzanello. A Evolução do Texto Publicitário: a associação de palavras como elementos de sedução na publicidade. São Paulo: Futura; 1999, p. 94.

³⁵ A NAÇÃO. Blumenau; ano I, nº 03, 05/06/1943.

³⁶ Idem.

³⁷ CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; ano XX, nº 208, 25/06/1944.

³⁸ “Paz da modernidade” no sentido de proporcionar menos dificuldades às tarefas diárias do lar e mais tempo livre para o lazer e o consumo.

³⁹ CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; ano XXII, nº 13, 07/10/1945.

⁴⁰ Idem; ano XXII, nº 104, 12/02/1946.

⁴¹ Idem.

⁴² Sobre este assunto inquietante há o aclamado documentário *Arquitetura da Destruição* (*Architektur des Untergangs*. Dir: Peter Cohen; 1998) onde mostra-se os artifícios utilizados pelo Partido Nazista para incutir na população alemã o ódio racial e a justificativa para isolar e exterminar os judeus e outras minorias étnicas. Tais artifícios incluem a música, exposições de arte, publicidade de produtos alemães, documentários e filmes cinematográficos, onde mostram-se sutilmente o controle de pragas (ratos) com venenos, comparando-os aos judeus, mais tarde expostos às câmaras de gás.

⁴³ CIDADE DE BLUMENAU. O Povo Alemão não será escravizado, será Curado. Blumenau; ano XX, nº 73, 30/12/1943.

⁴⁴ Da mesma forma que as metáforas de corpo/máquina pela publicidade não se constituíam em novidade mas sim em algo já estabelecido e aceito pela sociedade, a metáfora da guerra/doença também já era utilizada em várias campanhas de saúde do país, como o “combate” à febre amarela na década de 1930 e a atual “guerra” contra a dengue. Neste caso, o contexto é totalmente específico, pois a doença a ser combatida não são germes ou insetos mas sim países inimigos, fazendo com que os mesmos fossem vistos como doenças mesmo em anúncios de remédios ou inseticidas.

⁴⁵ Note-se aqui que “fantástico” é utilizado não no sentido de “maravilhoso” ou “genial”, mas sim de “fantasioso”, “ilusório”. Idem.

⁴⁶ Visto a sociedade ser constantemente comparada com um corpo humano, onde cada indivíduo é uma célula e cada instituição um órgão, um cidadão subversivo é visto como um vírus.

⁴⁷ CIDADE DE BLUMENAU. Idem.

⁴⁸ BRITES, Olga. Infância, Higiene e Saúde na Propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v.29, nº 39, 2000, p.249-278.

⁴⁹ CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; ano XXII, nº 184, 23/06/1946.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem; ano XXIII, nº 110, 15/03/1947.

⁵² Idem.



MUSAS, DEUSAS, COLECIONISMO E EDUCAÇÃO: AS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS E O MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL

MUSAS, DEUSAS, COLECIONISMO E EDUCAÇÃO: AS PRÁTICAS MUSEOLÓGICAS E O MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL*

Mariana Girardi Barbosa Silva**

Na Grécia antiga o *Mouseion* ou a “Casa das Musas” era uma mistura de templo com instituição de pesquisa, onde filósofos, artistas e cientistas, se reuniam para criar, contemplar e filosofar, nascendo, a partir disso, os primórdios da instituição que conhecemos atualmente como Museu. Conforme Suano (1986, p.10), “as musas, donas da memória absoluta, imaginação criativa e presciência, com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens a esquecer a ansiedade e a tristeza”. O *Mouseion* era um lugar de calma, de pensamento, de ideias e de fruição por parte de seus admiradores. As musas, que na mitologia grega eram as filhas de Zeus com Mnemose (divindade da Memória), traziam a inspiração necessária, a paz e a alegria para aqueles que frequentavam o ambiente. A memória voltaria às mentes já esquecidas e a saudade reapareceria na forma de pequenos objetos, obras de arte e livros dispostos organizadamente em um espaço que transcenderia a visualização humana.

A prática precursora referente às instituições museológicas atuais foi o colecionismo, que ocorreu em diferentes culturas e com significados bastante distintos, passando por diversas mudanças desde a Idade Antiga. Os grandes colecionadores desta época foram os romanos que guardavam os objetos obtidos nas várias conquistas no Oriente,

* O presente estudo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “Museus e Mestres: A visita de professores do Ensino Fundamental ao Museu da Família Colonial – Blumenau/SC.”, defendida pela autora em Março de 2011.

** Historiadora, Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo ICPG e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau. E-mail: mariana_girardi@ig.com.br

Britânia e norte da África (SUANO, 1986). Podiam ser colecionados os mais variados objetos, sendo difícil precisar uma função específica para este ato de guardar e zelar. Observam-se nesta prática algumas funções que os museus hoje desempenham, sendo estas de cunho religioso, afetivo e até mesmo de prestígio ou distinção social.

Na Idade Média, estas coleções passam a ter objetivos diferentes. A fascinação pelas coleções vinha de sua intocabilidade, pois pertenciam e eram zeladas por pessoas importantes da sociedade. Imperadores, como Carlos Magno e a própria Igreja Católica eram os detentores das mais importantes coleções da época. Os objetos eram presentes de embaixadores ou prêmios por conquistas de territórios e seus receptores os mantinham como fonte para conquista de poder diante de determinados grupos da sociedade ou como um mistério da Fé, no caso da Igreja Católica, instituição mais importante da época.

Já, na Idade Moderna, as coleções tornam-se uma “febre” em toda a Europa. As coleções que pertenceram, principalmente, à aristocracia e à burguesia, reapareceram em um período onde “o homem vivia uma revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo.” (JULIÃO, 2006, p.20). Estas coleções principescas dos séculos XV e XVI, financiadas por famílias nobres, abrigavam objetos importantes da Antiguidade, achados culturais da América e Ásia e também obras de artistas conceituados.

Na mesma época destas coleções havia ainda os Gabinetes de Curiosidades, que eram também chamados de museus. Estes gabinetes criavam o cenário próprio da natureza em um espaço fechado, trazendo descobertas científicas e objetos que fossem relacionados com o tema. Com as coleções organizadas por especialidades, nos séculos XVII e XVIII, o objetivo de apenas expor peças para saciar a curiosidade não era mais suficiente e um novo tipo de pensamento se insere no contexto do museu.

Agora era importante a questão do pensar científico e da pesquisa utilitária a partir deste ambiente. Mas este conhecimento era aberto apenas ao proprietário da coleção e de pessoas próximas a ele. Posteriormente, estes gabinetes ou coleções se tornaram museus, tal como hoje são conhecidos e abertos ao público em geral.

Mas, foi somente após a Revolução Francesa que a concepção de museu, como se conhece hoje, aparece pela primeira vez. Apenas no final do século XVIII e meados do século XIX é que se consolidam importantes instituições museológicas na Europa e, depois, no mundo. O Museu do Louvre, na França, é aberto em 1793, “em 1808, surgia o Museu Real dos Países Baixos, em Amsterdã; em 1819, o Museu do Prado, em Madrid; em 1810, o Altes Museum, em Berlim, e em 1852, o Museu Hermitage, em São Petesburgo, antecidos pelo Museu Britânico, 1753 em Londres, e o Belvedere, 1783, em Viena.” (JULIÃO, 2006, p.21). Estes museus já munidos de um espírito pedagógico de conservação e reprodução de conhecimentos e de formação de cidadãos participavam ativamente no processo de construção das nacionalidades. (JULIÃO, 2006). Nesta época os museus já eram vistos, por alguns interessados na área, com olhos mais específicos de fruição, de educação e de pesquisa. Suano (1986, p. 47-48) cita uma obra, escrita em 1888, por Thomas Greenwood, intitulada "Museus e Galerias de Arte" (Museums and Art Galleries), que faz uma crítica dos museus da época, tanto da Europa quanto da América e que também traz para o leitor algumas regras úteis para a visitação de museus. Seguem, abaixo, algumas destas regras colocadas pelo autor:

- Antes de entrar num museu, pergunte-se o que você quer, [...] consulte o atendente sobre os espécimes interessantes em cada sala.
- Lembre-se que o principal objetivo dos espécimes é instruir.
- Tenha um caderninho onde anotar suas impressões [...].
- Visite periodicamente o museu mais próximo de você e faça dele sua escola avançada de auto-instrução.

Mesmo com toda a mudança no pensamento da época, essa filosofia que refletia a visitação de museus não foi aceita por todos, sendo muito criticada por interessados no assunto. Havia ainda aqueles que queriam acabar com os museus, pois os consideravam “cemitérios” de objetos e de pessoas, desnecessários para a compreensão de uma sociedade.

No âmbito brasileiro, os museus apareceram no século XIX, mais especificamente no ano de 1818, quando D. João VI cria o Museu Real, conhecido como Museu Nacional. Atualmente ele é considerado a mais antiga instituição científica e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Foi criado inicialmente de maneira bastante modesta, dada a quantidade de material que possuía, mas apesar disto, tinha o objetivo de atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico do país, estimulando o conhecimento e a pesquisa científica no Brasil.

Na segunda metade do século XIX outros museus foram criados no país. “Os museus do Exército (1864), da Marinha (1868), o Paranaense (1876), do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (1894), [...] o paranaense Emílio Goeldi, constituído em 1866, [...] e o Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga, surgido em 1894.” (JULIÃO, 2006, p.21). Fortaleceu-se no país um tipo de museu que abrangeria diversos tipos de saberes, e é a partir de 1920 que a ideia de nação e o nacionalismo ganham espaço na temática expositiva dos museus brasileiros. A museologia, a partir desta data, passa a se comprometer com os aspectos de formação de cidadãos conhecedores da história do país em que vivem e com sua integração social. Os museus levam em consideração os feitos realizados pela elite e pelos segmentos mais importantes da sociedade, cultuando a personalidade de diversas figuras que marcaram a história do país e que estavam estampadas nos livros didáticos.

Portanto, é a partir da concepção do antigo “mouseion”, reformulada e repensada para o século XX, que surge o museu atual. Este surgimento nasceu atrelado a uma grande mudança no fundamento das

instituições museológicas, trazendo grande impacto em seus objetivos educacionais, científicos e de formação individual do visitante. Até então, estes objetivos consistiam em escassas atividades ligadas às escolas e à pesquisa histórica a partir dos objetos do acervo.

O museu tornou-se um lugar onde se mantém a mente ocupada e onde podemos nos dedicar a atividades intelectuais. Transcendendo, no entanto, o conceito nascido na Grécia antiga, o museu moderno segue o caminho da pedagogia e da ciência. Neste sentido, Ulpiano Bezerra de Meneses (1988, p.42, grifo do autor) afirma que:

Examinando o universo dos museus, entretanto, pode-se perceber com facilidade que desde o século XVIII vai ele dando espaço ao mito, a ponto de ser considerado, ainda hoje, como um dos *lugares* do mito, em que ele se cultiva, é produzido ou homologado, circula, recicla-se, e é consumido.

O mito que os visitantes encontram, consomem e desfrutam, tendo procurado ou não por isto, está nos objetos, nas obras de arte, nos seus respectivos autores e até mesmo nos doadores que fizeram com que ele pudesse existir. Estes mitos, que vêm da Grécia antiga por meio das musas, repousam hoje nos museus de concepção atual que não perderam a essência mitológica da memória e da imaginação. O museu atual tem também como tarefa adaptar-se às mudanças da sociedade, podendo assim atuar junto ao seu público que consiste em pesquisadores, professores, alunos e demais visitantes interessados nas diferentes formas de representação histórica, artística ou científica presentes na instituição. Meneses (1988. p. 50) descreve o museu e sua finalidade da seguinte forma:

O museu é uma instituição polifuncional: serve ao devaneio, ao lúdico, ao afetivo, à fruição estética, tanto quanto à informação, ao onírico tanto quanto ao cognitivo, ao treinamento e assim por diante. [...] Em outras palavras não poderia ser função do museu cultivar, preservar, recuperar, difundir mitos, memórias e identidades, mas registrá-los, observá-los, procurar entendê-los e deles propor leituras críticas.

Como já mencionado, os museus no Brasil e no mundo podem ser classificados sob diversas perspectivas. Hoje encontramos vários tipos de museus com diferentes finalidades em relação à exposição, ao material que é salvaguardado, em relação aos aspectos educacionais e também aos aspectos científicos. Dentre os mais variados tipos de museus temos os Museus de Arte, os Museus de Ciência e as Casas-Museu que também podem ser englobadas no padrão Museus Históricos. Esses são alguns tipos de museus que podemos encontrar espalhados ao redor do mundo. É ressaltada, também, a dinamização destas instituições e a criação generalizada de vários outros gêneros de museus. Já, nesta pesquisa, atribui-se uma consideração especial aos Museus Históricos e, em especial às Casas-Museu, já que o MFC está classificado nesta categoria de instituição museológica.

Assim, os Museus Históricos têm como objetivo preservar a história e costumes do povo, buscando garantir e manter o interesse do visitante morador da cidade, ou do próprio turista. Atualmente, os Museus Históricos suprimiram alguns conceitos de museu do século XIX e mostram que suas exposições permanentes podem ser atrativas, criam exposições temáticas diferentes para o público e o atendimento individualizado do visitante garante uma relação mais estreita do público com o museu. Isto torna interativas as “coleções” que, para muitos, poderiam ser consideradas “velharia” ou até mesmo “depósito”. É neste ponto que começa a conquista do público, o visitar e o revisitar, o cultivo do amor pelo antigo. Assim, aberto a todos, acessível a todos, procurado nos dias de semana e peça fundamental do final de semana da família, o museu se faz presente no cotidiano da sociedade atual. Bourdieu e Darbel (2007) comparam a comunicação que o museu exerce com seus diversos visitantes com o rádio e a televisão. A informação que esse consegue passar através da exposição é voltada a qualquer pessoa, mas apenas adquire um sentido específico para aquela que consegue decifrar o tipo de informação que ele quer passar.

Para Meneses (1988), o museu em geral desempenha várias

funções na sociedade, ou seja, possui várias linhas de conhecimento e de ação, trabalha de diferentes maneiras para que muitas possibilidades de interação e visitação possam ocorrer em seu interior. Ressalta-se aqui sua atuação não apenas lúdica destinada aos roteiros de viagem de férias, mas também, a possibilidade da inculcação no adulto ou na criança, com o auxílio da família ou da escola, da “necessidade cultural”.



Foto 1: Museu da Família Colonial - Blumenau/SC em 2009.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

1.3 O MUSEU DA FAMÍLIA COLONIAL (BLUMENAU-SC)

Coincidentemente, fica o Museu numa velha casa de feição colonial, na histórica Alameda das Palmeiras. A rua do Teatro Froshinn, a rua do velho Zittlow. Nos fundos da casa, o parque florestal, à margem do rio Garcia. Orientado por um jovem e prestimoso auxiliar do diretor do

Museu, visito as várias salas que guardam valiosas coleções de coisas antigas. No conjunto de peças e no copioso documentário, estão escritos os primeiros capítulos da História de Blumenau. Tudo ali fala alto e claro de um passado de lutas, de trabalhos ingentes, de sacrifícios heróicos. As pilhas de livros do Dr. Blumenau, fundador da colônia. As notas e os livros de seu velho companheiro Victor Gaertner. A cadeira de palhinha do sábio Fritz Müller. O cofre de ferro da Colônia, notável pela rusticidade de seu acabamento. Instrumentos de trabalho. Objetos de uso dos primeiros imigrantes. Além de peças ornamentais de rara beleza. Candelabros e móveis antigos, quadros e porcelanas, leques e joias das antigas damas de Blumenau, velhas espadas vitaliciamente aposentadas de ruidosa refregas cívicas. Enfim, uma bela e palpável visão dos tempos longínquos. Um reencontro com o passado. [...]. Corrente é ouvir-se que “O passado já passou”. Mas no Museu da Família Colonial o passado não passará (LIBERATO, 1969, p. 35).

A epígrafe da página anterior, extraída da revista Blumenau em Cadernos (1969), descreve uma visita ao Museu da Família Colonial. Nestas poucas linhas, podemos nos sentir visitando o ambiente. Os objetos e os protagonistas desta história tão bem descritos são um reflexo do que podemos encontrar no Complexo Museológico do Museu da Família Colonial que é composto por três casas e um Horto Florestal localizado atrás destas edificações.

A história do MFC começa em 1950, quando a casa datada de 1864, ainda era residência de Edith Gaertner, sobrinha-neta do fundador da cidade, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Edith era uma senhora introspectiva e também incompreendida por todos devido ao seu jeito de vestir e por suas atitudes irreverentes. Em sua época de menina-moça, trabalhava em grandes peças de teatro na Argentina e na Alemanha. Voltando a Blumenau, depois de 20 anos na Alemanha cumprindo sua carreira artística, dedicou-se à montagem do museu, sendo um grande sonho seu o de preservar a história de sua família. Amante da natureza,

adquiriu grande afeto pelos animais, principalmente pelos gatos. Com a intenção de sempre se lembrar destes, Edith Gaertner sepultava-os com toda formalidade e cerimônia, formando assim, em seu jardim, o “Cemitério de Gatos”. Este é um local do Complexo Museológico que é chamariz para os estudantes, já que os mesmos associam a figura da doadora da casa com os gatos, sua grande paixão. Alguns contam que para alegrar seus bichanos, na época do Natal, a atriz pendurava linguças ao redor do corpo para que esses desfrutassem do prazer de uma boa refeição em companhia de sua amiga. Estas histórias divertem os alunos e visitantes que vão ao museu, fazendo despertar nestes o interesse por essa moradora tão especial. No ano de 1952, Edith Gaertner doa sua casa e a de seus irmãos para a Fundação Casa Dr. Blumenau, conhecida hoje como Fundação Cultural de Blumenau. Após a doação, o museu teve sua criação assegurada por um grupo de pessoas interessadas na preservação da história da cidade e na manutenção do patrimônio cultural existente. Em 1967 Edith Gaertner falece e, a partir deste momento, o Museu da Família Colonial toma forma como instituição museológica de cunho público. (FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU, 1992)

Transformada em museu, a casa que pertencia a Edith tem o objetivo de contar a história dos imigrantes alemães, seu cotidiano e o seu modo de viver. Também faz parte do museu a casa que se localiza nos fundos, datada de 1920, que fora doada pela sobrinha neta do Dr. Blumenau. Nesta casa as exposições são montadas com doações de várias famílias da cidade, contando, por meio dos objetos, a evolução e o desenvolvimento da cidade ao longo dos anos. Esta casa é composta de salas temáticas com destaque para a Sala dos Indígenas, Sala de Música, Sala de Curiosidades, Sala de Maquinário Têxtil e também uma sala de exposições temporárias, onde a cada três meses uma nova exposição temática é montada.

Anexo à casa de Edith Gaertner se localiza também a casa mais antiga de Blumenau, datada de 1858. Esta é uma casa com arquitetura

enxaimel, estilo este que foi uma reprodução do “Fachwerk” trazido pelos imigrantes alemães no final do século XIX. Na Alemanha, já no século XVIII, esta técnica não era mais realizada, mas mesmo assim, foi trazida para o Brasil com os imigrantes alemães. Acredita-se que este tipo de arquitetura teve sua base elaborada antes mesmo dos etruscos que viveram no século VI a.C. Segundo o arquiteto Vilmar Vidor (1995, p. 47-48) o enxaimel consiste “de uma construção quadrada ou retangular, cuja fundação de madeira tinha mais ou menos 10 metros de profundidade, dependendo da composição do solo. O corpo da construção, cubo ou prisma, tem nas suas arestas, pilares de madeira, encaixados nas vértices.” E ainda afirma que “o enxaimel do Vale do Itajaí não é inteiramente original, mas se reveste de importância pela sua transmutação, adaptabilidade e forte significado de um período em que se procurou sedimentar um novo modo de vida, o evento de um processo cultural em gestação.” (VIDOR, 1995, p. 49)

A casa mais antiga do Complexo Museológico, datada de 1858, foi restaurada após o falecimento da última moradora, Sra. Renata Luiza Rohkohl Dietrich, que faleceu em 1997, deixando o imóvel com alguns pertences como doação à Prefeitura Municipal. Este é o MFC. Sua composição, seus objetos e suas exposições se encarregam de contar a história da cidade e dos moradores das casas. Observar a diferença nos objetos da cozinha, nas diferentes maneiras de se viver e nas dificuldades que os imigrantes tinham nos atos do dia-a-dia são reflexões realizadas ao se conhecer as três casas.

A epígrafe citada no início deste tópico busca, de alguma maneira, rememorar um passado dentro do próprio passado que o museu busca salvar. A descrição feita por Liberato (1969), só não é idêntica ao que existe hoje, porque alguns objetos tiveram seus lugares alterados, foram substituídos ou foram retirados da exposição permanente, além do que, os monitores também não são os mesmos. Mas o que prevalece em sua fala é o zelo e o sentimento de estar vivenciando aquele espaço que um dia

já foi a moradia de uma família, com seus respectivos sonhos, conquistas, disputas, ou seja, a vida, que agora transcende por meio dos objetos da casa, o passado que prevalece em sua essência museológica.

TEORIZANDO A DINÂMICA MUSEOLÓGICA: DIÁLOGOS COM ALGUNS AUTORES

Após um levantamento da bibliografia existente sobre Educação Patrimonial e sobre as relações professor – museu percebeu-se a falta de literatura sobre este assunto. Em maior quantidade foram encontrados artigos científicos publicados em revistas especializadas e também algumas monografias de especialização. Estas (MORO, 2003; STRUTZ, 2003), em especial, explicam a comunicação entre professores e alunos, as dinâmicas desta comunicação e os procedimentos para que a visita aconteça de maneira satisfatória para ambas as partes.

No artigo *Desafios da relação museu-escola* (ALMEIDA, 1997) são tratados vários pontos importantes para esta pesquisa, já que aprofunda questões da relação do museu com o ambiente escolar e vice-versa. Juntamente com este tema, está também exposta a relação dos professores com os educadores que trabalham nos museus. Almeida (1997) percebeu que, mesmo que o professor fale, em entrevista, que visita o museu com alguns objetivos, estes não aparecem no momento da visita. A extrema descontração dos alunos ou o rigor intenso dos professores quanto às regras sobre comportamento, impostas em sala de aula, acabam fazendo com que a visita não obtenha resultados significativos para os alunos. Alguns museus observados e relatados na pesquisa realizada por Almeida, como o Museu de Astronomia e Ciências (RJ), o Museu do Folclore Édison Carneiro (RJ) e o Museu do Instituto Butantã (SP) oferecem serviços de visita orientada com professores e também a distribuição de material didático para que facilitem a formulação de objetivos na visita. Mas são poucos os professores

que utilizam estes serviços e que fazem com que a visita se torne proveitosa. Alguns professores querem chegar ao museu e serem guiados, como seus alunos, fazendo parte da visita e não tomando postura de educadores. Portanto, esta pesquisa pretende, de forma mais ampla, questionar quem são os professores que visitam os museus e constatar suas atitudes e práticas junto a seus alunos durante as visitas e, ainda, qual a relação que pode ser feita com o setor educativo dos museus. Ainda em Almeida (1997), os exemplos que esta autora fornece sobre outros museus e sobre seus problemas com professores e alunos fazem lembrar muito as observações iniciais feitas no MFC. Consegue-se perceber, com estes exemplos, que as dúvidas que surgem sobre Educação Patrimonial e sobre as relações entre professores e museus não são características apenas do MFC. Como Almeida (1997, p.53) destaca: “a preparação dos alunos dada pelos professores era genérica e disciplinadora (como se comportar no museu)”. Compreende-se que não é este o tipo de educação que o museu quer repassar aos seus visitantes. Não são apenas as normas e o modelo de conduta, mas também todo o conhecimento histórico, artístico e científico que o museu pode proporcionar.

Já o livro *A danação do objeto: o museu no ensino de história*, de Francisco Régis Lopes Ramos (2004), explora intimamente a relação entre professores e museus e todas as características envolvidas nesta relação. Primeiramente, o autor explica a percepção que temos dos objetos do museu. Muitas vezes, eles são considerados velhos, empoeirados, sem utilidade, mas o autor tenta elucidar a ideia de que estes não devem ser privados de vida, pois devemos “enxergar o que há de sujeito no objeto e o que há de objeto no sujeito” (RAMOS, 2004, p.61).

O impasse entre sujeito e objeto começa pelo fato de que sempre consideramos apenas o momento em que o sujeito produz o objeto e não paramos para reconhecer o quanto o próprio objeto também faz o sujeito. Estes objetos que foram produzidos por um sujeito, e que se encontram nos museus, se trabalhados pedagogicamente, tornam-se objetos

geradores de conhecimento, de imaginação, de cultura. Para o autor, estes objetos geradores são aqueles escolhidos por um professor ou por um pesquisador para fins de pesquisa ou de estudo e que, necessariamente, seriam significativos no aprendizado dos alunos ou de participantes de certos grupos e que também poderiam contribuir, em algum momento, para uma pesquisa científica. É a partir destes objetos que o professor ou o pesquisador realizaria uma leitura de mundo e exercícios específicos sobre que tipo de conhecimento estes objetos estariam fornecendo para seu público.

Para Ramos (2004) é também papel do museu desenvolver estas políticas pedagógicas dentro da instituição para que haja uma iniciativa, por parte dos professores, de reconhecer este local como produtor de conhecimento. O autor considera ainda importante pensar a Educação Patrimonial como uma rede que deve ser cada vez mais ampliada, já que necessita da ajuda do governo, das universidades que formam os educadores, das escolas e dos próprios educadores, pois o tipo de saber que encontramos dentro do museu não se encontra em outros lugares. Ramos (2004) é mais um dos autores que apoia a visitação de professores que já tenham objetivos definidos, evitando que o museu seja apenas um fornecedor de dados. Em seu livro, também, podemos encontrar várias formas de como trabalhar com os alunos e formas de como os museus podem trabalhar com educação patrimonial, objetos, fotografias e literatura. Este autor ainda elucida que, mesmo as crianças da educação infantil que ainda não alfabetizadas, podem e devem frequentar museus. Estas devem trabalhar com atividades lúdicas, que transmitam um conhecimento histórico e de preservação desse patrimônio, que algum dia elas poderão conhecer melhor. Como nos coloca Ramos (2004, p.21) “a visita ao museu deve começar dentro da sala de aula.”

Com uma temática um pouco diferente, mas não fugindo da interpretação museu-educação, está o artigo de Evelina Grunberg (1995), *Educação Patrimonial: Utilização de bens culturais como recursos educacionais*.

Este foi apresentado no Encontro de Museus do MERCOSUL, na cidade de São Miguel/RS, em outubro de 1995, e é muito citado quando o assunto é Educação Patrimonial, seus usos e reflexões sobre sua metodologia. A autora começa fazendo um apanhado sobre as questões de identidade nacional, dos bens culturais, dos critérios de preservação e da importância de todos estes itens para uma comunidade. A Educação Patrimonial, neste artigo, é considerada como um ensino centrado nos bens culturais como fontes primárias de ensino. A aplicação desta metodologia de Educação pode ser utilizada em qualquer espaço social, cultural e histórico e também para qualquer faixa etária. Utiliza-se do passado para compreender o povo, sua organização, suas formas de viver, pensar, trabalhar, entre outros.

Ainda, de acordo com Grunberg (1995), a experiência da Educação Patrimonial deverá sempre levar em conta quatro itens importantes: a percepção, a observação, a motivação e a memória-emoção. Esta metodologia deve seguir três etapas: 1. Identificação (Observação e análise do bem cultural). 2. Atividades de registro do bem cultural. 3. Valorização e resgate. E, mais uma vez, temos como proposta o estabelecimento de objetivos antes da visita, a preparação desta visita e dos alunos e o envolvimento de todas as matérias do currículo para acrescentar ainda mais conteúdos. A autora analisa esta participação do professor e a utilização da metodologia da Educação Patrimonial para que ocorra a manutenção, a preservação e o respeito ao patrimônio cultural de uma comunidade. Neste artigo, a autora explica que os “bens culturais consagrados, chamados também de bens patrimoniais [...] devem possibilitar, a quem os observa e estuda, uma experiência concreta de evocação do passado, do contrário, não tem sentido sua guarda e sua preservação” (GRUNBERG, 1995, p.04). Na pesquisa bibliográfica encontramos ainda duas monografias do Curso de Especialização em História e Acervos da Universidade Regional de Blumenau - FURB. A primeira, intitulada *Educação e preservação do patrimônio: uma experiência construída na coletividade*, de Margô Protzky

Strutz (2003), traz algumas experiências de Educação Patrimonial com educandos da região. Nestas são trabalhadas temáticas e objetivos definidos para a visita ao Patrimônio Cultural e podemos observar que, quanto mais sistematizado e objetivado estiver o trabalho do professor, melhor será o aproveitamento durante e depois das visitas. Outra monografia é a de Maricarla de Carvalho Santos Moro (2003) intitulada *A importância de trabalhar educação patrimonial no cotidiano escolar*. Esta também consegue mostrar que, com um trabalho sério e objetivo, podemos conseguir modificar alguns equívocos sobre o patrimônio histórico e cultural e ainda aprimorar, nos alunos, os conceitos de patrimônio e memória.

Nestas monografias são encontrados exemplos destes caminhos tomados pelos professores ao idealizar uma visita a um museu ou centro cultural e modelos de atividades realizadas para que a Educação Patrimonial seja efetivamente realizada dentro de sala de aula. As autoras perceberam e relataram, em sua introdução, que precisavam encontrar caminhos para que fosse ressaltado, dentro da sala, o respeito e a preservação da memória das famílias e do patrimônio das comunidades em que viviam os entrevistados das pesquisas. Interessante, também, perceber a ajuda de professores, alunos e pais para que esse processo acontecesse com naturalidade e para que fosse inserido dentro do currículo escolar.

No artigo *Por que visitar museus?* (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2002), são elucidadas algumas questões sobre as maneiras como o museu pode estar inserido na sala de aula e de como os professores podem aproveitar isto. Os autores nos lembram que uma das funções mais importantes das instituições museológicas é sua função educativa, mas para que esta seja realmente explorada, professores e alunos precisam compreender as mensagens que as exposições museológicas querem passar e tentar construir novos significados a partir delas. Na pesquisa são tratados, principalmente, os museus de ciências humanas, onde os professores já se deparam com exposições previamente formadas e dispostas

em um discurso construído no momento atual. Duas são as perguntas que os autores se fazem no artigo: quais as perspectivas que levam professores de História a visitarem o museu, e em que momento a instituição museológica entraria no desenvolvimento de sua proposta educacional junto aos alunos. E, para respondê-las, recorrem ao pressuposto de que o museu é e deve ser considerado de fundamental importância para a educação.

Também é abordado, neste mesmo artigo, o fato de que alguns museus trabalham especificamente para a ajuda ao professor, com materiais didáticos e visitas orientadas. Outro ponto importante está no final do artigo, quando são apresentadas propostas e dicas de roteiros de visitas para professores, trazendo alguns exemplos de procedimentos para realizar uma visita proveitosa e os requisitos para o planejamento da mesma. Esse trabalho difere desta pesquisa por abordar apenas o comportamento dos professores dentro dos museus e não o aprofundamento de seus objetivos quanto às visitas. As perguntas feitas pelos autores se parecem muito com os questionamentos desta investigação em relação aos objetivos da visitação, mas caminha por diferentes direções ao não considerar aspectos sociológicos da visita e, especificamente, dos objetivos que os professores podem criar diante das possibilidades que os museus têm a oferecer.

Esta pesquisa parte do pressuposto de que o gosto pela cultura não é um privilégio natural. Ou seja, ninguém nasce com o amor pelos museus ou pela história. Este amor ou gosto é, ou não, cultivado tanto pela família quanto pela escola. Então, considerar “quem é” esse professor, quais suas práticas culturais, se faz importante. E, a partir disso, colocar alguns questionamentos como: onde este sujeito, o professor, está localizado no espaço social? Qual o seu capital cultural e econômico? E de que maneira estes dois fatores influenciam ou não na visita a museus? Na obra *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público* (BOURDIEU; DARBEL, 2007) são trabalhadas estas variáveis. Bourdieu e Darbel (2007, p.164) argumentam que, na medida em que um sujeito produz:

Uma cultura (*habitus*) – que não é senão a interiorização do arbitrário cultural – a educação familiar ou escolar tem, com efeito, pela inculcação do arbitrário, dissimular cada vez mais completamente o arbitrário da inculcação. O mito de um gosto inato, que nada deveria às restrições das aprendizagens nem aos acasos da influência, já que seria dado inteiramente desde o nascimento, não é senão uma das expressões da ilusão recorrente de uma natureza culta que preexistira à educação.

Por isso, conhecer o potencial econômico e social de um indivíduo, no caso, um professor, é apenas prever ou compreender a posição do mesmo no espaço dos estilos de vida e assim entender o que o faz levar seus alunos ao museu e, até mesmo, preparar-se para esta visita. Diante destas discussões travadas em torno da educação em museus, das visitas de professores, da Educação Patrimonial e das questões da sociologia da educação, percebe-se um vazio teórico no que diz respeito às relações entre professores e museus e em relação aos motivos e objetivos das visitas escolares. Portanto, a problematização deste trabalho é motivada pela carência de reflexões sobre os aspectos didático-pedagógicos do planejamento das visitas com alunos do Ensino Fundamental e também pela compreensão dos aspectos culturais que circundam os professores visitantes de museus. O que se observa, diante desta gama de informações pesquisadas, é a falta de esclarecimento sobre a posição no espaço social deste professor que visita o museu. Nenhum trabalho aborda os aspectos culturais, sociais e econômicos do professor visitante de museus históricos. Destarte, é necessário recorrer aos autores citados acima, para caracterizar e ampliar as percepções encontradas nas observações *in loco* e nos dados dos questionários respondidos pelos professores. Encontramos neles um suporte para a problematização deste estudo, já que aqui será trabalhada a compreensão dos motivos da visita dos professores com seus alunos do Ensino Fundamental a museus históricos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu - escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p.50-56, set. 1997.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Porque visitar museus. In: BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 104-116.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Edusp, 2007.
- FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU. **Museu da Família Colonial**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992.
- JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas I**. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. 2ª Edição.
- LIBERATO, Celso. Visita a um museu. **Blumenau em Cadernos**. TOMO X. Fevereiro de 1969. n.02. p.35
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O Museu na cidade, a cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. v.5, p.40-52. ago/set.1988.
- MORO, Maricarla de Carvalho Santos. **A importância de trabalhar educação patrimonial no cotidiano escolar**. 2003. 30 f. Monografia (Especialização) - Curso de História e Acervos, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.
- STRUTZ, Margô Protzky. **Educação e preservação do patrimônio: Uma experiência construída na coletividade**. 2003. 100 f. Monografia (Especialização) - Curso de História e Acervos, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003.
- SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- VIDOR, Vilmar. Arquitetura, cultura e identidade local. **Revista de Divulgação Cultural**. Universidade Regional de Blumenau – FURB. n.58. p.47-50. Maio 1995 – Abril de 1996

O VALE do ITAJAÍ

LAVOURA — INDÚSTRIA — COMÉRCIO

Nos. 48 - 49

Blumenau, Março e Abril de 1949

Ano V

A infeliz crônica de Rachel de Queiroz, publicada na popular revista "O Cruzeiro", causou uma impressão desagradável em Blumenau, provocando uma justa revolta por parte das pessoas sensatas e honestas.

Demonstrando profundo desconhecimento da região, a escritora, que

"Olhos Azuis"

Se Rachel de Queiroz tivesse vindo a esta região para conhece-la bem, escreveria de outro modo. Admiraria este notável parque industrial, onde um povo laborioso e honesto trabalha pela grandeza do Brasil. Conheceria um dos melhores Aero-Clubes do País e ficaria surpresa em apreciar um maravilhoso Teatro e uma orquestra sinfônica de primeira grandeza.



por sinal tem algum valor, teceu comentários sobre os que vivem no vale do Itajaí, ofendendo, de um modo grosseiro e incompreensível, milhares de brasileiros, que, descendentes de alemães, sentem orgulho desta terra dividida e boa.

Demonstrando possuir um temperamento mórbido com relação aos sentimentos germanicos, Rachel procedeu como certos "mencionalisadores" que vêm no teuto-brasileiro um inimigo,

não lhes concedendo o direito de agir como filhos e donos desta terra.

Resultado: devido a este modo de agir, eles se isolam e fazem muito bem. Evitam a companhia de brasileiros, da marca da Rachel, porque temem artigos desta natureza.

E procuram criar a sua vida, isolando-se, embora com tristeza.

E até mesmo no terreno esportivo terin um cabedal precioso para vislumbrar a brasilidade. Tem Blumenau os melhores quadros de futebol, com rendas elevadas.

E o carnaval, aqui, é coisa muito séria... Isto, cuero crer, já é o suficiente para dar a Rachel uma impressão bem melhor.

Escrevendo, como o fez, serviu a um grupo miseravel que sabota as iniciativas brasileiras, como a nossa, e que tem também os olhos negros e castanhos, falando com facilidade o português e o alemão.

OLHOS AZUIS! NEM PENSAR!

OLHOS AZUIS! NEM PENSAR!

Carlos Braga Mueller*

O ano de 1949 foi marcado por uma desgastante polêmica entre a escritora e cronista Rachel de Queiroz e a comunidade do Vale do Itajaí. Rachel tinha um espaço importante na revista semanal “O Cruzeiro”, dos Diários Associados, na época a mais importante publicação do país. Ela escrevia a crônica da última página e ali manifestava suas opiniões, nem sempre simpáticas aos que a liam. Foi assim com Blumenau e o Vale do Itajaí naquele longínquo 1949. Em sua crônica publicada em “O Cruzeiro” do dia 19 de março de 1949, sob o título “Olhos Azuis”, Rachel pisou fundo na crítica aos “europeus” que aqui viviam.

Em Blumenau ninguém falava o português, reclamava ela, e muito menos havia sentimento de brasilidade em nossos corações. A íntegra desta crônica foi publicada no nº 5/6, Tomo XLII (2002) da revista “Blumenau em Cadernos”. Claro que a população ordeira de Blumenau e do Vale do Itajaí sentiu-se atingida pelas colocações da famosa escritora. Prefeito, Vereadores, Deputados, manifestaram-se de maneira veemente contra a malfadada crônica.

Ainda estavam bem presentes na memória de todos os anos terríveis da “nacionalização” determinada pelo presidente Vargas e as perseguições que os alemães e seus descendentes haviam enfrentado durante os anos da segunda guerra mundial. Agora, que tudo havia passado, quando as feridas começavam a cicatrizar, vinha alguém denunciar que o germanismo puro continuava por aqui! Era um verdadeiro soco na cara dos blumenauenses!

* Jornalista e escritor.

O Prefeito de Blumenau, empresário Frederico Guilherme Busch Júnior, enviou a Rachel de Queiroz um ofício, manifestando a inconformidade dos blumenauenses com os conceitos emitidos na referida crônica. O documento oficial dizia o seguinte:

“Prefeitura Municipal de Blumenau, em 26 de março de 1949.
À Sra. Rachel de Queiroz
Redação de “O Cruzeiro”
Rua do Lavradio, 2203
Rio de Janeiro.

Prezada Senhora,

“Como Prefeito Municipal de Blumenau, foi com profundo pesar que tomei conhecimento da sua crônica sob o título “Olhos Azuis” inserto no “O Cruzeiro” de 19 do corrente. Lamento sinceramente que V.S., que como escritora é sobejamente conhecida no Vale do Itajaí, tenha manifestado opinião tão pouco lisonjeira sobre nossa população, demonstrando completo desconhecimento dos sentimentos de brasilidade que norteiam nossa patriótica população, sentimentos estes que absolutamente não mais podem ser postos em dúvida, sob pena de se cometer erro gravíssimo, imperdoável e injustificável. Venho, portanto, protestar veementemente contra as referências de V. autoria, lastimando que sua brevíssima passagem por nossa cidade não lhe permitisse uma análise mais profunda, mais serena, mais justa e mais honesta sobre o povo blumenauense, do qual, como Prefeito, só posso me orgulhar e que, pelo seu amor à Pátria, à Ordem e ao Trabalho, honra SC e o Brasil.

Atenciosas Saudações

Frederico Guilherme Busch Jr.

Prefeito Municipal²”

O Prefeito Busch Jr. enviou cópia deste ofício à Câmara Municipal de Vereadores e na reunião daquele poder legislativo, do dia 29 de março de 1949, os vereadores tomaram conhecimento do inteiro teor do ofício. Por proposição do vereador Herbert Georg foi então discutido e aprovado um requerimento de protesto contra o artigo “Olhos Azuis”, de Rachel de Queiroz, publicado na revista “O Cruzeiro”. Desta decisão foi dado conhecimento à autora, à direção da revista e às demais Câmaras Municipais do Vale do Itajaí, apelando para que também protestassem. Assinaram o documento, além do autor Herbert Georg, mais os seguintes vereadores presentes àquela reunião: Guilherme Jensen, Emilio Jurk, João Durval Müller, Gerhard Neufert, Erwin Zastrow, Hercílio Deeke, Otto Hennings, Affonso Balsini, e Antônio Cândido de Figueiredo. O documento dizia o seguinte:

“Exmo. Senhor

Presidente da Câmara Municipal de Blumenau.

Requero que de acordo com o Regimento Interno e consultados os senhores Vereadores, seja aprovado o seguinte voto de protesto:

A Câmara Municipal de Blumenau, representando os legítimos interesses e aspirações, bem como interpretando o pensar e sentir do seu povo laborioso, ordeiro, bom e patriótico, protesta veementemente contra as informações inverídicas e tendenciosas, contidas no artigo intitulado “Olhos Azuis”, de autoria da escritora patricia Rachel de Queiroz, publicado na revista “O Cruzeiro” de 19 de março do corrente ano. Requer, ainda, que este protesto seja encaminhado à escritora Rachel de Queiroz e comunicado à redação da revista “O Cruzeiro”. Finalizando, requer que o teor deste

2 Jornal “Cidade de Blumenau – Diário Matutino”, edição de 30 de março de 1949, quarta-feira, Ano XXV, nº 96, página 1.

protesto seja encaminhado a todas as Câmaras Municipais do Vale do Itajaí, juntamente com um apelo da Câmara Municipal de Blumenau, afim de que, igualmente, protestem junto a escritora Rachel de Queiroz pelas expressões com que redigiu aquele artigo, que demonstra desconhecimento completo dos sentimentos de patriotismo dos brasileiros do Vale do Itajaí.”³

Logo Rachel de Queiroz voltou à carga e no dia 03 de abril de 1949, o jornal “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro, também pertencente ao grupo dos Diários Associados, publicou nova crônica da escritora, desta feita mais extenso, intitulado “Nacionalização do Vale do Itajaí”, no qual reproduziu trechos inteiros do livro “Nacionalização do Vale do Itajaí”, escrito por Rui de Alencar Nogueira, um capitão do Exército que havia participado da “nacionalização” da nossa região, antes e durante o conflito conhecido como Segunda Guerra Mundial. A íntegra deste segundo artigo de Rachel de Queiroz foi publicado na revista Blumenau em Cadernos tomo XLVI – 2005 - nº 01/02 páginas 65 a 73, sob o título “Nacionalização do Vale do Itajaí”.

A indignação de Blumenau, enquanto isto, estendeu-se ao restante do Vale do Itajaí. Na Sessão da Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau, realizada no dia 19 de abril de 1949, foi registrado no expediente o recebimento de ofício da Câmara Municipal de Indaial, comunicando a aprovação de protesto contra a autora da crônica “Olhos Azuis”.

Ainda em abril de 1949, o deputado federal pelo Vale do Itajaí, Max Tavares D’Amaral, assumiu a tribuna do Parlamento Nacional, no Rio de Janeiro, para pronunciar veemente protesto contra as críticas de Rachel de Queiroz a Blumenau e sua gente.

Muito aparteado, para manifestações de apoio de outros parlamentares, Max foi aplaudido ao final do seu discurso. Na sua fala, o representante do Vale do Itajaí, indagava:

3 “A Nação” de Blumenau, órgão dos Diários Associados - edição nº 72, ano V, 31 de março de 1949, quinta-feira.

“Por que aqueles olhos azuis não podem ser brasileiros como os olhos pretos de Dona Rachel? De que alfarrábios teria ela ido buscar essa singular teoria que afere a nacionalidade pela cor da íris ? Como mulher instruída, não pode ou não deve ignorar que em certas regiões de Portugal, da França e da Itália, por exemplo, os naturais desses velhos países de tipo racial já firmado, têm os olhos azuis e os cabelos louros, como em determinadas zonas da Alemanha, principalmente no sul, os filhos da terra têm olhos e cabelos escuros. Serão porventura esses portugueses, esses franceses, italianos ou esses alemães, que divergem do tipo comum, menos lusos que os demais ? Por que hão de ser entre nós, menos brasileiros os teutos de olhos cor do céu e cabelo da cor do sol?”⁴

Na reunião que os vereadores blumenauenses realizaram em 04 de maio de 1949, foi registrado o recebimento de um ofício da Câmara Municipal de Vereadores de Brusque, comunicando a aprovação de um requerimento de protestos contra a escritora Rachel de Queiroz, pela crônica “Olhos Azuis”.

A Câmara Municipal de Blumenau recebeu, em 10 de maio de 1949, uma carta do jornalista mineiro Túlio Garcia, enviando um exemplar do jornal “Gazeta Comercial”, de Juiz de Fora, contendo um artigo intitulado “Olhos Azuis e Rachel de Queiroz”. Os jornais diários de Blumenau “A Nação”, órgão dos Diários Associados, e “Cidade de Blumenau”, não pouparam críticas à articulista. Achilles Balsini, diretor proprietário de “Cidade de Blumenau” publicou na edição de 29 de março de 1949 a crônica “Nós, os Brasileiros por Direito”, no qual destacava:

“Autor deste comentário, tenho a pinta daqueles “brasileiros” que Rachel “descobriu” no Sul e no Vale do Itajaí. Meus pais, ele da Itália, ela da Alemanha, com dois e quatro anos, para aqui vieram com seus pais,

⁴ A íntegra deste pronunciamento encontra-se registrado nas páginas de Blumenau em Cadernos, Tomo XLII – 2002 – nº 05/06, páginas 26 a 34.

ainda no Império, e trabalharam esta exuberante natureza sem desviarem-lhe o curso do progresso, assim como na certa o fizeram os pais de Rachel, tornando desolada a natureza do nordeste, tirando-lhe as florestas, abandonando depois as plantações de cana, quando da impossibilidade de continuar a explorar o trabalho do homem da terra ...

Mas aqui somos gerações brasileiras mais justas, mais sociais, mais compreensivas da dignidade do trabalho humano, mais construtivas de um Brasil produtor, cujos filhos tudo dão e pouco pedem, senão facilidades para progredir mais.”

Por que Rachel de Queiroz resolveu crucificar o povo do Vale do Itajaí? Talvez um dia alguém encontre o motivo, rebuscando arquivos da época. É possível que em visitas feitas ao nosso Vale, antes desta refrega, ela tenha sido contrariada de alguma forma, pois segundo consta, a escritora esteve na região durante os anos da guerra... Alguém lhe fez alguma desfeita? Trataram-na mal? Mas isto já é outra história.

BUROCRACIA & GOVERNO

A partir desta edição, Blumenau em Cadernos abre espaço para a publicação de uma documentação administrativa, muito procurada pelos pesquisadores. Trata-se das atas da Câmara Municipal de Blumenau, a partir de 1883.

Esta ação está sendo possível após paciente trabalho de leitura e transcrição desta fonte documental. São textos únicos que se encontram chamuscados, quebradiços e frágeis, portanto, inacessíveis ao público pesquisador. Os originais que se encontram no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, são fragmentos do acervo administrativo, sobreviventes do incêndio ocorrido em 1958, no antigo prédio da Prefeitura Municipal, local onde também estavam instalados o Fórum e o Arquivo Municipal.

Ata da sessão para nomeação de empregados da Câmara Municipal de Blumenau.

Às nove horas do dia onze de janeiro de mil oitocentos oitenta e três no Paço da Câmara Municipal de Blumenau, presente o Vereador Flores Filho, Sachtleben, Stutzer, Watson, Gomes e Medeiros sob a Presidência do primeiro dos ditos Vereadores, declarou o Presidente aberta a Sessão. Achava-se sobre a mesa um ofício do Dr. Guilherme Eberhardt, comunicando não poder prestar juramento de cargo de Juiz de Paz para que foi eleito por esta incompatibilidade visto ser Agente do Correio. Inteirada a Câmara, foi arquivado, digo foi mandado arquivar o dito ofício. Em seguida, foram nomeados para interinamente exercerem os cargos de Procurador e secretário os cidadãos Henrique Avé Lallemand e Guido von Seckendorff, por votação unânime e nomeado para o cargo de Fiscal contra o voto do Vereador Watson, os quais achando-se presentes foram convidados a prestar juramento, para interinamente exercerem os cargos para que foram nomeados e que fizeram conforme consta dos respectivos termos lavrados no livro competente. Em ato sucessivo o Presidente ordenou, de conformidade

com o Artigo 4 do Decreto de 12 de novembro de 1832 a arrecadação das contribuições municipais. Nesta mesma Sessão foi deferido o juramento ao juiz de paz mais votado da Freguesia de S. Pedro Apóstolo do Gaspar. Agostinho da Silveira Flores. Foi igualmente oficiado ao Ex.mo Governo da Província comunicando a instalação desta Câmara, e ao Dr. Juiz de Direito da Comarca de Itajaí fazendo igual comunicação, e por nada mais haver a tratar-se, suspendeu o Sr. Presidente a sessão, do que para constar mandou lavrar este termo. Em tempo: o nomeado para o cargo de Fiscal interino foi o cidadão Otto Wehmuth. Eu Henrique Watson Vereador, o fiz e subscrevi.

José Henrique Flores Filho.

Otto Stutzer.

José Joaquim Gomes.

Jacob Luiz Zimmermann.

Francisco Salvio de Sz^a Medeiros.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Sessão ordinária. Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff

Aos vinte e nove dias do mês de janeiro do ano de mil oitocentos oitenta e três no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, Comarca de Itajaí, da Província de Santa Catarina, às dez horas, da manhã reunidos os vereadores: Sachtleben, Zimmermann, Stutzer e Gomes, sob a presidência do Vereador Flores Filho, faltando, com causa justificada os vereadores Medeiros e Watson. O Presidente declarou aberta a primeira sessão ordinária desta Câmara e deu para ordem do dia a nomeação de Porteiro da mesma. Pelo Vereador Sachtleben foi proposto o cidadão Eduardo Fritsche para o referido cargo, cuja proposta foi unanimemente aprovada. Aberto o expediente foi apresentado: um ofício do Dr. Guilherme Eberhardt, declarando não poder por estar juramento do cargo de primeiro Juiz de Paz, para que foi eleito por ser Agente do Correio desta Vila, de cujo

ofício inteirado na Câmara, deliberou aceitar a exclusão oficial do Ex.mo Sr. Presidente da Província. Um ofício do Ex.mo Sr. Presidente da Província de 17 do corrente mês e como, comunicando ter nomeado os cidadãos Guilherme Scheffer, Polidoro Dias de Moura e Leopoldo Hoeschel, para primeiro, segundo e terceiro suplentes do Juiz Municipal deste termo: inteirada a Câmara ordenou que se oficiasse aos mesmos nomeados. Um outro ofício do Ex.mo Ar. E de igual data, comunicando ficar ciente de ter, dado entrada em exercício foi mandado um ofício da mesma Presidência, (rasgado) um pacote, com sementes de trigo para ser distribuído pelos Vereadores deste Município. Inteirada a Câmara resolveu (rasgado)... Coletor de rendas gerais desta Vila, requisitando os (rasgado)... celebrados pela extinta Diretoria da ex Colônia Blumenau, os atuais encarregados das passagens dos rios deste Município, afim de poder resolver sobre o serviço das mesmas passagens- uma proposta do Vereador Zimmermann para que fosse arrematado o serviço da passagem do rio Itajaí lugar denominado Belchior e no Rio S. Paulo, neste Município. Aprovada. A Câmara resolveu que o Presidente mandasse, afixar editais adiante chamando concorrentes ao serviço da aferição dos preços balanças e medidas. Estando esgotada a hora o Presidente, suspendeu a sessão convidando aos mais Vereadores para comparecerem amanhã às dez horas a fim de se prosseguir nos trabalhos da presente sessão ordinária. Eu Guido von Seckendorff secretário interino a escrevi. Vale a entrelinha supra (palavra “aprovada”), von Seckendorff.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Otto Stutzer.

Luis Sachtleben.

Jacob Luiz Zimmermann.

Jose Joaquim Gomes.

Sessão ordinária. Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos trinta dias do mês de janeiro do ano de mil oitocentos

oitenta e três, às dez horas da manhã reunidos no Paço da Câmara Municipal desta Vila de Blumenau, os Vereadores: Sachtleben Stutzer Zimmermann e Gomes sob a presidência do Vereador Flores Filho, continuando a faltar com causa justificada os Vereadores Watson e, Medeiros. o Presidente declarou aberta a sessão para continuação dos trabalhos da Sessão ordinária ontem principiada. Expediente: Foram apresentados dois requerimentos, sendo um da Viúva Dorothea Knoblauch e outro de Christiano Spernaco a primeiro pedindo, tomar arrendamento de terras (rasgado) públicas desta Vila, entre a propriedade da requerente no Rio Garcia, e o segundo, representando contra o ato particularmente e sem que procedesse processo ou forma alguma ter sido em 23 de outubro do ano próximo findo. Aberto em suas terras um caminho para uso de Carlos Peters, tem fácil saída para a estrada pública e pedindo para a Câmara depois de verificar a veracidade de sua alegação mandar fechar o dito caminho ilegalmente aberto. Em mas estes requerimentos foi posto o seguinte despacho. Informe Comissão de obras Municipais, estradas, ruas e pontes. Passando-se a ordem do dia ao Presidente foram nomeados os vereadores Otto Stutzer, Zimmermann e Gomes para a comissão de obras municipais, estradas, ruas e pontes. Deliberou esta Câmara officiar-se ao Ex.mo Governo da Província para que o mesmo se digne solicitar do Governo Geral a remessa dos padrões da aferição e regulamento respectivo; submeter a aprovação da Presidência da Província a nomeação dos empregados desta Câmara; e consultar-se a mesma em suas despesas e pagamento aos seus empregados deve regular-se pelo orçamento vigente da câmara de Itajaí, até que a Assembléia Provincial fixa a despesa desta Câmara. E por estar adiantada a hora o Presidente suspendeu por hoje os trabalhos da presente sessão ordinária, afim de se prosseguir nos mesmos amanhã às dez horas do dia. Eu Guido von Seckendorff Secretário interino o escrevi.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Otto Stutzer.

Jacob Luis Zimmermann.

Jose Joaquim Gomes.

Luis Sachtleben.

Sessão ordinária. Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano de mil oitocentos e oitenta e três, às dez horas da manhã, reunidos no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, os Vereadores Sachtleben, Stutzer, Watson, Zimmermann e Gomes, sob a presidência do Vereador, Flores Filho, continuando a faltar com causa justificada o Vereador Medeiros, declarou o Presidente aberta a Sessão Ordinária, principiada no dia vinte do corrente mês. Não havendo expediente o Presidente convidou aos Vereadores para apresentarem suas propostas. Foram apresentadas pelo vereador Watson as seguintes propostas: para que a Câmara nomeasse o cidadão João Breithaupt, engenheiro arruador desta Câmara cuja proposta foi unanimemente aprovada. Uma outra proposta para que se contratasse com Hermann Baumgarten para a publicação dos editais e mais impressões desta Câmara sendo aprovado esta proposta ficou resolvido que o referido Baumgarten apresentasse em sessão da Câmara a sua proposta de contrato. Uma outra para que fosse nomeado uma Comissão que na presente sessão apresentou um projeto de Código de Posturas e Regulamento de veículo; e sendo esta proposta aprovada foram nomeados, para essa comissão os Vereadores Watson, Sachtleben e Gomes. Uma outra proposta dos Vereadores Watson e Sachtleben para que se oficiasse a Presidência da Província solicitando autorização para, demolir o Barracão de madeira pertencente ao Estado, que existe na praça pública desta Vila, em ruínas, ficando os materiais para esta Câmara; sendo aprovado esta proposta ordenou-se que se oficiasse no sentido do mesmo ao Ex.mo Governo da Província. Pelo Vereador Zimmermann foi proposto que esta Câmara mandasse abrir as

ruas, praças e mais lugares públicos da Freguesia de São Pedro Apóstolo do Gaspar. Aprovado. Uma outra proposta do Vereador Gomes para que esta Câmara marque o quanto que em casos extraordinários poderá despende o Presidente da Câmara independentemente de autorização da mesma, cuja proposta deferida foi unanimemente aprovada e marcada a quantia de (ilegível) cinco mil réis e achando esgotado o assunto. (ilegível) suspender a sessão para continuar-se nos respectivos trabalhos amanhã às dez horas do dia. Eu Guido von Seckendorff Secretário interino o escrevi.

O Presidente da Câmara: Jose Henrique Flores Filho.

Jacob Luiz Zimmermann.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Otto Stutzer.

Jose Joaquim Gomes.

Sessão ordinária. Presidente Flores Filho, secretário von Seckendorff

Ao primeiro dia do mês de fevereiro de mil oitocentos oitenta e três as dez horas da manhã reunido no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, os Vereadores; Sachtleben, Stutzer, Watson, Zimmermann e Gomes, sob a presidência do Vereador Flores Filho, continuando a faltar com causa justificada o Vereador Medeiros; declarou o Presidente aberta a sessão para continuação dos trabalhos da sessão ordinária principiada no dia vinte e nove do mês próximo findo. Expediente. Um ofício do cidadão Guilherme Scheffer pedindo excuso do cargo de Juiz de Paz desta Paróquia, por ter sido nomeado Suplente do Juiz Municipal deste termo. Entrando em discussão, resolveu a Câmara não conceder a excusa pedida, visto não ter esse cidadão exercido ainda cargo algum eleitoral, e ter sido a sua nomeação de Suplente de Juiz Municipal, posterior a sua eleição para Juiz de Paz e ao convite desta Câmara para vir prestar juramento deste último cargo, resolvendo mais comunicar-se ao dito cidadão esta

resolução da Câmara e na forma da Lei, officiar-se a respeito desse fato ao Ex.mo Governo da Província. Foi, apresentado o parecer da Comissão da Câmara Municipal sobre o requerimento de Christiano Spernaco e em seguida nomeado procurador do mesmo foi requerido à retirada do requerimento. A Câmara concordou com as propostas de (ilegível) anuiu a que fosse retirado o requerimento. Um parecer da mesma Comissão sobre o requerimento da Viúva Dorothea Knoblauch, pedindo arrendar a parte da praça pública situada entre a propriedade da requerente e o Rio Garcia. A Câmara concordou com o parecer da Comissão e autorizou o Presidente à por em arrendamento do dito terreno, em hasta publica, sendo previamente anunciado por editais, autorizando mais o Presidente celebrar o contrato com quem mais vantagem oferecer. Uma proposta do cidadão Hermann Baumgarten para a publicação dos Editais, impressão de talões e posturas etc, publicar as atas de sessões da Câmara e todos os mais atos oficiais da mesma, em língua vernácula e na alemã, pelo espaço de quatro anos, mediante a subvenção anual de duzentos e cinqüenta milréis. A Câmara resolveu aceitar a proposta e autorizou o Presidente a celebrar o respectivo contrato, porém mediante a subvenção de duzentos mil reis anuais. Uma proposta do Vereador Sachtleben para que a Câmara designe o lugar para se fazer um curral de conselho, nesta Vila. Foi remetido a Comissão de Obras Municipais para informar e emitir parecer. Uma outra proposta do mesmo Vereador para que a Câmara alugue a qualquer dos empregados da mesma o sótão do edifício em que funciona, sob propostas em carta fechadas, para serem abertas no dia cinco do corrente mês. Aprovada. Uma proposta do Vereador Watson para esta Câmara autorize ao Presidente da mesma a contratar, com quem mais vantagens oferecer, a demolição da parede que divide as duas alas de Oeste, deste Paço, afim de fazer se suas (ilegível) sessões do Júri e para as eleições. Aprovada. Foi autorizado a mandar executar (rasgado) outra proposta do mesmo Vereador, para que a Câmara por intermédio de seu Secretário avise ao Coletor desta Vila para

no prazo de trinta dias desocupar o local deste Paço, que ocupa, afim de se transferir para o mesmo local a secretaria desta Câmara e ali celebrar a mesmas as suas sessões, enquanto estiver em obras a parte de Oeste do dito Paço; assim como que ordena ao seu Procurador para proceder na forma da lei no caso de relutância. Aprovada. Uma proposta do Vereador Sachtleben, para que esta Câmara ponha em praça pública o arrendamento do armazém da frente, deste Paço. Aprovada. e achando-se finda a hora dos trabalhos o presidente suspendeu a sessão para continuar-se nos respectivos trabalhos, no dia cinco digo no dia três do corrente às dez horas do dia. Eu Guido von Seckendorff Secretário interino o escrevi.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Luis Sachtleben.

Otto Stutzer.

Henrique Watson.

Jacob L. Zimmermann.

Jose Joaquim Gomes.

Sessão ordinária; Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos três dias do mês de fevereiro do ano de mil oitocentos oitenta e três às dez horas da manhã, reunidos no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau os Vereadores: Sachtleben, Watson, Zimmermann e Medeiros, sob a Presidência do Vereador Flores Filho, faltando com causa justificada os vereadores Gomes e Stutzer declarou o Presidente aberta a sessão para a continuação dos trabalhos da sessão ordinária principiada no mês.

Próximo findo. Lida a ata dos trabalhos dos dias antecedentes foram aprovadas. Expediente: pelo relator da Comissão de Posturas Municipais foi apresentado um projeto de código de Posturas que sendo lido foi aprovado. Pelo Vereador Watson foi requerido que se nomeasse as comissões desta Câmara, ainda por nomear, cujo requerimento sendo

atendido foram nomeados : para a Comissão de posturas municipais, e de serviço da administração dos currais municipais, os vereadores Watson, Sachtleben e Gomes para a de Fazenda, impostos, balanços e orçamentos, o Vereador Sachtleben; para a de obras municipais, ruas, estradas, praças e logradouros públicos, os vereadores Stutzer, Zimmermann e Gomes para a da justiça, guarda da Constituição e das Leis, judicatura e eleições o Vereador Medeiros; para a da instrução pública culto divino, saúde pública, prisões, casas de caridade e Biblioteca Municipal o Vereador Watson; para a de Redação o Vereador; Stutzer. Uma outra proposta do Vereador Watson para que a rua conhecida pelo nome de Alameda, nesta Vila se denomine: Boulevard Wendeburg, a rua entre a dos Atiradores e a praça pública se denomine rua Taunay; e para que a praça pública se denomine Largo Municipal. Foi adiada esta proposta. Uma proposta do mesmo Vereador para que se peça ao engenheiro arruador desta Câmara, que gratuitamente organize um mapa, em escala não menor de 1:20,000 desta Vila com um projeto de arruamento devendo a largura de 12 a 16 metros; aprovada. e por esgotado a hora, suspendeu o Presidente s sessão para continuar no dia cinco do corrente, por ser o dia amanhã feriado . Eu Guido von Seckendorff Secretário interino o escrevi.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Jacob Luis Zimmermann.

Fran.co Salvio Sz^a Medeiros.

Sessão ordinária, Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos cinco dias do mês de fevereiro de mil oitocentos oitenta e três, às dez horas da manhã, reunidos no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau os Vereadores Sachtleben, Watson, Stutzer, Gomes e

Medeiros, sob a Presidência do Vereador Flores Filho, faltando com causa justificada o Vereador Zimmermann, declarou o Presidente aberta a sessão para a continuação dos trabalhos da sessão ordinária principiada no dia vinte e nove do mês próximo findo. Lida a ata da sessão do dia antecedente, foi aprovada. Expediente: Um ofício do vice-presidente desta Província, Manoel Pinto de Lemos comunicando haver assumido no dia vinte e sete de janeiro último à administração da Província por ter-se retirado com licença para a Corte o Ex.mo Sr. Dr. Antonio Gonsalves Chaves. Inteirado. Quatro requerimentos de diversos Colonos, remetida pela presidência desta Província, pedindo a compra de lotes colônias e terrenos devolutos, inclusive um, pedindo a medição do lote que ocupa a fim de pagar ao Estado a importância do mesmo lote. Inteirado. Mandou-se passar Edital. Um requerimento de alguns moradores da Freguesia São Pedro Apóstolo do Gaspar pedindo prorrogação de prazo para demolirem as cancelas que existem em seus terrenos, assim como permissão para mudarem parte da Estrada geral da mesma Freguesia (rasgado) Câmara manda que a Comissão respectiva (rasgado) ... pretensão. Uma parte oficiou (rasgado) ... (ilegível) ... (2 linhas) tidados pelo atual encarregado da passagem do dito lugar Carlos Sohn, cuja parte oficial foi preferido o seguinte acordo: Aos Vereadores Stutzer e Watson para verificarem a procedência e veracidade das alegações expostas na presente denúncia, e sendo verídicas destituir o atual encarregado da passagem, Carlos Sohn, encarregar a pessoa idônea para fazer serviço da dita passagem até que seja, posta em hasta pública, sob as condições do atual contrato com Carlos Sohn, cujo contrato ficará rescindido sendo verdadeira e fundada a presente denúncia. Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau em 5 de fevereiro de 1883. Abertas as duas propostas para o aluguel do sótão deste Paço apresentadas pelo Procurador e pelo Secretário; em vista da igualdade das quantias oferecidas pelos pretendentes resolveu a Câmara que fossem apresentadas novas propostas na primeira reunião da mesma. Uma proposta do vereador Sachtleben, para

que esta Câmara solicite do Ex.mo Sr. Presidente da Província os móveis que serviram da extinta, Diretoria da ex Colônia Blumenau e que deixaram de ser vendidos em praça pública. Aprovada. Foi apresentado pela Comissão das obras municipais o seu parecer sobre o lugar mais conveniente para se fazer um curral de conselho nesta Vila, tendo a Comissão, escolhido a parte do terreno reservado que existe entre a rua Alameda e dos Atiradores, limitado pelo ribeirão fresco; aprovado parecer. E por nada mais haver a tratar, deu o Presidente por encerrada a presente Sessão ordinária. Eu Guido von Seckendorff Secretário int^o a escrevi

O Presidente – Jose Henrique Flores Filho.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Fran.co Carlos Medeiros.

Jose Joaquim Gomes.

Otto Stutzer.

Sessão extraordinária. Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos quinze dias do mês de fevereiro do ano de mil oitocentos oitenta e três, pelas dez horas da manhã, reunidos no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau os Vereadores: Watson, Sachtleben, Gomes e Medeiros, sob a Presidência do Vereador Flores Filho, foi aberta a sessão, faltando os vereadores Stutzer e Zimmermann. Lida a última ata da Sessão ordinária foi aprovada. Expediente: Um requerimento de Carlos Bachmann pedindo as madeiras da ponte velha na Itoupava, em vista do contrato que celebrou com o Engenheiro Chefe da Comissão de Estradas e Caminhos na ex Colônia Blumenau; em cujo requerimento foi posto o seguinte despacho: Prove o alegado. Três ofícios do Ex.mo Sr. Presidente, pedindo informações minuciosas sobre o estado geral: digo Três ofícios do Ex.mo Sr. Presidente da Província, de 7, 8 e 10 do corrente mês, acusando a recepção de ofícios desta Câmara. Inteirado. Uma circular da mesa Presidência, pedindo informação

minuciosa sobre o estado geral da agricultura, e das indústrias pastoril, cerica e apícola neste Município; foi remetido à Comissão respectiva. Um ofício do Cidadão Guilherme Scheeffe, comunicando haver entrado no exercício do cargo de Juiz Municipal deste Termo, na qualidade de primeiro Suplente; Inteirado. Quatro requerimentos de diversos Colonos pedindo a compra de terrenos devolutos. Mandou-se afixar editais. Uma parte oficial ao Inspetor de quarteirão do distrito da Itoupava, Gottlieb Reif representando sobre o estado do caminho que de suas terras se dirija a estrada pública. Ao Fiscal. Foi apresentado parecer e resolução da Comissão de inquérito nomeados (ilegível) dos fatos (rasgado) Carlos Sohn e (rasgado) da dita Comissão em rescindir o contrato da Passagem de Passo Manso com Carlos Sohn e encarregar a Bernardo Hesse para continuar a fazer o serviço da dita passagem. Pelo Vereador Sachtleben foi proposto o que a Câmara mande consertar os boeiros que existem na estrada geral, em frente a propriedade de Theodoro Schmidt, cuja proposta foi aprovada e ordenado os concertos dos ditos boeiros. O Vereador Medeiros foi proposto que a Câmara mande abrir na Freguesia de São Pedro Apóstolo do Gaspar a segunda rua desde a Matriz até a estrada pública que segue para Brusque, sendo preenchidas as quadras como também dar esgoto as águas da praça pública e aterrar a rua principal e serem limpas as barrancas do rio em frente desta rua, sob a direção do Presidente Jose Henrique Flores Filho, pondo a disposição à quantia de duzentos mil réis para dar principio ao dito serviço; Posto em discussão esta proposta foi aprovada, devendo porém previamente a respectiva Comissão para orçar as despesas proposta do Vereador Sachtleben para que esta Câmara autorizasse venda a Augusto Herbst, de dez boeiros de barro. Aprovada. autorizando-se ao Procurador desta Câmara a efetuar a venda a 200 réis cada boeiro. Foram abertas as propostas para aluguel do Sótão do Paço desta Câmara, e preferida a de Guido von Seckendorff, secretário da mesma, por ser a mais vantajosa aos interesses da dita Câmara. Pelo Vereador Watson foi apresentada uma proposta para que a Câmara

solicite da Assembléia provincial que no Orçamento da Receita Municipal seja esta Câmara autorizada a cobrar o imposto de 100 reis por dúzia de madeira e de cinco réis (5 réis) por 0,22.m. sobre vigas, com aplicação ao Hospital desta Vila foi aprovada a proposta e oficiado, a Assembléia provincial, (ilegível). Pela Comissão respectiva foi apresentado a proposta do orçamento (rasgado) e o da despesa desta Câmara para o exercício (rasgado)... discutida foi aprovada o voto do Vereador Watson que declarou apresentar na primeira sessão as razões de seu voto. Oficiou-se a Presidência da Província e a da Assembléia Legislativa provincial remetendo se a proposta do orçamento da receita e da despesa, e a do Código de Posturas, desta Câmara. E por nada mais haver a tratar e estar esgotado a hora, suspendeu o Presidente a sessão do que para constar se lavrou esta ata. Eu Guido von Seckendorff, Escrivão interino o escrevi.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Fran.co Carlos Medeiros.

Jose Joaquim Gomes.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Sessão extraordinária, Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff.

Aos cinco dias do mês de março de mil oitocentos oitenta e três, pelas dez horas da manhã reunidos no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau os Vereadores Medeiros, Gomes, Sachtleben e Watson, sob a presidência do Vereador Flores Filho, foi aberto a Sessão. Lida a ata da Sessão antecedente foi aprovada. Expediente: Dois ofícios e duas circulares da Presidência da Província; Inteirada. Uma parte oficial do Inspetor de Quarteirão da Estrada dos Pomeranos; ao Fiscal, para providenciar um ofício de Joaquim Xavier Cº Bittancourt, Promotor Público da Comarca de Itajaí, comunicando ter entrado em exercício; Inteirado. Uma petição

de Adolpho Marx, solicitando conserto de várias pontes e caminhos; Em tempo oportuno será atendido. Uma outra petição de Guilherme Schroeder, requerendo por arrendamento a praça pública sita na povoação Aquidaban, assim como mais duas petições, sendo uma Julio Ziesemer e outro de Jose Maria de Souza o primeiro pedindo arrendar uma das praças públicas na povoação do Warnow, e o segundo solicitando a Presidência da Província a compra de terras devolutas no Distrito Barracão, mandou-se publicar editais. Uma petição de Luiz Altenburg, pedindo continuar a ter arrendado os terrenos fronteiros a Igreja Matriz da Freguesia de São Pedro Apóstolo, dos quais o Sup.te foi arrendatário a Diretoria da ex Colônia Blumenau; autorizou-se o Presidente da Câmara a celebrar contrato do arrendamento com o requerente, por quantia não inferior a cinco mil reis anuais. Oficiou-se a Presidência da Província pedindo para ser adiada a venda em hasta pública do terreno entre as ruas Alameda e dos Atiradores e o ribeirão fresco, anunciado pela Coletoria de ordem da Tesouraria de Fazenda Geral, para o dia 16 do corrente mês e mandou se publicar editais nesse sentido. Pelo Dr. Hermann Blumenau, por intermédio de seu procurador o Sr. Henrique Avé Lallemand, foram ofertados a esta Câmara os seguintes objetos: Um mapa grande de todo o município de Blumenau, duas tabelas estatísticas da Ex Colônia Blumenau, um mapa dos terrenos doados pelo referido Dr. H. Blumenau a comunidade evangélica desta Vila. Uma esfinge antiga, de S.M.O.I., (Sua Majestade o Imperador) em guarnição dourada. E por estar adiantada a hora, suspendeu o Presidente a sessão, do que para constar se lavrou esta ata. Eu Guido von Seckendorff Secretário interino o escrevi.

O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Fran.co Carlos Medeiros.

Jose Joaquim Gomes.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Ata da sessão para nomeação de empregados da Câmara

Municipal de Blumenau.

Às nove horas do dia onze de janeiro de mil oitocentos oitenta e três no Paço da Câmara Municipal de Blumenau, presente o Vereador Flores Filho, Sachtleben, Stutzer, Watson, Gomes e Medeiros sob a Presidência do primeiro dos ditos Vereadores, declarou o Presidente aberta a Sessão. Achava-se sobre a mesa um ofício do Dr. Guilherme Eberhardt, comunicando não poder prestar juramento de cargo de Juiz de Paz para que foi eleito por esta incompatibilidade visto ser Agente do Correio. Inteirada a Câmara, foi arquivado, digo foi mandado arquivar o dito ofício. Em seguida, foram nomeados para interinamente exercerem os cargos de Procurador e secretário os cidadãos Henrique Avé Lallemand e Guido von Seckendorff, por votação unânime e nomeado para o cargo de Fiscal contra o voto do Vereador Watson, os quais achando-se presentes foram convidados a prestar juramento, para interinamente exercerem os cargos para que foram nomeados e que fizeram conforme consta dos respectivos termos lavrados no livro competente. Em ato sucessivo o Presidente ordenou, de conformidade com o Artigo 4 do Decreto de 12 de novembro de 1832 a arrecadação das contribuições municipais. Nesta mesma Sessão foi deferido o juramento ao juiz de paz mais votado da Freguesia de S. Pedro Apóstolo do Gaspar. Agostinho da Silveira Flores. Foi igualmente oficiado ao Ex.mo Governo da Província comunicando a instalação desta Câmara, e ao Dr. Juiz de Direito da Comarca de Itajaí fazendo igual comunicação, e por nada mais haver a tratar-se, suspendeu o Sr. Presidente a sessão, do que para constar mandou lavrar este termo. Em tempo: o nomeado para o cargo de Fiscal interino foi o cidadão Otto Wehmuth. Eu Henrique Watson Vereador, o fiz e subscrevi.

Jose Henrique Flores Filho.

Otto Stutzer.

Jose Joaquim Gomes.

Jacob Luiz Zimmermann.

Fran.co Salvio de Sz^a Medeiros.

Luis Sachtleben.

Henrique Watson.

Sessão ordinária. Presidente Flores Filho, Secretário von Seckendorff

Aos vinte e nove dias do mês de Janeiro do ano de mil oitocentos oitenta e três no Paço da Câmara Municipal da Vila de Blumenau, Comarca de Itajaí, da Província de Santa Catarina, às dez horas, da manhã reunidos os vereadores: Sachtleben, Zimmermann, Stutzer e Gomes, sob a presidência do Vereador Flores Filho, faltando, com causa justificada os vereadores Medeiros e Watson. O Presidente declarou aberta a primeira sessão ordinária desta Câmara e deu para ordem do dia a nomeação de Porteiro da mesma. Pelo Vereador Sachtleben foi proposto o cidadão Eduardo Fritsche para o referido cargo, cuja proposta foi unanimemente aprovada. Aberto o expediente foi apresentado: um ofício do Dr. Guilherme Eberhardt, declarando não poder por estar juramento do cargo de primeiro Juiz de Paz, para que foi eleito por ser Agente do Correio desta Vila, de cujo ofício inteirado na Câmara, deliberou aceitar a escusão oficiar do Ex.mo Sr. Presidente da Província. Um ofício do Ex.mo Sr. Presidente da Província de 17 do corrente mês e como, comunicando ter nomeado os cidadãos Guilherme Scheffer, Polidoro Dias de Moura e Leopoldo Hoeschel, para primeiro, segundo e terceiro suplentes do Juiz Municipal deste termo: inteirada a Câmara ordenou que se oficiasse aos mesmos nomeados. Um outro ofício do Ex.mo Ar. E de igual data, comunicando ficar ciente de ter, dado entrada em exercício foi mandado um ofício da mesma Presidência, (rasgado) um pacote, com sementes de trigo para ser distribuído pelos Vereadores deste Município. Inteirada a Câmara resolveu (rasgado)... Coletor de rendas gerais desta Vila, requisitando os (rasgado)... celebrados pela extinta Diretoria da ex Colônia Blumenau, os atuais encarregados das

passagens dos rios deste Município, afim de poder resolver sobre o serviço das mesmas passagens- uma proposta do Vereador Zimmermann para que fosse arrematado o serviço da passagem do rio Itajaí lugar denominado Belchior e no Rio S. Paulo, neste Município. Aprovada. A Câmara resolveu que o Presidente mandasse, afixar editais adiante chamando concorrentes ao serviço da aferição dos preços balanças e medidas. Estando esgotada a hora o Presidente, suspendeu a sessão convidando aos mais Vereadores para comparecerem amanhã às dez horas afim de se prosseguir nos trabalhos da presente sessão ordinária. Eu Guido von Seckendorff secretário interino a escrevi. Vale a entrelinha supra (palavra “aprovada”), von Seckendorff.

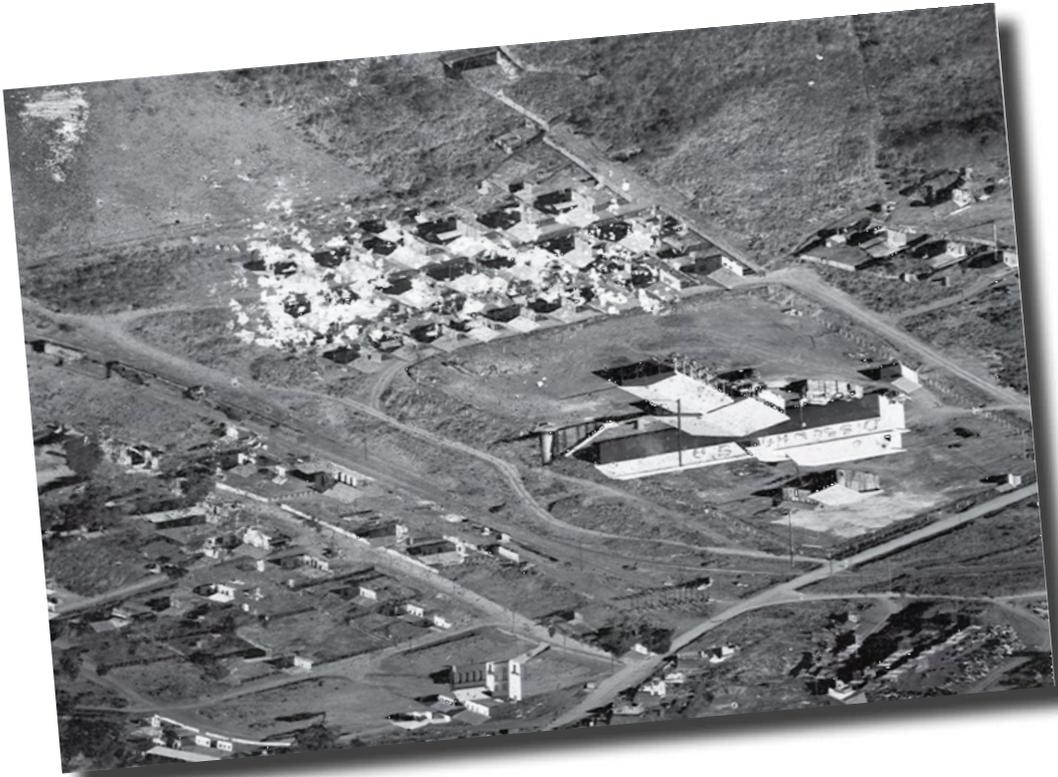
O Presidente: Jose Henrique Flores Filho.

Otto Stutzer.

Luis Sachtleben.

Jacob Luiz Zimmermann.

Jose Joaquim Gomes.



QUEM CONHECE CALMON?

QUEM CONHECE CALMON?

Enéas Athanázio*

Embora pouco conhecida dos catarinenses em geral, a pequena cidade de Calmon, ao norte do Estado, tem uma história interessante e seu passado foi movimentado como poucos, repleto de incidentes que marcaram fundo a alma de sua gente.

Como meu padraсто fosse funcionário da célebre Companhia Lumber (Southern Brazil Lumber & Colonization Company), integrante do Sindicato de Percival Farquhar, lá passei muitas férias do Colégio, em contato direto com seu povo, numa relação que nunca se rompeu.

Situada na região norte do Planalto, Calmon se chamava Osman Medeiros e nasceu às margens da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, depois Rede Viação Paraná-Santa Catarina, cerca de 60 quilômetros ao sul de Porto União, na chamada Linha Sul, que cortava todo o Vale do Rio do Peixe e terminava em Marcelino Ramos (RS). Por longos anos pertenceu a Porto União, como distrito, e depois a Matos Costa, até que obteve sua emancipação como comuna independente há uns quinze anos. Tem uma população estimada em 4.000 habitantes, sua Câmara é composta por nove vereadores e pertence hoje à comarca de Caçador. Está situada a uma altitude de 1.181m, o que faz dela uma das localidades mais frias do Estado. Durante meio século batalhou pelo asfaltamento da rodovia que cruza seus limites urbanos, por ironia conhecida como Estrada da Amizade. Esse sonho foi concretizado pelo Governador Luiz Henrique, dotando-a de uma estrada excelente, bem planejada e sinalizada, que parte de Caçador, atinge Calmon e passa por Matos Costa, São Miguel da Serra e vai até Porto União, ligando-a ao sistema viário nacional. Os habitantes da região enfim se livraram das pedras e buracos que tornavam suas viagens, mesmo curtas, verdadeiras aventuras.

Calmon foi uma das sedes da Companhia Lumber e a outra

* Advogado e escritor

ficava em Três Barras, ambas administradas pela direção geral, no Rio de Janeiro. Essa multinacional é apontada pelos historiadores como uma das causadoras da Guerra do Contestado (1912/1916), o mais sangrento levante da história nacional, envolvendo também a questão de limites com o Paraná e o misticismo dos “monges” João Maria, que foram dois, e José Maria, o “monge guerreiro.” Serviu de palco para violentos atos de guerra, a população foi forçada a fugir e inúmeras pessoas pereceram, vítimas dos ataques dos revoltosos. A população local designava esses episódios como a Revolta dos Jagunços e foi assim que ouvi falar deles desde os dias de criança. Matos Costa, distante vinte quilômetros, também sofreu violentos ataques, lá se travaram grandes batalhas e foi incendiada. É natural, portanto, que Calmon e a região guardem muitos sinais de um conflito que durou tantos anos, não apenas físicos, mas também na memória coletiva e na tradição oral. A revolta foi batizada pelos historiadores, mais tarde, como Guerra do Contestado e assim ficou consagrada.

O território onde se situa o município foi permutado entre o Governo Federal e Percival Farquhar pela construção da ferrovia. Pretendia o Governo impulsionar o desenvolvimento da região, mas não esperava que os caboclos e índios, habitantes da terra que foram desalojados, reagissem com tal bravura e por tanto tempo. Para vencer a resistência foi necessária a movimentação de uma força militar jamais usada no país, envolvendo até mesmo o emprego da aviação, quando pereceu o Tenente Ricardo João Kirk, a primeira vítima da aviação militar brasileira. A Lumber, tão logo foi concluída a ferrovia, deu início à serragem dos pinheiros a madeiras de lei em serrarias próprias e associadas, cortando milhões de árvores, havendo quem estime em até um bilhão delas em toda a região. Usava serras-fitas modernas e guinchos poderosos, ainda hoje lembrados pelos moradores mais antigos. A fantástica renda auferida pela Companhia se esvaiu pelos vãos dos dedos e nada ficou. Nem uma estrada, uma escola, um hospital, um melhoramento urbano. Até as casas dos funcionários e operários, construídas com madeiras sem qualidade, desapareceram sem deixar vestígios. Para completar, a ferrovia foi desativada e está entregue ao abandono e ao vandalismo. Nem ela restou.

ÍNDICE DA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS 2011

| Título | Autor | Nº | Página |
|--|--|-----------|---------------|
| Documentos originais / Viajante Rumo à colônia / Zur Kolonie | Emilie Heinrichs / Tradução: Adriana Maximino dos Santos | 01 | Pág.07 |
| Artigo Entre lousas e palmatórias: Memórias da educação no Vale do Itajaí | Carla Fernanda da Silva | 01 | Pág.55 |
| O Estado Novo (1937-1945) e a Neue Deutsche Schule | Jader Rene Cipriani | 01 | Pág.71 |
| Entrevista Tesoura Júnior | Altair Carlos Pimpão | 01 | Pág.92 |
| Autores Catarinenses Altino Flores | Enéas Athanázio | 01 | Pág.120 |
| Documentos originais / Lembranças de imigrante No trabalho / An der Arbeit | Emilie Heinrichs / Tradução: Adriana Maximino dos Santos | 02 | Pág.07 |
| Artigo Discussão de fontes primárias | Rafael Hoerhann | 02 | Pág.31 |
| Capitalismo e território, um olhar de aproximação entre o teórico e o empírico: observações e verificações in loco no vale do Itajaí - Mirim, SC | Urda Alice Klueger Nilson Cesar Fraga | 02 | Pág.58 |
| Memórias Colégio Normal Sagrada Família: o colégio das freiras | Ellen Crista da Silva Colaboração: Sueli Scharf da Costa | 02 | Pág.79 |
| Entrevista “Ouvi essa música e ela me pegou”. Entrevista com Noemi da Silva Kellermann | Viegas Fernandes da Costa | 02 | Pág.96 |
| Autores catarinenses Livros sobre o Contestado | Enéas Athanázio | 02 | Pág.121 |
| Documentos originais / Lembranças de imigrante Depois de três anos/Nach drei Jahren | Emilie Heinrichs / Tradução: Adriana Maximino dos Santos / Manuela Acássia Accácio | 03 | Pág.07 |

| | | | |
|---|--|----|---------|
| Artigo O PCB em Blumenau: entre a história e a memória | Edison Lucas Fabricio | 03 | Pág.44 |
| Memórias Aulas de Datilografia | Ellen Crista da Silva | 03 | Pág.77 |
| Correspondências de imigrantes Um Jardim Zoológico no Sul do Brasil | Wilh. Sclüter de Halle a.S / Tradução: Valéria C. de Oliveira Mailer | 03 | Pág.86 |
| Entrevista O que o Samae atende hoje em Blumenau? Entrevistado: Diretor da Samae Guelfo Roveri | Luiz Antonio Soares/Danilo Gomes | 03 | Pág.93 |
| Fragmentos da nossa história local Avenida Beira Rio | Jornal Lume | 03 | Pág.115 |
| Autores Catarinenses Curioso Capítulo de Nossa História | Enéas Athanázio | 03 | Pág.121 |
| Documentos originais / Lembranças de imigrante Depois de três anos/Nach drei Jahren | Emilie Heinrichs / Tradução: Adriana Maximino dos Santos / Manuela Acássia Accácio | 04 | Pág.07 |
| Artigo Literatura de expressão alemã no Brasil: transtextualidade e construção identitária em Tauschungen de Wilhelm Rotermond | Imgart Grützmann Evelise Kunzler | 04 | Pág.46 |
| Biografia A Família Freygang e a Construção de Blumenau. | Sueli Freygang | 04 | Pág.83 |
| Entrevista Movimento Estudantil na Furb | Roberto Diniz Saut entrevistado por Liane Kirsten | 04 | Pág.103 |
| Autores Catarinenses Algumas obras de Péricles Prade | Enéas Athanázio | 04 | Pág.122 |

| | | | |
|---|---|----|--------------------|
| Documentos originais / Lembranças de imigrante O Regresso ao nosso país/ Heimwärts | Emilie Heinrichs | 05 | Pág.07 |
| Artigo A colônia Blumenau nas exposições universais: premiações e representações (1860-1883) | Mariana Luiza de Oliveira Cristina Ferreira | 05 | Pág.20 |
| Industrialização e Tecnologia no Vale do Itajaí e Nordeste de Santa Catarina | Rafael dos Santos | 05 | Pág.40 |
| Escravidão, moralidade e justiça na freguesia de Camboriú, da Villa do Itajahy (1866) | José Bento Rosa da Silva | 05 | Pág.72 |
| As águas do Rio Itajaí-Açu engolem a octogenária paineira: Blumenau perde um marco de referência na paisagem. | Silvia Odebrecht / Cibele Odebrecht Noll | 05 | Pág.84 |
| Fragmentos de nossa história local A construção da sede para a Sociedade Ginástica Blumenau Turnverein Blumenau, Süd Brasilien | Gustav Arthur Koehler / Tradução: Ellen J. Wollmer | 05 | Pág.91 |
| Burocracia e Governo A contribuição municipal ao desenvolvimento da agropecuária | Sem autor | 05 | Pág.98 |
| Correspondência de Imigrantes | Richard Becker / Tradução: Brigitte Brandenburg Franz Pfütenreiter / Tradução: Alfredo Herbert Cardoso | 05 | Pág.110 Pág.116 |
| Autores Catarinenses Um colecionador apaixonado | Enéas Athanázio | 05 | Pág.118 |

| | | | |
|--|---|----|---------|
| Documentos originais / Lembranças de imigrante A Colonização do Município de Blumenau nos últimos trinta anos / Die Kolonisation des Munizips Blumenau in den letzten dreiss ig Jahren | Von O. W. | 06 | Pág.07 |
| Artigo O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau (1974) | Vanessa Nicoceli ² Cristina Ferreira ³ | 06 | Pág.22 |
| Artigo A Arma do Negócio: Reflexos da Guerra na Publicidade | Roberto Marcelo Caresia | 06 | Pág.50 |
| Artigo MUSAS, DEUSAS, COLECCIONISMO E EDUCAÇÃO: As práticas museológicas e o Museu da Família Colonial | Ma. Mariana Girardi Barbosa Silva | 06 | Pág.75 |
| Memórias OLHOS AZUIS! NEM PENSAR! | Carlos Braga Mueller | 06 | Pág.94 |
| Burocracia e Governo Atas Câmara Municipal de Blumenau | Sem autor | 06 | Pág.101 |
| Autores catarinenses Quem conhece Calmon? | Enéas Athanázio | 06 | Pág.119 |

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br